Rota Histórica das Linhas de Torres

GUIA

Rota Histórica
das Linhas de Torres

eea grants

FICHA TÉCNICA

COORDENAÇÃO
Carlos Silveira
Carlos Guardado da Silva
Ana Catarina Sousa
Graça Soares Nunes

TEXTOS
Ana Catarina Sousa [ACS]
Ana Correia [AC]
Carlos Guardado da Silva [CGS]
Carlos Silveira [CS]
Florbela Estêvão [FE]
Paula Ferreira [PF]
Sandra Oliveira [SO]

REVISÃO
Equipa da UT5 – Publicações
Francisco de Sousa Lobo

EQUIPA DA UNIDADE TÉCNICA 5 – PUBLICAÇÕES
Graça Soares Nunes
Ana Catarina Sousa
Ana Correia
Carlos Guardado da Silva
Carlos Silveira
Florbela Estêvão
Isabel Silva
Joaquim Jorge
Natália Calvo
Paula Ferreira
Rui Brás
Sandra Oliveira
Susana Gonçalves

CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS
António Pedro Vicente
Biblioteca Nacional de Portugal
Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos
Câmara Municipal de Loures
Câmara Municipal de Mafra
Câmara Municipal de Sobral de Monte Agraço
Câmara Municipal de Torres Vedras
Câmara Municipal de Vila Franca de Xira
Carlos Guardado da Silva
Carlos Silveira
Fernando Zarcos
Florbela Estêvão
Francisco de Sousa Lobo
Gabinete de Estudos Arqueológicos/
Direção de Infraestruturas do Exército
Instituto Geográfico do Exército
Museu Municipal Leonel Trindade
Royal Engineers Museum

DESIGN
www.tvmdesigners.pt

EDIÇÃO
PILT – Plataforma Intermunicipal
para as Linhas de Torres

IMPRESSÃO Gráfica Maiadouro
TIRAGEM 6000 exemplares
DEPÓSITO LEGAL 338 329/12
1ª EDIÇÃO – NOVEMBRO 2011

CATALOGAÇÃO
Rota Histórica das Linhas de Torres : Guia / coord.
Carlos Silveira, Carlos Guardado da Silva, Ana Catarina
Sousa, Graça Soares Nunes; [textos de] Ana Catarina
Sousa, Ana Correia, Carlos Guardado da Silva,
Carlos Silveira, Florbela Estêvão, Paula Ferreira,
Sandra Oliveira. – Vila Franca de Xira : PILT, 2011.
– 120 p. : il. ; 20 cm
ISBN 978-989-8398-14-7

CDU
355.48 Linhas de Torres Vedras (036)
94(469.411)“1809/1811” (036)
94(4)“1807/1814” (036)

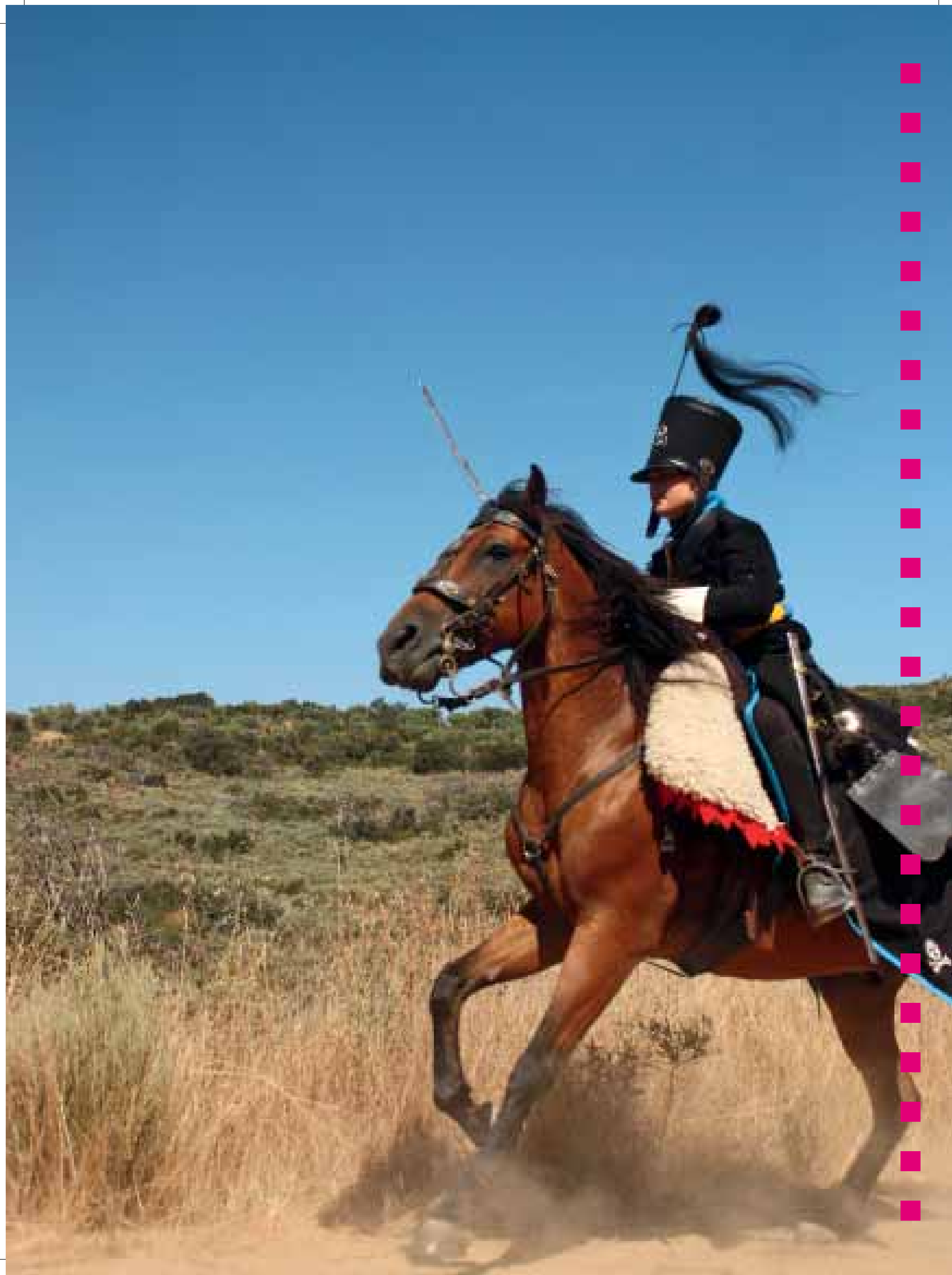
SIGLAS

CMAV	Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos
CML	Câmara Municipal de Loures
CMM	Câmara Municipal de Mafra
CMSMA	Câmara Municipal de Sobral de Monte Agraço
CMTV	Câmara Municipal de Torres Vedras
CMVFX	Câmara Municipal de Vila Franca de Xira
MMLT	Museu Municipal Leonel Trindade (Torres Vedras)
GEA/DIE	Gabinete de Estudos Arqueológicos/ Direção de Infraestruturas do Exército
MMVFX	Museu Municipal de Vila Franca de Xira

CAPA: Vista do vale do Lisandro a partir do Forte do Zambujal. Foto: CMM

Guia_RHLT_port.indd 2 12/01/04 17:15

SUMÁRIO



Em 1810, a península a norte de Lisboa viu erguer-se um dos sistemas militares mais eficazes do Mundo, as Linhas de Torres Vedras. Antecipando uma terceira invasão napoleónica que planeava capturar a capital do país, foram construídas em segredo três linhas com 152 fortificações, numa região acidentada de 88 km, entre o rio Tejo e o Atlântico, numa colaboração estreita dos engenheiros britânicos com a população portuguesa. Uma terceira linha em Oeiras assegurava o embarque do exército britânico, em caso de insucesso militar.

Juntando esforços que asseguraram a vitória de há dois séculos, constituiu-se a Rota Histórica das Linhas de Torres, produto turístico que reúne numa causa comum seis municípios da região: Arruda dos Vinhos, Loures, Mafra, Sobral de Monte Agraço, Torres Vedras e Vila Franca de Xira. Empenhámo-nos na investigação da história local relacionada com as invasões e concebemos um projeto integrado de salvaguarda, recuperação e valorização de mais de vinte fortes das Linhas de Torres Vedras, criando percursos pela região apoiados numa rede intermunicipal de centros de interpretação. Tudo foi viabilizado pelo esforço intermunicipal e através do cofinanciamento do Mecanismo Financeiro do Espaço Económico Europeu – EEAGrants.

Todo este empenho permite-nos agora apresentar o *Guia da Rota Histórica das Linhas de Torres*. Convidamos o viajante a descobrir um património que é de todos e a fazer uma viagem no tempo pelos seis percursos da primeira e segunda Linhas de Torres, atravessando desfiladeiros e vales onde a vista se perde, do rio Tejo ao grande Oceano, descobrindo a história, os sabores e as culturas locais, um património único de Portugal e da Europa para o mundo.

MARIA DA LUZ ROSINHA

Presidente da Plataforma Intermunicipal
para as Linhas de Torres (PILT)

⟵
Recriação do cerco de Almeida, 2010.
Foto: Carlos Guardado da Silva

A PENÍNSULA DE LISBOA

A península de Lisboa oferece uma paisagem matizada entre as argilas vermelhas dos vales mais ou menos profundos e os solos de Alqueidão alcandorados nas encostas e montes, emergindo, aqui e ali, os afloramentos calcários que, procurando erguer-se dos solos, contrastam com os verdes e castanhos da vegetação, que se veste cada dia de cor diferente para receber o visitante. Neste quadro variegado, também o relevo escapa à monotonia dos dias, onde o território, entre as serras do Montejunto e de Sintra e a planície tagana, se formou como se o Criador tivesse prolongado no esquiço do oceano o traçado ondulante dos montes e vales entre o Atlântico e o Tejo. Deste modo, se desenhou



Mapa das Linhas de Torres Vedras e sua ligação com Lisboa nos anos de 1810 e 1811. In Luz Soriano – *História da Guerra Civil e do estabelecimento do governo parlamentar em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1874. T. 3

a Península de Lisboa limitada a norte por uma linha imaginária móvel, que o destino haveria de fixar definitivamente entre Torres Vedras e o rio Tejo. Várias são as ribeiras de curso torrencial que cruzam horizontalmente a região: do interior para o litoral, as ribeiras de Alcabrichel, Sizandro e Lisandro; do interior para o Tejo, as ribeiras de Ota e Trancão. Qualquer tentativa de delimitar este espaço é, por si só, inglória, porque este nunca foi um espaço fechado, mas sobretudo de passagem das gentes, entre o norte e o sul entre o litoral e interior. Também por isso, este território não cabe todo dentro de si, projetando-se no território vizinho, porque nunca existe uma fronteira rígida num espaço de permanente cruzamento de vivências quotidianas.


Recriação no forte de São Vicente. Foto: CMTV

Os seus solos são generosos, como sempre foram, atraindo gentes desde a Idade Média. Neste espaço estenderam o seu património os monges de Santa Maria de Alcobaça, Santa Cruz de Coimbra, Celas, São Vicente de Fora e Santa Maria de Oia, assim como as ordens militares do Hospital e Santiago, testemunhando todos uma intensa prática agrícola, onde os vinhos assumiam, e assumem, um lugar de destaque. Os vinhos de Torres Vedras que Arthur Wellesley, então visconde de Wellington, bebeu enquanto residiu em Portugal, assim como o vinho Bucelas preferido de Byron. Os mesmos vinhos que Arruda tomou por apelido!

A GUERRA PENINSULAR

No início de 1810, Napoleão Bonaparte tinha consciência de que o seu maior problema se encontrava em Portugal, pelo que era necessário conquistar Lisboa e expulsar os ingleses. Desde 1806, quando o imperador decretara o Bloqueio Continental, Portugal mantinha uma política de neutralidade, próxima porém de Inglaterra, a sua velha aliada desde 1386. Por duas vezes,


Napoleão no seu gabinete em Paris. Óleo sobre tela de Jacques-Louis David, 1812. National Gallery of Art, Washington

Napoleão tentara submeter Portugal enviando os seus exércitos, sob o comando de Junot, em 1807, e Soult, em 1809. E, por duas vezes, saíram derrotados devido ao contributo dos soldados ingleses comandados por Arthur Wellesley.

Terminadas as campanhas militares na Áustria, em 1809, onde Napoleão adquirira nova vitória, e firmada a Paz de Schönbrunn, o imperador voltara as suas atenções para a Península Ibérica, a *úlcera sangrante*, decidindo uma nova ofensiva contra Espanha e Portugal. Por decreto imperial de 3 de abril de 1810, Napoleão criou *l'Armée de Portugal*, um exército de 86 mil homens, composto pelos 2º, 6º e 8º Corpos do Exército de Espanha, comandados por Reynier, Ney e Junot, respetivamente. A 17 de abril de 1810, também por decreto, o imperador confiou essa missão a André Massena, duque de Rivoli e Príncipe d'Essling. Massena deveria tomar Lisboa, ficando o ataque principal a seu cargo, pela Beira Alta, devendo neutralizar Cidade Rodrigo e Almeida, sendo secundado por Soult que, a partir do Alentejo, deveria dirigir-se a Lisboa, pela margem esquerda do Tejo.

Por ordens de Napoleão, o Exército de Portugal só avançou para sul, depois do cerco de Almeida (15 a 28 de agosto), no fim da época estival, defendendo os seus soldados das elevadas temperaturas. Esta decisão, assim como a longa demora no cerco de Ciudad Rodrigo, que teve lugar entre 25 de abril e 10 de julho, para além do mau estado dos caminhos, atrasaram a marcha das tropas napoleónicas, tendo permitido a Wellington a melhoria do seu plano na defesa de Portugal, e obrigado a uma alteração na construção das Linhas de Torres Vedras, ocorrida em julho de 1810. A lenta e difícil marcha da artilharia obrigou Massena a permanecer ainda alguns dias em Viseu, o que favoreceu os planos de Wellington, tal como a espera em Almeida para


Massena. Gravura, século XIX. MMLT, Torres Vedras

a recomposição do exército, de onde partiria para sul somente a 15 de setembro. Entre os percursos possíveis, Massena decidiu avançar na direção de Coimbra, ignorando que jamais poderia descer pela margem direita do rio Mondego como advertira Boucherat, que acompanhara Junot na invasão de Portugal, em 1807. As referências topográficas de que dispunha Massena não eram as mais atualizadas, ainda que estas se encontrassem em solo francês, nem tampouco os portugueses que o acompanhavam, como o general Pamplona e o marquês de Alorna, lhe deram grande ajuda, uma vez que também eles desconheciam os caminhos. De Coimbra para sul, Massena encontrou um país silencioso e deserto de gente obrigada a correr na frente do exército francês que, no cumprimento das ordens de Wellington, procurou refugiar-se no interior das Linhas de Torres Vedras, que se encontravam em construção, desde inícios de novembro de 1809. Pois Wellington, sabendo que os exércitos de Napoleão se abasteciam no terreno, e tendo o apoio da Coroa, impôs uma política de *terra queimada*, exigindo às populações o abandono das suas casas e dos seus haveres, que deveriam destruir ou transportar consigo, para que nenhum soldado francês se pudesse apossar deles. Mal sabia o general inglês que ao homem é muito difícil destruir o que duramente conseguiu obter com o seu suor!



Marechal-general Lord Wellington. Gravura de Bartolozzi, 1810. MMLT, Torres Vedras

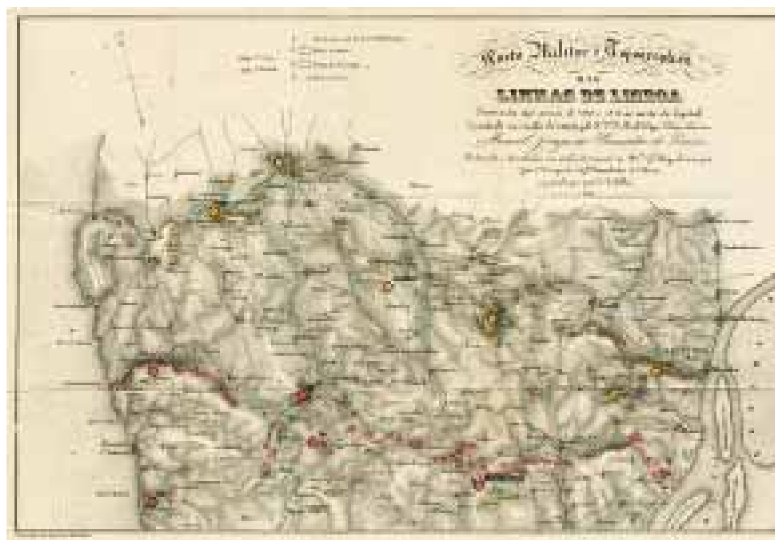
Wellington, vendo o percurso tomado por Massena pela margem direita do Mondego, reuniu forças para tentar defender Coimbra, apoiando-se na serra do Buçaco. O Príncipe d'Essling contava então com cerca de 65 mil homens. Ali, travaram batalha os exércitos anglo-luso e napoleónico, a 27 de setembro de 1810, tendo terminado com uma vitória reclamada pelos ingleses, certamente se tivermos em conta o número de baixas, mas sobretudo uma vitória adiada, cujo desfecho só conheceriam mais tarde nas Linhas de Torres Vedras.

Cercado Wellington, retirou-se para Coimbra e dali até Condeixa em direção ao sul. A 7 de outubro, as forças anglo-lusas alcançaram as Linhas de



Fuga das populações. Gravura de Nogueira da Silva, 1863.
In Cláudio Chaby – *Excerptos históricos*. [...], vol. 3

Torres Vedras, ocupando a primeira linha defensiva. Dois dias depois, os corpos avançados das forças de Napoleão chegavam defronte da primeira linha, tendo Massena instalado o seu quartel-general em Alenquer, a 12 de outubro. O 2º Corpo de Reynier posicionou-se primeiro no Carregado e, depois, em Vila Franca de Xira. O 6º Corpo de Ney estacionou em Ota e o 8º Corpo de Junot, em Sobral de Monte Agraço. Massena julgou que a retirada de Wellington para sul se devia à falta de efetivos, e que, por essa razão, procurava embarcar para partir para Inglaterra. Uma ilusão mantida até à sua chegada às Linhas de Torres Vedras, construídas em segredo, apesar de algumas referências na imprensa londrina. Somente na frente das mesmas, percebeu a grandiosidade do projeto, exclamando – *Que diabo! Wellington não construiu estas montanhas*! Para Massena, as Linhas revelar-se-iam um obstáculo intransponível...



Carta Militar e Topográfica das Linhas de Lisboa. Levantada por Manuel Joaquim Brandão de Souza.
Litografia da Imprensa Nacional, 1871

Guia_RHLT_port.indd 10 12/01/02 09:54



Torres Vedras vista do norte. Gravura de Stadler e Landmann, século XIX. Col. António Pedro Vicente

AS LINHAS DE TORRES VEDRAS

20 de outubro de 1809 é o início convencional da construção das Linhas defensivas de Lisboa, data do *memorando* dirigido por Wellington a Richard Fletcher, ordenando o reconhecimento do terreno e a fortificação dos pontos mais convenientes e defensáveis, criando um sistema de defesa a norte da capital do Reino, que viria a ser conhecido por Linhas de Torres Vedras. Aquando da chegada dos exércitos aliados às Linhas, encontravam-se 126 obras militares construídas, erguendo-se mais 26 até 1812. O sistema defensivo integraria três linhas com um total de 152 redutos e 600 peças de artilharia, com um sistema de comunicações com onze postos de sinais, defendido por cerca de 140 mil soldados portugueses, britânicos e espanhóis, bem como tropas portuguesas não regulares, estendidos ao longo de mais de 88 quilómetros, transformando-se no maior sistema de defesa efetiva na história, construído ente 1809 e 1812, sob a direção dos britânicos Richard Fletcher e John Thomas Jones.



Aspecto do Forte do Alqueidão. Foto: CMSMA

Tendo Neves Costa concluído o reconhecimento do terreno a norte de Lisboa, em fevereiro de 1809, e apresentado uma memória descritiva a 24 de maio de 1809, entregou a memória e mapa a 6 de junho ao secretário da Regência na Repartição da Guerra que, por sua vez, os mostrara a Arthur Wellesley. O trabalho de Neves Costa tornou-se, deste modo, a base do *Memorando* de Wellington que cotejou de perto os trabalhos do engenheiro português, quando o seu quartel-general se encontrava em Badajoz. A Wellington deve-se, porém, a autoria da ordem para erigir as fortificações, sendo incontestáveis as suas qualidades enquanto estratega militar. A decisão de as mandar construir teria sido tomada na sequência da Batalha de Talavera, travada a 27 de julho de 1809.

O plano de defesa de Wellington assentava num espaço fortificado, protegido por um conjunto de obras militares dispostas em linha, defendendo os acessos à capital, ao mesmo tempo que servia de refúgio ao exército anglo-luso e à população. E em caso de necessidade, permitiria a retirada do Exército, a partir do porto de embarque em São Julião da Barra, pois só assim se

entende a terceira Linha a norte do Tejo (Linha de Oeiras), que pouco serviria à defesa da capital. Suportado pelo rio Tejo e pelo mar, este sistema de defesa foi concebido para uma força móvel, que deveria desgastar e atrasar o exército francês, contando, para tal, com a ajuda das guerrilhas populares. Na verdade, a fronteira de Portugal era demasiado longa para poder ser defendida no seu todo, e esta era a única forma de defender a capital de um novo ataque. As obras militares começaram a 3 de novembro em São Julião, seguindo-se o forte grande na Serra (Alqueidão), no Sobral de Monte Agraço a 4, e o forte grande de São Vicente, em Torres Vedras, a 8 de novembro de 1809.

Inicialmente, consideraram-se apenas duas Linhas, que viriam a ser a segunda e a terceira. A primeira Linha – entre Alhandra e a foz do rio Sizandro – não integrava o plano inicial, vindo a constituir-se no terreno, à medida que os artífices das obras militares ganhavam tempo. A segunda Linha, que antes de ser construída a Linha a norte, que viria a ser a primeira Linha, era a Linha



Convento de Mafra. Gravura de D. Roberts, 1832. Col. CMM

principal, e ligava também o Tejo e o mar, nomeadamente entre Vialonga e Ribamar. Os desfiladeiros de Arruda, Torres Vedras e Mafra foram fechados com grandes fortes e, entre estes, construíram-se pequenos fortes, para permitir acolher uma guarnição menor.



Franceses no chafariz de Arruda dos Vinhos. Desenho de Francisco Laski, 1956. Cortesia CMAV



Praça Dr. Eugénio Dias, Sobral de Monte Agraço. Final do século XIX. Col. CMSMA

Os fortes articulavam-se entre si, pelo que era possível (como ainda hoje) avistarem-se os redutos mais próximos, à esquerda e à direita de cada forte. As fortificações eram, regra geral, poligonais (traçado proposto pelo marquês de Montalembert, engenheiro militar francês, que permitia a introdução de mais artilharia nas construções militares), sólidas, construídas com muros fortificados e parapeitos, permitindo um fogo cruzado, reforçando as defesas com pedras e troncos. Maioritariamente, tinham uma guarnição de 200 a 300 homens e três a seis canhões.

Na retaguarda dos fortes, construíram-se estradas, na sua maioria já em 1811 e 1812, de modo a facilitar as comunicações entre si, garantindo a circulação das tropas e da artilharia, bem como o fornecimento de materiais e o abastecimento de água e mantimentos. Para melhorar a eficácia da defesa, instalou-se um sistema de comunicações ópticas composto por onze estações de sinais, permitindo que uma mensagem transmitida desde o quartel-general de Wellington, em Pero Negro, pudesse chegar às diversas posições das linhas em apenas sete minutos, graças a um semáforo. O serviço ficou sob a direção do tenente Leith, da Marinha Britânica, com quartel-general na Serra do

Socorro. Naturalmente, tal dependia das condições meteorológicas e da qualidade dos óculos que eram, inicialmente, de baixa qualidade.

Alcançadas as Linhas, iniciou-se também aqui, a exemplo de outras cidades, um cerco à cidade de Lisboa, que durou um mês, sem qualquer sucesso para Massena. Pois, de 14 para 15 de novembro, escondidos pelo nevoeiro da noite, as tropas de Napoleão retiraram da frente das Linhas, estabelecendo-se na região de Santarém e Torres Novas, onde se encontrava Junot, à espera de reforços para tentar uma nova ação contra Lisboa. Wellington seguiu de perto todos os seus movimentos, estabeleceu o seu quartel-general no Cartaxo, e esperou...

Mas a peste e a fome revelaram-se mais inimigas dos soldados franceses que a guerra! Massena continuava à espera de reforços, que não sabia se viriam, lutando pela sobrevivência do próprio exército. Na retaguarda, as comunicações estavam cortadas, em consequência dos movimentos de guerrilha portugueses e espanhóis. A moral das tropas encontrava-se em baixo, multiplicando-se as deserções, onde até os próprios cavalos morriam de fome por falta de forragem.

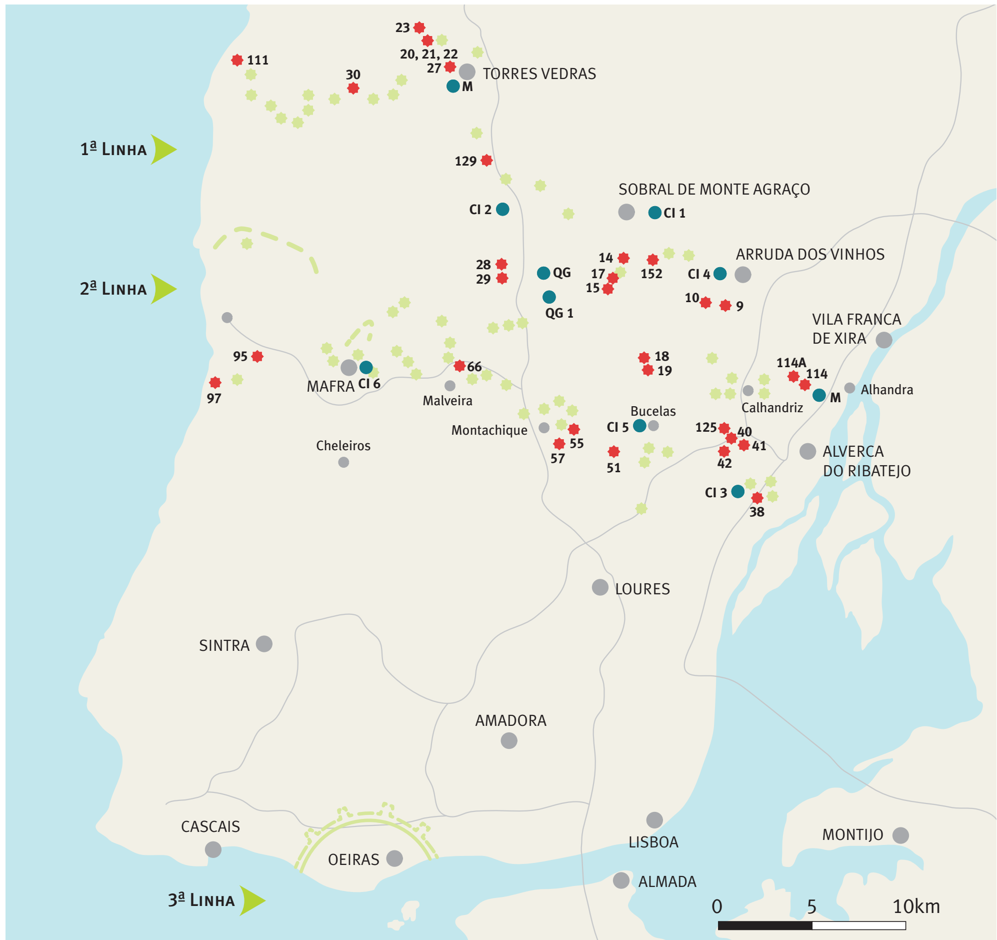
A 4 de março, os soldados franceses não puderam continuar à espera de reforços, iniciando a sua retirada de Portugal, cruzando a fronteira espanhola um mês depois. Wellington iniciou a perseguição a Massena, mantendo o seu exército, desde então, fora do país, terminando a invasão do reino por *l'Armée de Portugal*, sob o comando do marechal André Massena. A chama da vitória apagava-se aqui, para se extinguir definitivamente, uns anos mais tarde, já em 1815, em Waterloo.

CARLOS GUARDADO DA SILVA



PERCURSO TORRES VEDRAS NA PRIMEIRA LINHA
PERCURSO WELLINGTON
PERCURSO A DEFESA DO TEJO
PERCURSO GRANDES DESFILADEIROS
PERCURSO O NÓ DAS LINHAS
PERCURSO DO PALÁCIO AO ATLÂNTICO

CENTRO INTERPRETATIVO DAS LINHAS DE TORRES
OBSERVATÓRIO DE PAISAGEM



ARRUDA DOS VINHOS

- **CI 4** Centro de Interpretação de Arruda dos Vinhos
- **9** Forte do Cego
- **10** Forte da Carvalha

LOURES

- **CI 5** Centro Interpretativo da RHLT – Bucelas
- **18** Reduto da Ajuda Grande
- **19** Reduto da Ajuda Pequeno
- **51** Reduto de Ribas
- **57** Reduto do Mosqueiro
- **55** Reduto de Montachique
- **125** Forte do Arpim

MAFRA

- **CI 6** Centro Interpretativo de Mafra
- **CI 2** Centro Interpretativo da Enxara – Serra do Socorro
- **28** Forte Grande
- **29** Forte Pequeno
- **66** Forte da Feira
- **95** Forte do Zambujal
- **97** Forte de São Julião

SOBRAL DE MONTE AGRAÇO

- **CI 1** Centro de Interpretação das Linhas de Torres de Sobral de Monte Agraço
- **QG** Quartel-general Wellington (Pero Negro)
- **QG 1** Quartel-general Beresford (Casal Cochim, Sapataria)
- **14** Forte do Alqueidão
- **15** Forte do Machado
- **17** Forte do Simplício
- **152** Forte Novo

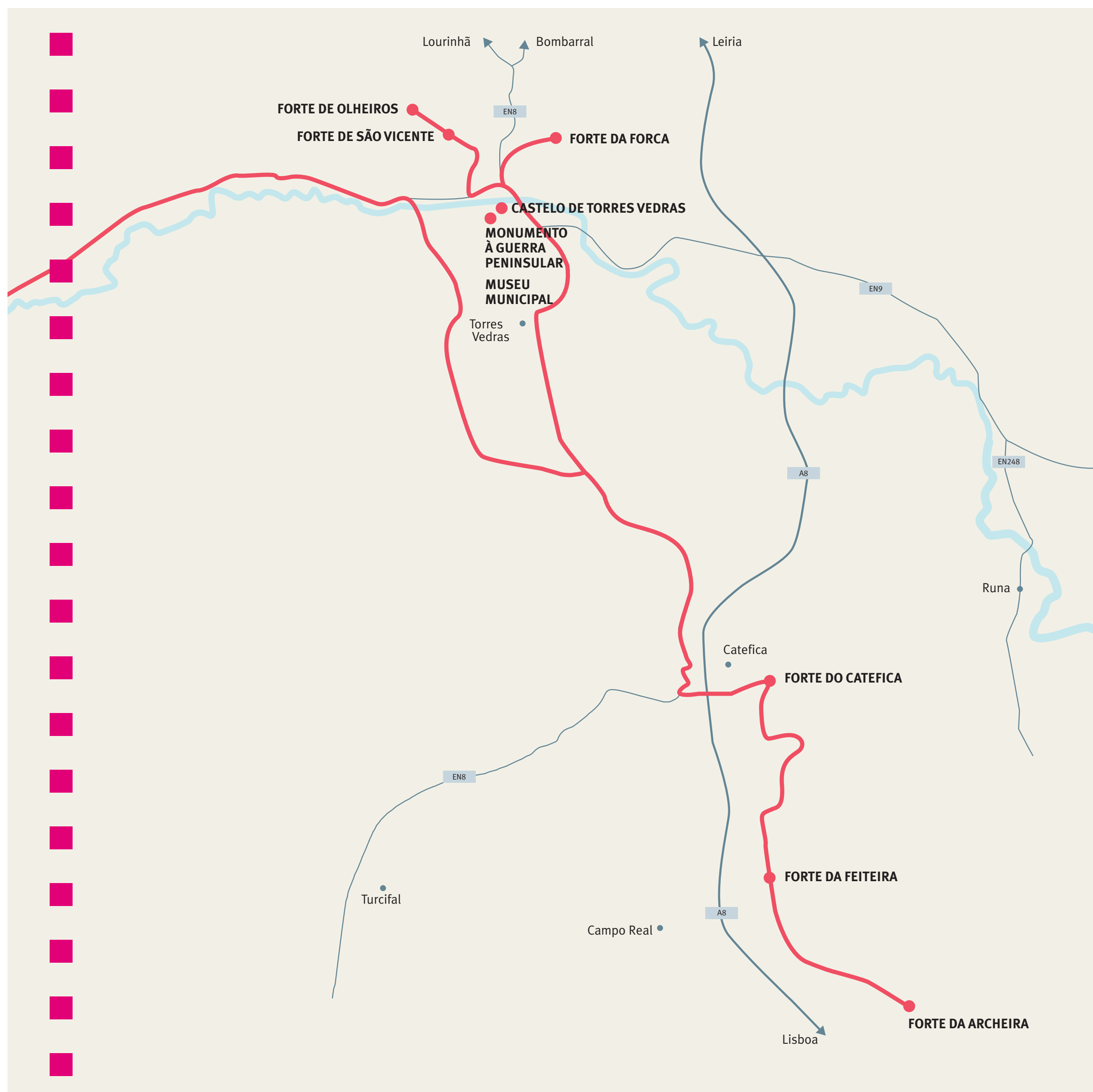
TORRES VEDRAS

- **20, 21, 22** Forte de São Vicente
- **23** Forte dos Olheiros
- **27** Castelo
- **30** Forte do Grilo
- **111** Forte do Paço
- **129** Forte da Feiteira
- **M** Monumento à Guerra Peninsular

VILA FRANCA DE XIRA

- **CI 3** Centro Interpretativo do Forte da Casa
- **38** Forte da Casa
- **40** Forte da Aguieira
- **41** Forte da Portela Grande
- **42** Forte da Portela Pequeno
- **114** Primeiro Forte de Subserra
- **114A** Bateria Nova de Subserra
- **M** Monumento às Linhas de Torres Vedras – Observatório de Paisagem


FORTE DO PAÇO
EN9
FORTE DO GRILO
Rio Sizandro
EN247
Ericeira
0
500
1000 m
TORRES VEDRAS
SOBRAL DE
MONTE AGRAÇO
ARRUDA
DOS VINHOS
MAFRA
VILA FRANCA
DE XIRA
LOURES
SINTRA
AMADORA
LISBOA
CASCAIS
OEIRAS
MONTIJO
ALMADA
0
5
10km


Lourinhã
Bombarral
Leiria
EN8
FORTE DE OLHEIROS
FORTE DE SÃO VICENTE
FORTE DA FORCA
CASTELO DE TORRES VEDRAS
MONUMENTO
À GUERRA
PENINSULAR
MUSEU
MUNICIPAL
Torres
Vedras
EN9
EN248
A8
Runa
Catefica
FORTE DO CATEFICA
EN8
FORTE DA FEITEIRA
Turcifal
Campo Real
A8
Lisboa
FORTE DA ARCHEIRA

COMO CHEGAR



→ De Lisboa: utilize a A8 com saídas em Torres Vedras (norte e sul).
→ Do Porto: utilize a A1, depois a A17 e, mais a sul, a A8 com saídas Torres Vedras (norte e sul).
→ De Santarém: utilize a A15 e, depois, a saída A8, direção Torres Vedras, com saídas em Torres Vedras (norte e sul).



→ De Lisboa: no Campo Grande (junto à estação do metro), carreira direta com autocarro de meia em meia hora, via autoestrada.



→ Linha do Oeste: de Lisboa nas estações Entrecampos ou Rossio para o Cacém, permutando aqui de comboio para Torres Vedras/Caldas da Rainha.

POSTO DE TURISMO DE TORRES VEDRAS

Rua 9 de Abril
GPS: 39º05'29,13"N; 09º15'31,87"W
TEL.: [+351] 261 310 483
E-MAIL: postoturismo@cm-tvedras.pt
HORÁRIO: 2ª feira a sábado: 10h00 – 13h00 / 14h00 – 18h00
Feriados: 10h00 – 13h00 / 14h00 – 18h00

POSTO DE TURISMO DE SANTA CRUZ

Rua da Azenha – Azenha de Santa Cruz
GPS: 39º08'01,80"N; 09º22'59,23"W
TEL.: [+351] 261 937 524
E-MAIL: postoturismosantacruz@cm-tvedras.pt
HORÁRIO: 3ª feira a domingo: 10h00 – 13h00 / 14h30 – 19h00
HORÁRIO DE VERÃO: 15 junho – 15 setembro: 10h00 – 22h00

Propomos-lhe um dia inteiro e, também, um dia especial em Torres Vedras, a então vila que se fez cidade e que emprestou o seu nome às Linhas. Um dia nas fortificações de campanha, que se ergueram para receber batalhões de nacionais e estrangeiros, soldados de ontem feitos viajantes na demanda da descoberta. Poderá fazer o caminho de carro ou de bicicleta ou ainda, se preferir, no caso da cidade, deixamos o convite para uma, sempre longa, caminhada a pé. Com tempo, todo o tempo necessário para olhar para outro tempo...

John Jones, engenheiro britânico que dirigiu a construção dos fortes, disse que as Linhas tomaram o nome a Torres Vedras pelo caráter pioneiro da sua construção na vila. Comecemos então por aqui! Este deverá ser o ponto de partida, em direção ao norte. Ainda dentro da cidade, caminhando para a sua saída, junto ao Choupal, do lado poente, encontrará o viajante a rua das Linhas de Torres. Há que subir, subir e pedir forças às pernas quando as forças faltam, no caso de ter deixado de lado o carro. Duzentos metros acima, lembremos as vezes que homens e mulheres subiram e desceram o monte, as dores reunidas na construção do Forte de São Vicente, que a devoção ao Santo decerto não as anularia, mesmo conhecendo as suas qualidades taumatúrgicas.



Forte de São Vicente. Foto: CMTV

Chegados ao alto, eis São Vicente! O forte grande de Torres Vedras que ostentou lugar de destaque por ter sido nomeado ponto avançado das Linhas, tal como o forte grande da Serra (Alqueidão), antes de integrar a Linha entre a foz do rio Sizandro e Alhandra. Saiba o viajante que este é o segundo maior forte das Linhas. Percorra os três redutos [N.os 20, 21 E 22] então unidos entre si por três pontes amovíveis, a praça de armas, a casa do governador, a ermida medieval e descanse... peça mesmo a São Vicente forças para continuar.... Pois o dia será longo como longos foram os dias e as noites dos soldados nas Linhas, que a guerra sempre transformou os dias curtos em compridos.

Junto da ermida, olhando para a cidade, imagine como era feita a defesa, colocando-se por um momento no lugar do estratega militar, uma invocação a José Maria das Neves Costa e a Arthur Wellesley, então visconde de Wellington. Daqui defendia-se a vila das tropas de Napoleão, numa articulação cuidada com o Forte da Forca [N.º 24], que ficava a nascente, o castelo de Torres Vedras [N.º 27], no centro da vila, então adaptado para receber tiro de artilharia, o Forte de São João [N.º 25], junto à ermida que lhe deu nome, hoje no centro da cidade e, ainda, uma bateria à esquerda de Varatojo [N.º 131].

Temos de partir, saindo do Forte de São Vicente, virando à direita. Duzentos metros à frente, entre por uma estrada de terra, como eram quase todas as estradas militares no outono de 1810, e rapidamente alcançará o Forte de Olheiros [N.º 23]. É pequenino... mas maravilhoso! Cabe todo num olhar! A entrada já não se faz pela ponte de outrora, levadiça como todas as pontes dos fortes. Na sua frente, encontra uma barreira, um través, para proteger a entrada, por detrás da qual se encontrariam soldados do exército anglo-luso, procurando reprimir o exército inimigo. Ao fundo, um velho moinho transformado, contra sua vontade, em



Trilho pedestre no GR30 – Grande Rota das Linhas de Torres. Foto: CMTV



Vista aérea do castelo de Torres Vedras. Foto: Francisco de Sousa Lobo

paiol. Na muralha em redor desenham-se canhoneiras saudosas das exibições de tiro saídas dos canhões sobre os estrados de madeira. Imagine o viajante o estrondo… e faça votos para voltar num dia de recriações porque há tiros, no primeiro ou segundo fim de semana de outubro, integrado nas comemorações anuais das Linhas de Torres Vedras.

É altura de descer, para subir de novo, subir o monte fronteiro ao de São Vicente, do lado nascente. É o monte da Forca, pontuado por um forte [N.º 25], que também tomou o nome da garganta do vale muito mais profundo há duzentos anos. O Forte da Forca que espera por vizinho um Centro Interpretativo das Linhas de Torres Vedras.

Voltemos à cidade, o velho castelo medieval há muito tempo que espera por nós. As calçadas estreitas e sinuosas transportam-nos para inícios do século XIX, onde cada pedra conta uma história. Teremos de subir, como fazia o alcaide que já não mora no castelo, e entrar na fortaleza que recebeu reis e rainhas e se viu cercada pelo Mestre de Avis em 1384, depois das festas de São Gonçalo de Lagos (27 de outubro)… A mesma fortaleza que acolheu pri-

sioneiros, rendeu homenagem aos Soares de Alarcão e defendeu Portugal das tropas de Napoleão.

É, talvez, altura de almoçar. Bons restaurantes não faltam na cidade, podendo acompanhar o almoço, na hora do jantar de Oitocentos, com um copo de vinho. Afinal beber vinho também é invocar a memória! Wellington, enquanto residiu em Portugal, bebia vinhos de pasto de Torres Vedras, o tinto da Quinta de Charnixe e o branco da Ribeira de Maria Afonso. Para o lanche, sugerimos um pastel de feijão, que sempre se encontram, em caixas de meia e dúzia.

Rumemos a sul da cidade, para nos situarmos na rotunda da entrada sul da autoestrada (A8), transpondo-a, e virando à esquerda 50 m adiante, se o viajante não começou por aqui. Teremos de subir de novo, porque o interesse e a beleza das Linhas assentam precisamente na natureza que, num gesto de solidariedade, se colocou ao serviço da estratégia militar. Por isso mesmo, cada ponto elevado, ponto por ponto, numa linha entre o mar e o rio Tejo, se solidarizou com o povo, oferecendo o seu contributo, elevando-se ainda mais, com a ajuda dos homens. Em pouco mais de um ano, os montes tornaram-se montanhas, que André Massena, o comandante do Exército de Portugal ao serviço do imperador francês, testemunhou.

A subir, passando a ponte sobre a autoestrada, encontra-se à direita um trecho de estrada militar, que a própria toponímia registou. Só poderá fazer este percurso a pé ou de bicicleta. No cimo do caminho, um moinho localiza o Forte de Catefica. Se veio de carro, terá de voltar atrás e subir, continuando até encontrar a indicação de Casal da Boavista. Aqui, vire à direita, seguindo até alcançar o topo da serra. A meio, encontra-se o Forte da Feiteira [N.º 129], destacando-se o fosso, com o empedrado original. Este é também um bom momento de contemplação, assim tenha o viajante sorte com o tempo, permitindo avistar uma grande vastidão do território das Linhas e o mar, junto à foz do rio Sizandro, onde acabava a primeira Linha. Este é o lado interior das Linhas, onde se construíram as estradas militares que permitiriam a comunicação do exército anglo-luso, para circulação de homens e as bestas, as armas e os alimentos. Em frente, fica o vale de Runa, permitindo imaginar o combate de

Runa de 1 de novembro de 1810, entre soldados franceses e as tropas da Leal Legião Lusitana, sob o comando do capitão Veloso Horta.

Continuemos pelo dorso da serra, subindo um pouco mais. No cimo encontra-se o Forte da Archeira [N.º 128]. Chegados ao alto, permite-nos contemplar a terra, as Linhas e quase tocar no céu. Olhemos agora na direção norte-nordeste e imagine-se, na nossa frente, o exército invasor a ultrapassar as Linhas. Por aqui poderiam ter passado! Os Franceses perceberam isso desde o início e Wellington também o sabia. A expugnação seria possível pelo desfiladeiro de Runa, onde faltavam as construções defensivas. Por detrás da última colina, a nascente, travou-se o combate de Dois Portos, a 13 de outubro de 1810, envolvendo a Divisão do general Solignac e a Brigada portuguesa comandada pelo coronel Collins, integrada na Divisão do general Cole. Cole tinha o seu quartel-general ali bem perto, na estalagem da malaposta, na Quinta de A-da-Guerra.

Regressemos à cidade, para voltar a sair em direção ao mar, agora definitivamente de carro ou de bicicleta, deixando à nossa esquerda o rio Sizandro e



Vista da serra da Archeira. Foto: Carlos Guardado da Silva

a montanha a seu lado, que acolheu 24 dos 152 fortes das Linhas. A primeira paragem é na Ponte do Rol. Até lá, fica um tempo para lembrar que em outubro de 1810, quando os exércitos aliados ocuparam os fortes, só se encontravam terminados 126. Alcançado o centro da aldeia, encontramos a igreja à nossa esquerda e, depois da curva, temos de virar também à esquerda.

O Forte do Grilo [N.º 30] encontra-se em frente, alcandorado, do outro lado do rio. Passe a ponte e vire à esquerda e siga… para voltar a subir. No final da subida, vire à direita e siga a pé por entre a vinha que produz o mesmo vinho de Torres Vedras que deliciou Wellington e os seus generais. É digno de destaque o escarpamento, mas também uma referência ao posto de sinais que aqui existiu e que permitia comunicar com o Forte de São Vicente ou a Serra do Socorro, onde se encontrava o quartel-general de Leith.

Continuemos o caminho com a noção certa de que a melhor altura para o fazer é na primavera ou no outono, devido às temperaturas amenas. O inverno torna o dia difícil, mas mais realista. Não se esqueceram de repetir os soldados pela sua pena as chuvas torrenciais que caíram sobretudo a partir de 8 de outubro de 1810, como também copiosas foram as chuvas desde o



Vista aérea do forte do Paço. Foto: Francisco de Sousa Lobo


Monumento Comemorativo da Guerra Peninsular, Torres Vedras. Foto: Carlos Guardado da Silva

outono de 1809 e que gelaram as costas dos milhares de construtores das Linhas. Não será para o viajante difícil imaginar o frio que cada soldado terá passado nas vigias, forte a forte, mais ainda se se esquecer de um casaco. Sigamos pois… em direção ao mar, procurando cruzar o rio Sizandro.

Acabando de passar o rio, e antes da rotunda, vire à direita e continue ao longo de cerca de um quilómetro. Há que subir, mas desta vez a subida é suave. No final da subida, após a curva, vire à direita, entrando numa estrada de terra. O caminho é bom, permitindo chegar de carro ou de bicicleta. Se preferir, pode deixar o carro e ir a pé. Terá outro quilómetro pela frente, somando outro no regresso.

Não será difícil localizar o Forte do Paço [N.º 111], bastando lembrar que tem no seu interior um velho moinho a quem a guerra obrigou a tornar-se paiol. Contemple o viajante a maravilhosa vista exterior do forte, uma vez que este não tem vegetação em redor. É fim de tarde e quase fim de dia. Não tardarão as sombras a cobrir a terra. Ouve-se o silêncio do entardecer e o mar ao fundo. Certamente cansados. Daqui podemos partir para a segunda Linha, ou regressar a Torres Vedras para, no dia seguinte, efetuar o restante percurso da primeira Linha, até Alhandra. Cabe ao viajante a escolha. Se repousar em Torres Vedras, temos ainda uma proposta. Visite o monumento evocativo da Guerra Peninsular, na praça 25 de abril, inaugurado em 1954. Em cada uma das faces, pode ler-se a Batalha da Roliça, a Batalha do Vimeiro, a Batalha do Buçaco e as Linhas de Torres. Agora, no silêncio da noite, parecem ouvir-se vozes do passado. Quantas vidas militares e civis não imortalizam estas pedras? Quantas linhas se cruzaram, visíveis e invisíveis, hoje lembradas no anonimato das multidões! [CGS]

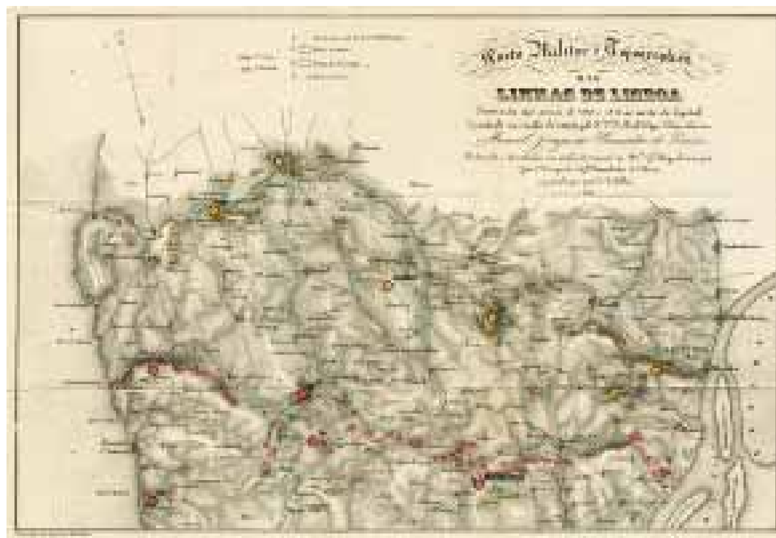
FORTE DE SÃO VICENTE

NÚMEROS: 20, 21 e 22
MUNICÍPIO: Torres Vedras
GPS: 39°05'59,75"N; 09°15'53,64"W
GUARNIÇÃO: 2000 a 2200 homens, podendo acolher cerca de 4000 soldados
BOCAS DE FOGO: 26 (10 de calibre* 12, 2 de calibre 9, 11 de calibre 6 e 3 obuses)



Foto: CMTV

O nome provém da pequena ermida medieval de São Vicente, atestada já em 1322, que foi, no início do século XIX, integrada no conjunto das estruturas militares.
Constituía um dos dois pontos avançados projetados na frente da Linha Principal, a par do *Forte Grande da Serra* (Sobral de Monte Agraço) vindo, uns meses depois, a integrar a Primeira Linha, passando a Linha Principal a Segunda Linha. Foi planeada a construção de três redutos para o Monte de São Vicente. Durante a construção, decidiu-se reforçar a posição, unindo os redutos por um perímetro amuralhado, que passou a constituir uma enorme praça com cerca de 1500 metros de perímetro.



Planta do forte de São Vicente de Torres Vedras. Levantada pelo major Brandão de Souza, século XIX. Col. GEA/DIE

* Peso da bala em libras, utilizado na época.

FORTE DE OLHEIROS

NÚMERO: 23
MUNICÍPIO: Torres Vedras
GPS: 39º06'11,21"N; 09º16'12,92"W
GUARNIÇÃO: 180 homens
BOCAS DE FOGO: 7 (4 de calibre 9 e 3 de calibre 6)


Foto: João Reis

É o ponto mais a norte da Primeira Linha de defesa, entre Alhandra e a foz do rio Sizandro. Além de completar a defesa do vale do rio Sizandro com os fortes na serra de Varatojo [N.º 132, 133 E 134] e o Forte do Grilo [N.º 30], defendia o lado oeste do Forte de São Vicente, menos guarnecido, dado o relevo menos acentuado desse lado do monte.

CASTELO DE TORRES VEDRAS

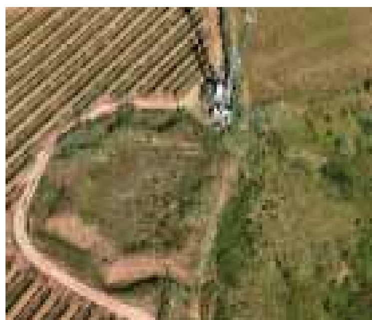
NÚMERO: 27
MUNICÍPIO: Torres Vedras
GPS: 39º05'40,68"N; 09º15'40,06"W
GUARNIÇÃO: 500 homens
BOCAS DE FOGO: 5 (calibre 12)


Foto: Carlos Guardado da Silva

Localizado no coração da antiga vila, é um castelo medieval que foi adaptado a tiro de artilharia e integrado na Primeira Linha defensiva da capital.
De construção antiga, talvez romana, foi objeto de reconstrução no reinado de D. Afonso Henriques e ampliado por D. Dinis, no final do século XIII. Sofreu obras no reinado de D. Fernando, em 1373, devido às investidas castelhanas e, mais tarde, no reinado de D. Manuel, em 1516.
Na Idade Média, assumiu o papel de defesa *das gentes* da vila e termo que não conheceram qualquer outra muralha, pelo menos anterior à última década do século XIV. Desse tempo ficou-nos a porta ogival, ainda encimada pelas armas manuelinas, ladeadas por duas esferas armilares com a Cruz de Cristo.
No seu interior, ergueu-se o Palácio dos Alcaides, do qual restam as paredes exteriores, cuja ruína se deve ao grande terramoto de 1755.

FORTE DO GRILO

NÚMERO: 30
MUNICÍPIO: Torres Vedras
GPS: 39º05'10,97"N; 09º19'21,40"W
GUARNIÇÃO: 340 homens
BOCAS DE FOGO: 4 (1 de calibre 9 e 3 de calibre 12)


Foto: Francisco de Sousa Lobo

Está situado numa elevação imediatamente a sul da localidade de Ponte do Rol, sobranceira ao rio Sizandro e à povoação. Defendia o vale do rio e a estrada de ligação a Mafra, sob o comando do tenente-general Thomas Picton. Tinha por objetivo bater as planícies da sua frente, por onde corre o rio Sizandro e a estrada de Ponte do Rol, assim como os caminhos que dela destacam pelos terrenos baixos reintrantes do sítio da Bordinheira, cruzando fogo com o dos Fortes de Pombal [N.º 71], Bordinheira [N.º 73] e Outeiro do Monte [N.º 74]. Dispunha de um posto telegráfico, encostado ao reparo poente, do qual se fazia a comunicação para o Forte de São Vicente. Do lado norte, teve lugar um escarpamento acentuado.

FORTE DA ARCHEIRA

NÚMERO: 128
MUNICÍPIO: Torres Vedras
GPS: 39º02'05,23"N; 09º13'06,13"W
GUARNIÇÃO: 500 homens
BOCAS DE FOGO: 6 (calibre 12)


Foto: Francisco de Sousa Lobo

Também conhecido como "Cheira", pertencia à defesa da Primeira Linha, a par dos Fortes do Catefica [N.º 130] e da Feiteira [N.º 129], a norte desta fortificação. Com estes defendia os vales de Runa e da Ribaldeira, sob o comando, respetivamente, do barão de Eben e do general Spencer. É um local estratégico, uma vez que a serem ultrapassadas as Linhas seria, talvez, por aqui, no desfiladeiro de Runa, a nascente da serra. Quer os Aliados, quer o exército invasor sabiam disso.

FORTE DA FEITEIRA

NÚMERO: 129
MUNICÍPIO: Torres Vedras
GPS: 39º02'39,76"N; 09º13'55,34"W
GUARNIÇÃO: 350 homens
BOCAS DE FOGO: 9 (3 de calibre 12 e 6 de calibre 9)

O Forte da Feiteira integrava a Primeira Linha, a par dos Fortes do Catefica [N.º 130] e da Archeira [N.º 128], respectivamente a norte e a sul desta fortificação. Defendia os vales de Runa e da Ribaldeira, sob o comando do barão de Eben e do general Spencer.



Foto: Francisco de Sousa Lobo

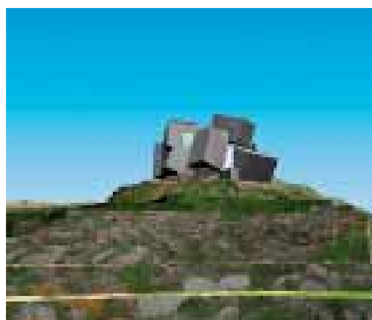
Foi construído já depois da retirada do exército napoleónico da frente das Linhas.

CENTRO DE INTERPRETAÇÃO DAS LINHAS DE TORRES VEDRAS

MUNICÍPIO: Torres Vedras
GPS: 39º05'56,85"N; 09º15'27,60"W

No alto do monte da Forca, junto ao reduto com o mesmo nome, será edificado o futuro Centro de Interpretação das Linhas de Torres Vedras. Um edifício construído de raiz e um *landmark* na paisagem da cidade de Torres Vedras, juntamente com o Castelo e o Forte de São Vicente. A sua arquitetura, composta por uma série de prismas em desequilíbrio aparente, transmite uma sensação de insegurança e catástrofe, e tem como objetivo evocar o drama da guerra e constituir um hino às populações que erigiram e viveram as Linhas de Torres Vedras.





Antevisão. Cortesia CMTV

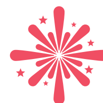
MUSEU MUNICIPAL LEONEL TRINDADE
Convento da Graça
Praça 25 de Abril
2560 Torres Vedras
TEL./FAX: [+351] 261 310 484
E-MAIL: museu@cm-tvedras.pt
HORÁRIO: 3ª feira a domingo,
10h00 – 18h00

O Museu Municipal Leonel Trindade encontra-se instalado no edifício do convento de Nossa Senhora da Graça, erigido no século XVI pelos Eremitas de Santo Agostinho, no qual se destaca o claustro que preserva azulejos do século XVIII, ilustrando a vida de Frei Aleixo de Menezes (prior dos Agostinhos).
O acervo, constituído por coleções de natureza diversa: azulejaria, cerâmica, faiança, porcelana e numismática, possui uma das maiores colecções portuguesas de cabeceiras de sepultura medievais.
Salientam-se a coleção de arqueologia e a dedicada à Guerra Peninsular.
Atualmente, o visitante das Linhas é acolhido no Museu Municipal de Torres Vedras, onde poderá ver a exposição permanente dedicada à estratégia e construção do sistema defensivo, ao esforço das populações, à logística de guerra, assim como ao funcionamento do sistema telegráfico. Pode contemplar o espólio original de época, nomeadamente o armamento e exemplares da edição limitada de militares de faiança da fábrica de Sacavém, da autoria de Armando Mesquita, bem como dispositivos multimédia e maquetas que explicam o complexo funcionamento das Linhas.
Para os que desejarem visitar a exposição ou os fortes das Linhas, individualmente ou em grupo, o Museu de Torres Vedras disponibiliza visitas guiadas mediante marcação.



Foto: CMTV

FESTIVIDADES



FEIRA DE SÃO PEDRO

→ Última semana de junho e primeira de julho (10 dias)

Fundada em 1293, por D. Dinis, a feira mantém as características seculares das feiras medievais em tendas ou ao ar livre, entre gritos e pregões, aliadas à moderna Feira – exposição industrial e comercial do oeste. Constitui a principal montra da região, com a presença de centenas de expositores e milhares de visitantes, onde não falta a diversão, a restauração, as tasquinhas e o bom vinho. **www.cm-tvedras.pt**

FEIRA RURAL

→ Entre abril e outubro, primeiro sábado de cada mês (8h00 – 18h00)

No primeiro sábado de cada mês, as ruas e ruelas do centro histórico da cidade abrem-se a multidões e à terra. Só aqui, onde o campo se encontra com a cidade, é possível viajar em todos os sentidos, onde se misturam aromas e sabores, que mudam como mudam as cores das frutas, legumes e hortaliças, onde não faltam as flores e o artesanato. Os protagonistas são os produtos da terra, entre os quais o vinho, o pão e os doces. E há ainda velharias e colecionadores de objetos e de histórias... **www.cm-tvedras.pt**

CARNAVAL

→ Entre 6ª e 4ª feira

Diz-se que é o cartão de visita de Torres Vedras, que tem "o carnaval mais português de Portugal". São encontros nas ruas, de cabeçudos, "Zés-pereira" e reis, o regresso à monarquia e à anarquia, onde tudo é alegria e folia, com corsos diurnos e noturnos. A vida são dois dias e o Carnaval de Torres são seis e, neste tempo, tudo é permitido! E não faltam a sátira política e social, os carros alegóricos, muita animação e as inconfundíveis "matrafonas". No final, enterra-se o Entrudo! **www.carnavaldetorres.com**

FESTAS DA CIDADE

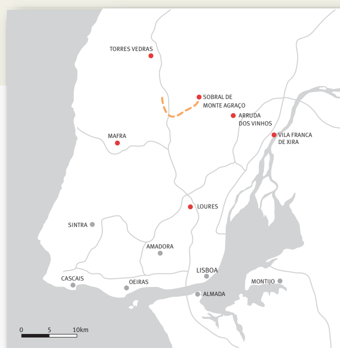
→ 27 outubro a 11 novembro

Entre dias de santos – São Gonçalo e São Martinho – a cidade veste-se de gala, em homenagem à vinha e ao vinho, até dia de São Martinho... aqui se encontram todas as juventudes, nas festas e festivais – Acordeões do Mundo, Vindimas... – de música e exposições, gastronomia e vinhos regionais, onde não falta o doce rei: o pastel de feijão.

www.torresvedrasemfesta.com

Torres Vedras
Leiria
SERRA DO SOCORRO
IGREJA DE SÃO SEBASTIÃO
A8
EM619
EN9-2
Gradil
CM1175
Ervideira
Casal da Venda
EN9-2
FORTE GRANDE
FORTE PEQUENO
Enxara dos Cavaleiros
PELOURINHO DA ENXARA DOS CAVALEIROS
Lisboa
Pero Negro
QUARTEL-GENERAL DE WELLINGTON
QUARTEL-GENERAL DE BERESFORD
EN374
Milharado
Mafra
EN374
Gosundeira
EN374
Torres Vedras
EN532
Cabeda
Torres Vedras
EN248
Sobral de Monte Agraço
EN115
Alenquer
Merceana
CENTRO INTERPRETATIVO DO SOBRAL DE MONTE AGRAÇO
EN248
Arruda dos Vinhos
Cachimbos
Seramena
EN115
FORTE NOVO
FORTE DO ALQUEIDÃO
FORTE DO SIMPLÍCIO
FORTE DO MACHADO
EN115
Arranhó
Bucelas

0 500 1000 m



COMO CHEGAR



→ De Lisboa: utilize a A8 com saída em Pero Negro.
→ Do Porto: utilize a A1 com saída no Carregado, depois A10 saída Arruda dos Vinhos e seguir N248 até Sobral de Monte Agraço.
→ De Faro: utilize a Via do Infante, depois a A2 e A12 (Ponte Vasco da Gama), A8 com saída em Pero Negro e a seguir a N374 e depois a N248-1, até Sobral de Monte Agraço.
Em alternativa: depois da N374 seguir pela Estrada Municipal 532 e pela N115 até Sobral de Monte Agraço.



→ Boa Viagem, entre Lisboa (Campo Grande) – Sobral de Monte Agraço



→ Linha do Oeste: paragem em Pero Negro (a 8 km de Sobral de Monte Agraço, opção Táxi).

CENTRO DE INTERPRETAÇÃO DE SOBRAL DE MONTE AGRAÇO POSTO DE TURISMO

Praça Dr. Eugénio Dias, 12
GPS: 39º01'07,134"N; 09º09'05,520''W
TEL.: [+351] 261 942296
FAX: [+351] 261 940 301
E-MAIL: turismo@cm-sobral.pt

POSTO DE TURISMO DE MAFRA

Palácio Nacional de Mafra – Torreão sul
Terreiro D. João V
GPS: 38º56'11,10"N; 09º19'37,28"W
TEL.: [+351] 261 817 170
FAX: [+351] 261 817 179
E-MAIL: turismo@cm-mafra.pt | arqueologia@cm-mafra.pt
HORÁRIO: todos os dias: 9h30 – 13h00 / 14h30 – 18h00

No coração das Linhas, percorra alguns dos locais mais emblemáticos da presença de sir Arthur Wellesley nas Linhas de Torres. Da Quinta dos Freixos, onde o comandante dos Aliados estabeleceu o seu quartel-general, ao Grande Reduto do Alqueidão, que assumiu funções de posto de comando das Linhas de Torres, passando pela Serra do Socorro que foi uma estação central de comunicações telegráficas. Os caminhos entre Sobral, Pero Negro e Enxara dos Cavaleiros foram frequentemente cruzados por Wellington e encontravam-se estrategicamente defendidos por um conjunto de redutos, como os da Enxara dos Cavaleiros junto a Pero Negro ou os do Simplício e Machado ligados ao Forte do Alqueidão.

Este percurso pode ser visitado com início no Sobral de Monte Agraço até à Serra do Socorro ou no sentido inverso e integra dois circuitos que podem ser visitados autonomamente: circuito do Alqueidão e circuito da Enxara.

Propomos que comece a visita em Sobral de Monte Agraço, localidade que se situa a cerca de 35 km de Lisboa e a não mais de meia hora de caminho através da A8 ou da A10.

Uma vez na vila, o ponto de paragem é o centro histórico que se desenvolve em torno da Praça iminentemente pombalina, que se afirmou, ao longo do tempo, como espaço de testemunho histórico de transformações comerciais, políticas e sociais. Palco de movimentos de luta, aí se assistiu, entre outros acontecimentos, ao estabelecimento do morgadio de Sobral de Monte Agraço, por mercê de D. José I a Joaquim Inácio da Cruz, às restaurações do concelho de 1890 e 1898, à implantação da República em 1910, ou 100 anos antes, ao combate de 12 de outubro de 1810, quando o 8º Corpo de *l'Armée du Portugal*, comandado por Jean-Andoche Junot, se encontrou, em Sobral, com os postos avançados de Spencer. As tropas francesas fizeram recuar as anglo-lusas naquele que veio a ser o primeiro



Praça Dr. Eugénio Dias, Sobral de Monte Agraço. Foto: CMSMA



Combate de Sobral. 12 de outubro de 1810. Aguarela: Arq. Canelhas. Col. CMSMA

recontro de Massena frente às Linhas de Torres Vedras. Escaramuças várias prosseguiram por toda a vila e os franceses, instruídos pelo general Clausel, haviam de se entrincheirar na povoação até 15 de novembro do mesmo ano, data em que, dissimuladamente, iniciaram a sua retirada da frente das Linhas de Torres Vedras.

Simbolicamente, foi aí estabelecido o Centro de Interpretação das Linhas de Torres dedicado ao tema *Estratégia Militar, Posto de Comando e Quartéis--generais* que não pode deixar de visitar, pois o seu conteúdo irá ajudá-lo a compreender e usufruir melhor dos locais que visitará a seguir e que foram palco de um dos episódios mais marcantes da luta pela soberania nacional.

À saída do Centro de Interpretação, e uma vez que passa pelo Posto de Turismo, instalado no mesmo edifício quatrocentista, aproveite para levar consigo mais algumas informações sobre a oferta cultural e turística do município.

De regresso ao carro, tome a Rua Heróis da Bélgica e, chegando à rotunda, siga em frente, pela EN115. Prenda o olhar no seu lado esquerdo e aviste, ao longe, a igreja manuelina de Santo Quintino [09º08'38,756"W, 39º00'21,488"N],


Portal manuelino da Igreja de Santo Quintino. Foto: CMSMA

monumento nacional e uma verdadeira sala de exposição do azulejo, desde o século XV ao XVIII.

Um pouco mais adiante, atravesse a aldeia de Seramena, onde teve lugar o combate de dia 14 de outubro. Aí o Regimento Britânico nº 71 colocou barricadas no caminho que levava a Bucelas, passando pelo sopé da serra do Alqueidão. Essas barricadas, muito próximas da vanguarda inimiga, foram batidas pela artilharia às ordens de Junot, mas as tropas britânicas contra-atacaram levando à perda de mais de uma centena de franceses, que não renovaram a ofensiva.

De saída da aldeia, continue em frente e usufrua a paisagem que se revela à sua esquerda. Dali, o olhar mergulha num profundo vale verdejante que avista o alto do Moinho do Céu, onde se estabeleceu o forte nº 11, desce por Arruda dos Vinhos e alcança a margem do rio Tejo, junto a Vila Franca de Xira até ao Carregado.

Mantenha-se atento porque, em breve, encontra a placa de estrada indicando, à direita, Forte do Alqueidão.

Chegado aí, siga pela estrada de terra e vire à direita, na direção do Forte Novo. Este forte situado no cabeço dos Galhofos, sobre a estrada real que, em 1810, ligava Sobral de Monte Agraço a Lisboa, foi um dos últimos a ser construído e tinha por objetivo reforçar a defesa da serra do Alqueidão, cobrindo, pela direita, o terreno até Santo Quintino, pela frente e pela esquerda, alguns pontos da estrada real e o vale da Arcela, Chancos e Seramena. Saia do carro e aprecie o moinho de vento construído no seu interior, já no início do século XX, e deixe-se envolver pelas cores dos campos em seu redor, sempre em mutação conforme as estações do ano os pintam. De regresso ao carro, siga de volta pela mesma estrada, vire à direita


Moinho do Forte Novo. Foto: CMSMA

e depois logo à esquerda, poucos metros adiante encontrará o núcleo de apoio ao visitante do Circuito do Alqueidão. Deixe o carro no estacionamento e se levou farnel aproveite para almoçar neste espaço, ao ar livre. Retempere as forças, pois irá precisar delas para percorrer a pé os trilhos dos fortes da serra do Alqueidão. Os amantes do pedestrianismo poderão optar por entrar, a partir daqui, no troço do *GR30 – Rota das Linhas de Torres*, com uma distância aproximada de 16 km e experimentar uma *viagem* por locais das Linhas, usufruindo do contacto com a natureza traduzido na diversidade florística onde predominam as espécies de folha caduca, própria dos ares frescos e húmidos do litoral.

Suba pela estrada militar, calcorreie as memórias e as estórias desta calçada e deixe--se levar pelo tempo em que por ali passavam os carros de bois carregados com os fardamentos, mantimentos, feridos e material cirúrgico, a artilharia e as tropas que se moviam, na retaguarda, entre fortes, ou o próprio duque de Wellington que, diariamente, se deslocava do seu quartel-general ao Forte do Alqueidão para inspecionar as posições do inimigo, estabelecido em frente a Sobral.

No fim da subida, tem uma agradável surpresa, o Forte do Alqueidão, ou como ficou conhecido na época, o *Grande Reduto de Sobral* ou o *Forte Grande da Serra*. Depois da placa de apresentação, entre, siga o percurso assinalado, suba ao observatório de paisagem e rapidamente perceberá porque se designou esta obra de *Forte Grande*. A 439 metros



Núcleo de apoio ao visitante do circuito do Alqueidão.
Foto: CMSMA



Estrada militar de acesso ao Forte do Alqueidão.
Foto: CMSMA



Observatório de paisagem do Forte do Alqueidão.
Foto: CMSMA


Casa do Governador. Forte do Alqueidão. Foto: CMSMA

de altitude deixe-se envolver pela majestosa paisagem. O seu olhar cruza a 1ª e 2ª Linhas de defesa, do Tejo ao Atlântico, detém-se no Montejunto e no Monte do Socorro e vários são os fortes que a vista alcança a partir do ponto em que se encontra e cujos painéis à sua frente o ajudarão a interpretar. O visitante está agora no coração de um conjunto fortificado único na Europa.

Depois de observar a paisagem é fácil ao visitante compreender por que razão a sua posição geográfica fez dele Posto de Comando das Linhas de Torres. A sua construção, com início a 4 de novembro de 1809, ocupou uma área de 35 000 m^2 que incorporou diversas estruturas militares. Paióis podemos contar quatro e pequenos redutos interiores de defesa identificamos três. Dada a sua missão, foi o único guarnecido com tropa de linha. Além da brigada do general Pack, por decisão do marechal Beresford, contou duas companhias de artilharia de ordenanças – as *Companhias de Artilharia da Vila de Sobral*, criadas a título excecional.

Desça do observatório e conclua a visita passando pelos paióis e pela casa do governador e não deixe de reparar nos traveses, ainda visíveis no terreno. Quando sair do Forte do Alqueidão desça pela estrada de terra, paralela à estrada militar e desvie no primeiro entroncamento à direita, em direção aos Fortes do Simplício e do Machado. Perca-se por entre as manchas de eucalipto que tomaram o lugar da vegetação rasteira pontuada de sobreiros, pinheiros e oliveiras e, logo encontrará, do seu lado esquerdo, as indicações para chegar a estas duas obras


Placas direccionais. Grande Rota das Linhas de Torres. Circuito do Alqueidão. Foto: CMSMA

militares. Em cada uma delas está uma placa informativa acerca das suas guarnições, bocas de fogo e missões. Estes fortes eram complementares do Forte do Alqueidão, cruzando fogos sobre os acessos à serra, transformando-a num grande entrincheiramento fortificado que teve um papel dissuasor, absolutamente decisivo na retirada do marechal Massena da frente das Linhas.

Volte pelo mesmo caminho e, no entroncamento, desça em direção ao núcleo de apoio. Volte ao carro e retome a EN115 em direção a Sobral de Monte Agraço. Vire à esquerda quando encontrar a indicação de Cabeda, siga em frente por uma estrada sinuosa e no fim de uma descida acentuada vire, tome a EN374 e vire à esquerda na indicação de Pero Negro.

Aprecie as elevações, de um e do outro lado, da estrada (da Patameira e da Zibreira) ocupadas, outrora, pelas tropas aliadas, em prontidão.



Quinta dos Freixos, Pero Negro. Quartel-general de Wellington. Foto: CMSMA

Passe a localidade de Perna-de-Pau e vire à direita para Pero Negro, atravesse a linha férrea do oeste e, já dentro da localidade, numa encosta do lado direito, junto ao rio Sizandro, vê o edifício laranja, a Quinta dos Freixos, onde Arthur Wellesley estabeleceu o seu quartel-general [09º11'52,745"W; 38º59'23,220"N]. A casa, propriedade privada, ostenta uma placa na sua fachada, onde se pode ler: *Nesta casa do barão de Manique esteve o quartel-general do Marechal Sir Arthur Wellesley, em 1810, durante a ocupação das Linhas de Torres.* A localização do quartel-general do Supremo Comandante das Forças Anglo-Lusas não foi alheio à proximidade do quartel-general do marechal Beresford, a cerca de um quilómetro, em Casal Cochim, Sapataria [09º11'52,997"W; 38º58'49,585"N], bem como a imediação do posto de comando das Linhas – o Alqueidão – e a estação central telegráfica da Serra do Socorro.

Estavam, também, posicionados a curta distância os quartéis-generais do marquês de La Romana (Enxara dos Cavaleiros, Mafra) e do conde Spencer (Quinta da Póvoa, Torres Vedras).

A partir de Pero Negro, siga pela EN9-2 em direção a Enxara do Bispo, entrando no Circuito da Enxara e no município de Mafra. Quando chegar à localidade de Enxara dos Cavaleiros, saiba que foi provavelmente aqui que se instalou D. Pedro Caro y Sureda, marquês de La Romana, com um exército de 8000 homens. O contingente constituía a única força militar espanhola a defender as Linhas de Torres, refletindo o voluntarismo do seu chefe que cruzou a Europa combatendo as forças napoleónicas, desde a Dinamarca a Portugal, onde viria a morrer subitamente em janeiro de 1811. Poucas são as marcas da passagem do exército de La Romana, mas os redutos que defendeu encontram-se em bom estado de conservação, preparados para uma visita.

Os fortes da Enxara posicionam-se entre a localidade da Enxara do Bispo e a Enxara dos Cavaleiros. Enxara, a *an-xara* – charneca inculta caracterizada por matagais – é mencionada pela primeira vez nos inícios do século XIII. Na primeira metade do século XVI, desenvolvem-se dois núcleos urbanos, as duas Enxaras – do Bispo e dos Cavaleiros – com importantes edificações civis e religiosas, recebendo Enxara dos Cavaleiros o estatuto de sede de concelho. Desse período de apogeu, ficaram importantes marcas patrimoniais manuelinas como o pelourinho na Enxara dos Cavaleiros, a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção e a Ermida do Espírito Santo, em Enxara do Bispo e a Ermida da Nossa Senhora do Socorro.

Após cruzar a localidade da Enxara dos Cavaleiros, deverá atravessar o viaduto que cruza a A8 e virar à esquerda, numa estrada de terra batida



Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção, Enxara do Bispo. Foto: CMM



Ermida da Senhora do Socorro. Foto: CMM


Vista para a Serra do Socorro a partir do Forte Grande. Foto: CMM

devidamente sinalizada com a indicação “Circuito da Enxara”. A cerca de 200 m da estrada principal encontrará assinalado o Forte Pequeno [N.º 29], recuperado em 2008. As suas canhoneiras estavam direcionadas para a estrada que conduzia a Lisboa, evidenciando o objetivo desta obra, bater as colunas inimigas. Situando-se diretamente sobre um caminho, o Forte Pequeno encontra-se em razoável estado de conservação, incluindo um paiol e dois traveses.

Seguindo na direção noroeste, poderá encontrar a cerca de 700 m o Forte Grande [N.º 28].

Estes dois redutos encontravam-se posicionados entre a 1ª e a 2ª linhas defensivas, tendo como objetivo estratégico central a defesa da estrada Torres Vedras – Montachique, e proteger o quartel-general de Wellington em Pero Negro.

Terminada a visita aos Fortes da Enxara, poderá seguir diretamente para a Serra do Socorro, regressando à estrada nacional. Deve virar em direção à Enxara do Bispo e no primeiro entroncamento virar à direita, rumo a São Sebastião, localidade situada no sopé da Serra do Socorro onde ainda se conserva a “calçada (ou escadinhas) do duque”, quem sabe, memória dos tempos em que Wellington visitava a Serra do Socorro. Também na base da serra se encontra a Quinta da Póvoa, que foi quartel-general do conde Spencer, e hoje é uma unidade de turismo rural.

A Serra do Socorro, ponto mais alto do município de Mafra, deverá desde sempre ter marcado visualmente as comunidades humanas que ocuparam este território. Arqueologicamente, a sua ocupação está atestada desde épocas proto-históricas (Idade do Bronze – 1º milénio a.C. – até à Idade do Ferro – século IV a.C.).

As sondagens arqueológicas efetuadas neste Monumento Nacional (2007 e 2008) permitiram identificar uma possível cabana da Idade do Bronze junto à ermida e parece também provável que todo o povoado fosse cercado por uma muralha defensiva de planta ovalada.

Mais perto do céu, afastado do quotidiano terreno, o topo da Serra do Socorro foi cristianizado através da construção de uma ermida, cujos vestígios mais antigos correspondem à primeira metade do século XVI. Sob o signo da arte manuelina, ergueu-se um pequeno templo rodeado por alpendre e do qual se conservam a abóbada da nave e o portal lateral sul.

Em meados do século XVIII, reformulou-se o discurso simbólico da capela-mor: construiu-se um retábulo de talha dourada; revestiram-se as paredes com azulejos e encomendaram-se imagens aos escultores da Escola de Mafra. Por volta de 1820 registou-se a derradeira intervenção. Ao mesmo tempo que se fechou o antigo alpendre, limitou-se o acesso à capela-mor com novo arco triunfal e concebeu-se um programa pictórico destinado a enaltecer a figura da Virgem.

A posição proeminente da Serra do Socorro levou a que este local fosse escolhido para a implantação de um telégrafo durante a 3ª Invasão Francesa (1810-1811), relacionando-se com a estratégia concebida pelo duque de Wellington para as Linhas de Torres. Trata-se de um sistema criado especificamente para as Linhas de Torres, concebido pelo almirante Berkeley a pedido de Arthur Wellesley, adaptando o código naval da Royal Navy (Poppham).

Na Serra do Socorro, estava instalada a estação telegráfica central que comunicava com os 8 fortes onde estavam colocados os outros mastros de sinais. O sistema incluía duas linhas de comunicação: Grilo, São Vicente, Serra do Socorro, Alqueidão e Sinais na 1ª Linha; e São Julião, Sonível, serra de Chipre e Cabeço de Montachique na 2ª Linha; Alagoa fazia a ligação, pelo lado do Atlântico, entre ambas as Linhas. Para sul, a ligação com Lisboa fazia-se a partir do Cabeço de Montachique, através do telégrafo de Monsanto.

De natureza perecível e amovível, sem cartografia de pormenor, o telégrafo da Serra do Socorro permanecia como memória histórica, sem evidências materiais da sua existência. Com base na documentação histórica (cartas, iconogra-

fia, despachos e alguns esboços) e nas evidências arqueológicas (deteção de provável buraco de poste junto à ermida) efetuou-se o projeto de reconstituição do telégrafo.

A visita à Serra do Socorro, no coração das Linhas, inclui assim vários elementos de interesse. Poderá desfrutar da paisagem e tentar encontrar os vários fortes e quartéis-generais situados na área envolvente através de um observatório de paisagem. No adro da ermida, conserva-se o possível elemento de poste musealizado.



Forte Grande (Enxara) com a serra do Socorro ao fundo. Foto: CMM



Panorama tirado da serra do Socorro para o litoral.
Foto: Carlos Guardado da Silva

O Centro Interpretativo dedicado à temática das comunicações foi instalado nas construções anexas à ermida, nas casas dos romeiros que cultuam devoção à Senhora do Socorro. Este núcleo abre ao domingo, ou mediante marcação prévia [TEL. 261 819 711].

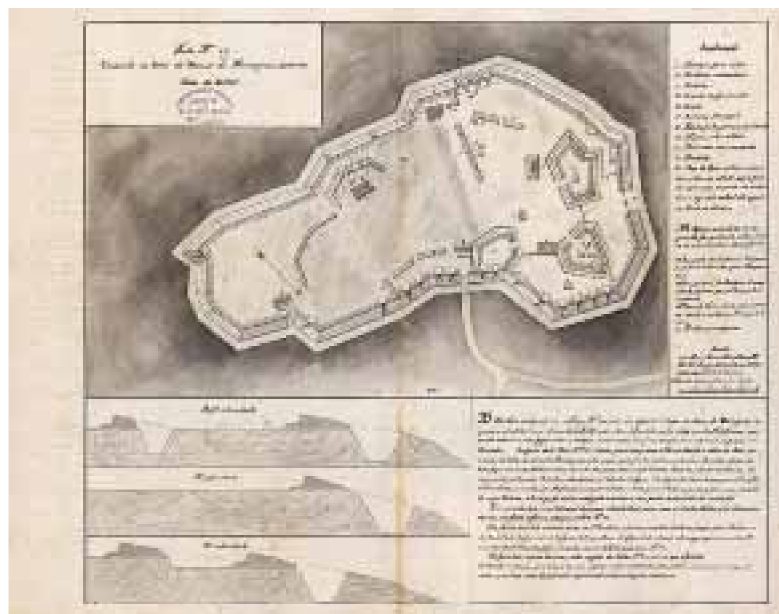
Na vertente norte, encontra-se ainda construída uma réplica do Telégrafo à escala real. Anualmente, são efetuadas animações do telégrafo, montando o dispositivo, constituído por um mastro e uma verga na qual se hasteia um conjunto de balões.

[SO, ACS]

FORTE DO ALQUEIDÃO
OU FORTE GRANDE DA SERRA

NÚMERO: 14
MUNICÍPIO: Sobral de Monte Agraço
GPS: 38°59'13,472"N; 09°09'04,427"W / 38°59'07,676"N; 09°08'58,388"W (núcleo de apoio)
GUARNIÇÃO: 1590 homens
BOCAS DE FOGO: 27 (12 de calibre* 12, 8 de calibre 9, 6 de calibre 6 e 1 obus de $5^{1/2}$)

É o maior forte das Linhas de Torres Vedras e constituía a posição mais importante da Primeira Linha defensiva. Daqui tem-se um amplo domínio visual de todo o entorno, dominando os vales e zonas de passagem em redor e avista-se uma parte considerável da Primeira Linha. Por ser o ponto de cota mais elevado de todo o sistema defensivo (442 m de altitude), à frente do qual se



Planta do forte do Alqueidão. Levantada pelo major Lourenço Homem (c. 1820). Col. GEA/DIE

* Peso da bala em libras, utilizado na época.



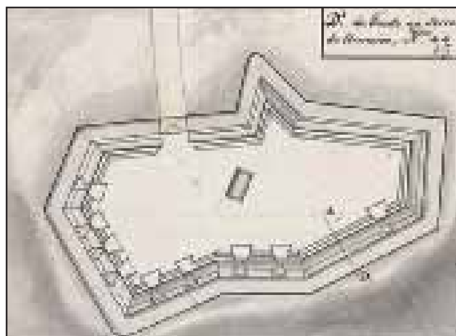
Boca de Fogo. Recriação no Forte do Alqueidão. CMSMA

situava um favorável campo de batalha, e pela sua posição central nas Linhas, Wellington ali estabeleceu o posto de comando avançado, que visitava frequentemente a cavalo. Deslocava-se do seu quartel-general, em Pero Negro, ou do posto central de comunicações na serra da Senhora do Socorro. Permanecia no Alqueidão até ao cair da noite, vigiando pelo seu óculo o movimento hostil até que a luz do dia permitisse um reconhecimento às tropas inimigas localizadas na frente do Forte. Em redor desta fortaleza, estava concentrada uma boa parte do exército de linha Anglo-Luso. Em conjunto com os Fortes do Machado, Trinta e Simplício [N.os 15, 16 E 17], que cruzavam fogo sobre os objetivos, o Forte do Alqueidão abraçava o topo da serra de Monte Agraço, constituindo um poderoso conjunto fortificado. O seu objetivo era bater, na esquerda, o vale da Arcela, na sua frente a zona de Santo Quintino, e cobrir igualmente a subida da serra para a Caneira, podendo cruzar fogo com este Forte [N.º 13]. Protegia a estrada real que ligava a vila de Sobral de Monte Agraço a Bucelas, assim como a estrada militar que seguia para a Louriceira de Cima. Tinha capacidade para proteger, com o seu fogo, o Forte do Machado, de qualquer ataque.
Possuía um dos postos de sinais da 1ª Linha e dispunha de cinco paióis e três redutos e de um poço de água dentro do Forte.

FORTE DO MACHADO

NÚMERO: 15
MUNICÍPIO: Sobral de Monte Agraço
GPS: 38º58'56,614"N; 09º09'17,404"W
GUARNIÇÃO: 460 homens
BOCAS DE FOGO: 7 (calibres 12, 9, 6)

Em conjunto com os Fortes do Alqueidão, do Trinta e do Simplício [N.os 14, 16 E 17] guarnecia a crista da serra de Monte Agraço A sua missão era opor-se a um possível ataque inimigo ao Forte do Alqueidão. Batia, pela frente, o acesso à serra a partir de Casais e, pela esquerda, os terrenos de Baço, Alcareia, Camondes e Arcos. Tinha capacidade para bombardear, em profundidade, alvos a curtas, médias e longas distâncias.


Planta de Lourenço Homem (c. 1820). Col. GEA/DIE


Paiol do Forte do Simplício. Foto: CMSMA

FORTE DO SIMPLÍCIO

NÚMERO: 17
MUNICÍPIO: Sobral de Monte Agraço
GPS: 38º59'01,923"N; 09º09'05,403"W
GUARNIÇÃO: 300 homens
BOCAS DE FOGO: 6 (5 de calibre 6 e 1 obus $5^{1/2}$)

Situa-se na encosta da serra de Monte Agraço. Este forte avançado fechava a coroa da serra em conjunto com os fortes do Alqueidão, Machado, e Trinta [N.os 14, 15 E 16]. Batia, pela frente, a estrada real Sobral-Bucelas e as estradas militares para a Louriceira de Baixo e para a Carvalha. À esquerda cruzava fogos com o Forte Grande do Alqueidão. Para facilitar a circulação entre fortes, vários caminhos foram transformados em estradas militares.

FORTE NOVO

NÚMERO: 152
MUNICÍPIO: Sobral de Monte Agraço
GPS: 38º59'34,680"N; 09º08'46,744"W
GUARNIÇÃO: 250 homens
BOCAS DE FOGO: 5 (calibres 12, 9
e um obus 5 $^{1/2}$)

Situado no cabeço dos Galhofos, sobre a estrada real de Sobral de Monte Agraço, está um pouco avançado em relação ao Forte do Alqueidão. O seu objetivo era reforçar a defesa da serra de Monte Agraço, batendo os terrenos que ficam mais a coberto das fortificações situadas na coroa da serra. Domina pela direita o terreno de Santo Quintino e suas proximidades, e pela frente e esquerda alguns pontos da estrada real, do vale da Arcela, Chancos e Seramena.



No interior do moinho do Forte Novo. Foto: CMSMA

Foi construído para ser um posto avançado da posição de Monte Agraço, já depois da retirada do exército napoleónico.

FORTE GRANDE

NÚMERO: 28
MUNICÍPIO: Mafra
GPS: 38º59'31,19"N; 09º13'25,62"W
GUARNIÇÃO: 280 homens
BOCAS DE FOGO: 4 (calibre 9)

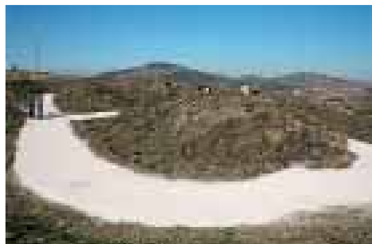
Forte com planta em estrela (tipo Vauban). Apresenta estrutura em terra, com fosso, paiol e través de proteção da entrada. Regista-se a presença de seis canhoneiras bem como vestígios da banqueta para os atiradores.



Foto: Francisco de Sousa Lobo

FORTE PEQUENO

NÚMERO: 29
MUNICÍPIO: Mafra
GPS: 38º59'11,90"N; 09º13'11,20"W
GUARNIÇÃO: 270 homens
BOCAS DE FOGO: 3 (calibre 12)


Foto: CMM

Reduto alongado, tipo bateria, com seis canhoneiras voltadas para a vertente este, estrada Torres Vedras – Lisboa. Apresenta estrutura em terra, com fosso, paiol com través de proteção e travez interno.
Os fortes 28 e 29 situam-se entre a 1ª e a 2ª Linhas defensivas e tinham como objetivo a defesa da estrada Torres Vedras – Montachique, em apoio do quartel-general do duque de Wellington, em Pero Negro. Foram guarnecidos pelas divisões aliadas do general espanhol D. Pedro Caro y Sureda, marquês de La Romana, instalado na Enxara dos Cavaleiros com um exército de 8000 homens.

CENTRO DE INTERPRETAÇÃO DAS LINHAS DE TORRES

MUNICÍPIO: Sobral de Monte Agraço
GPS: 39º01'07,134"N; 09º09'05,520"W

Localizado no centro histórico da vila, o centro interpretativo situa-se no palco de um dos maiores combates entre as tropas napoleónicas e luso-britânicas durante o cerco às Linhas de Torres, a 12 de outubro de 1810. O programa expositivo desenvolve-se numa perspetiva dinâmica e complementar aos centros de interpretação e acolhimento que integram a Rota Histórica das Linhas de Torres e em torno da temática da "Estratégia e pensamento militar". Tem especial enfoque para o papel desempenhado pelos quartéis-generais, principalmente o de Wellington, estabelecido em Pero Negro, e o de Beresford, em Casal Cochim, em articulação com o posto de comando do Forte Grande do Alqueidão e os fortes subsidiários, onde o comandante inglês concentrou a maior parte do seu exército de linha.


Foto: CMSMA

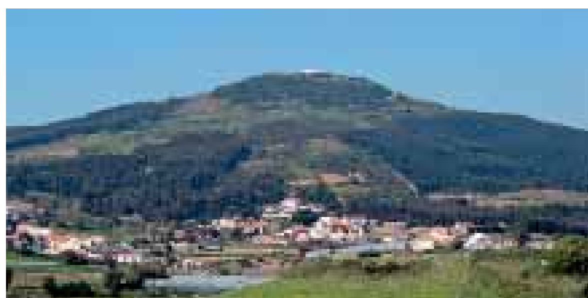
ESTRADA MILITAR

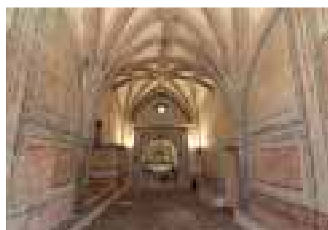
MUNICÍPIO: Sobral de Monte Agraço
GPS: 38º59'09,290"N; 09º08'55,620"W

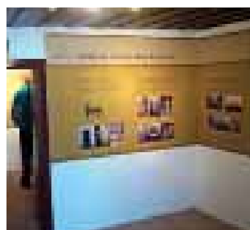
A estrada militar de acesso ao Forte Grande da Serra ou do Alqueidão, hoje com uma área conservada de 1379 m^2, tinha como objetivo assegurar a comunicação entre este forte e os Fortes do Trinta, do Simplício e do Machado, assim como estabelecer a ligação com uma rede de itinerários que veio a ligar os fortes das duas Linhas de Defesa, do rio Tejo ao Oceano Atlântico. Isso permitiria a fluidez de circulação das guarnições e das tropas de linha, do material de artilharia e dos reabastecimentos, ou ainda a evacuação sanitária de tropas que se encontravam sob o fogo inimigo. Desse modo, tornava-se também possível, depois das linhas concluídas, a rápida concentração de tropas em qualquer ponto, conferindo a toda a manobra a rapidez, a flexibilidade e o sigilo indispensáveis ao sucesso da estratégia aliada.



Estrada militar de acesso ao Forte do Alqueidão. Foto: CMSMA









Serra do Socorro
Ermida e Centro Interpretativo
Réplica do telégrafo
Fotos: CMM

SERRA DO SOCORRO
CENTRO INTERPRETATIVO
ERMIDA
OBSERVATÓRIO DE PAISAGEM

MUNICÍPIO: Mafra

Elevação que domina a paisagem no coração das Linhas de Torres Vedras, oferecendo ótimas condições de visibilidade entre a 1ª e a 2ª Linhas defensivas, a serra do Socorro está decisivamente ligada às comunicações telegráficas. Durante a Guerra Peninsular foi aqui instalada uma estação semafórica que era o ponto fulcral do complexo sistema de comunicações das Linhas.
Centro Interpretativo direcionado para a temática das comunicações, com uma réplica do Telégrafo à escala real, assim como o observatório de paisagem e a musealização do buraco de poste original descoberto nas escavações arqueológicas.
Paralelamente, na serra do Socorro apresenta-se um vasto património de âmbito arqueológico (desde a Idade do Bronze), arquitetónico e artístico, com destaque para uma ermida manuelina enriquecida por fases construtivas posteriores e classificada como Monumento Nacional.
É em torno da serra que se estrutura o Circuito da Enxara: no sopé da montanha encontram-se o Forte Pequeno [N.º 28] e o Forte Grande [N.º 29], que defendiam o quartel-general de Wellington em Pero Negro, situado a escassos quilómetros.

CENTRO INTERPRETATIVO E ERMIDA

GPS: 39º01’03,32”N; 09º13’31,44”W
HORÁRIO: Domingo 10h00 – 17h00
ou mediante marcação:
TEL.: [+351] 261 819 711
E-MAIL: arqueologia@cm-mafra.pt

FESTIVIDADES



FESTA DO PÃO / MOSTRA DE ARTESANATO

[Sobral de Monte Agraço]

→ No fim de semana, a seguir ao feriado municipal (5ª feira da Espiga)

Na Praça Dr. Eugénio Dias, várias associações do município apresentam diversas receitas de pão, algumas das quais confecionadas em tradicionais fornos de lenha. Pode-se também assistir a uma mostra de diversas expressões de artesanato. A festa conta ainda com espectáculos de rua, arruadas, música com sons tradicionais portugueses e do mundo, e animação para crianças.

FESTAS E FEIRA DE VERÃO

[Sobral de Monte Agraço]

→ 2º fim de semana de setembro

Uma semana de espetáculos musicais, de dança e taurinos, incluindo um desfile temático, no segundo domingo de setembro, alusivo a episódios com relevância histórica, etnográfica ou social para o concelho.

FESTA DA SENHORA DO SOCORRO

[Mafra]

→ 5 de agosto

Romaria anual mais importante do município, muito concorrida pelas gentes locais e dos municípios limítrofes, junto à ermida de Nossa Senhora do Socorro. Muitos romeiros deslocam-se ao local em pagamento de promessas, como testemunham os ex-votos ali reunidos.

Agenda de eventos e iniciativas sobre
o património das Linhas de Torres em:
www.cm-sobral.pt e **www.cm-mafra.pt**

A DEFESA DO TEJO



COMO CHEGAR



→ De Lisboa ou Porto: utilize a A1 com saída em Vila Franca de Xira.
→ De Faro: utilize a Via do Infante, depois a A2 e a A12 até Lisboa, e A1 até Vila Franca de Xira.



→ Boa Viagem, entre Lisboa (Campo Grande) – Vila Franca de Xira.



→ Linha da Azambuja: paragens em Vila Franca de Xira, Alhandra e Alverca.

POSTO DE TURISMO DE VILA FRANCA DE XIRA

Praça Afonso de Albuquerque, 12
GPS: 38º57’13,055”N; 08º59’25,859”W
TEL.: [+351] 263 285 605
FAX: [+351] 263 271 516
E-MAIL: turismo@cm-vfxira.pt
HORÁRIO: 2ª a 6ª feira: 10h00 – 12h30 / 14h00 – 18h00; sábado: 10h00 – 13h00; encerra domingos e feriados

MUSEU MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA

NÚCLEO SEDE
TEL.: [+351] 263 280 351
E-MAIL: museumunicipal@cm-vfxira.pt

NÚCLEO DO MÁRTIR SANTO
TEL.: [+351] 263 280 350
E-MAIL: museumunicipal@cm-vfxira.pt
HORÁRIOS: 3ª feira a domingo: 9h30 – 12h30 / 14h00 – 17h30; encerra 2ª feira e feriados

NÚCLEO DE ALVERCA
TEL.: [+351] 219 570 305
E-MAIL: museumunicipal.nucleoalverca@cm-vfxira.pt
HORÁRIO: 3ª feira a domingo: 10h00 – 13h00 / 14h00 – 18h00; encerra 2ª feira e feriados

NÚCLEO DO BARCO VARINO *LIBERDADE*
TEL.: [+351] 263 280 351
HORÁRIO: navega entre maio e outubro

QUINTA MUNICIPAL DE SUBSERRA

TEL.: [+351] 219 500 082
HORÁRIO: 2ª a 6ª feira: 8h30 – 16h30; fins de semana: 10h00 – 18h00 (verão); 10h00 – 17h00 (inverno)

A defesa das Linhas de Torres também se ganhava junto às margens do rio Tejo, frente à vila de Alhandra, onde tem início a Primeira Linha. Uma flotilha de lanchas canhoneiras e corvetas da Marinha Britânica impediam a passagem do exército invasor para sul do rio e vigiavam a importante estrada real que lhe corria paralela. A defesa do Tejo fez-se em estreita ligação com os fortes e entrincheiramentos construídos na serra a norte de Alhandra. Descubra o observatório de paisagem junto do Monumento às Linhas de Torres Vedras e percorra as obras militares de Subserra, assim como o Centro Interpretativo das Linhas de Torres ali perto, em Forte da Casa.

Na região de Vila Franca de Xira, passavam vias privilegiadas de acesso à capital do Reino, que Napoleão pretendia submeter. O grande rio Tejo, a via milenar na qual se transportavam rapidamente pessoas e mercadorias e, correndo-lhe paralelamente, a Estrada Real das Vilas, que ia de Santarém até à capital, passando por Alhandra e Alverca. Foi pela estrada real que três anos antes os soldados de Junot atingiram rapidamente Lisboa, falhando por pouco o aprisionamento da família real portuguesa.



Uma vista do Tejo próximo de Vila Franca que mostra parte das Linhas Britânicas
Gravura de Henri L'Evêque, 1812. Col. Biblioteca Nacional de Portugal

A norte de Alhandra, oito fortificações coroavam a Subserra e a serra do Formoso, levantadas com o esforço quotidiano de camponeses e soldados, sob a direção dos engenheiros militares britânicos. No verão de 1810, trabalhavam só na zona de Alhandra 2500 pessoas. Era uma posição avançada em permanente reforço, equiparável à do Forte Grande do Alqueidão, em Sobral de Monte Agraço e ao Forte de São Vicente, em Torres Vedras.


Caminho pedonal ribeirinho. Foto:CMVFX

Aproveite a visita para conhecer um pouco de Alhandra [38º55'30,039"N; 09º00'25,793"W]. Tome um café nas esplanadas junto ao cais da vila, onde a vista se perde no rio, ou experimente passear pelo caminho pedonal ribeirinho, três quilómetros que ligam Alhandra a Vila Franca de Xira, onde a população corre e faz exercícios, anda de bicicleta ou simplesmente passeia ao sabor de dois dedos de conversa.


Alhandra vista do rio Tejo. Foto: CMVFX

Olhando este cenário aprazível, dominado pela vastidão das lezírias e as águas calmas do Tejo, imagine o visitante as investidas da cavalaria francesa pela estrada ribeirinha, em outubro de 1810, tentando perceber as fortificações que se erguiam na serra a poente da vila. Através do óculo, observavam certamente as sentinelas aliadas. E não podiam ir mais longe: a vila estava completamente bloqueada com barricadas e defendida por aguerridas tropas portuguesas.

Nesse mês, dois combates deram-se à entrada dos aglomerados, nos dias 14 e 16. As patrulhas francesas tentaram forçar a posição progredindo pela estrada real em direção às portas da vila, mas foram obrigadas a recuar perante a forte resistência do Regimento português de Infantaria 12.

Do amplo cais da vila, ainda hoje se avista, no alto da serra e rodeada de pinheiros-mansos, a imponente coluna branca que sustenta a estátua do guerreiro Hércules – é o Monumento aos Defensores das Linhas de Torres Vedras, no seu título original. A sua envolvente abriga um observatório de paisagem, comecemos a visita às Linhas por aqui.



Hércules. Monumento aos Defensores das Linhas de Torres Vedras. Foto: CMVFX

É acessível pela EN10, que se apanha pela A1 saindo em Alverca: na direção Vila Franca de Xira/ Alhandra, vire na segunda placa que indica Sobralinho (na primeira, se vem de Alhandra), e siga sempre em frente pela estrada do miradouro, passando o viaduto da autoestrada. Subindo a elevação, siga a placa que indica o monumento e, nas bifurcações que encontrar, opte sempre pela direita. Sempre a subir chegará rapidamente ao miradouro, que tem um parque de estacionamento. Também é acessível por um caminho pedonal que se inicia perto do painel de azulejos, com um panorama dos fortes, situado por baixo do viaduto da A1, em Alhandra.

Chegados ao alto do monumento, é altura de apreciar, com vagar, a vista privilegiada sobre o rio Tejo, as lezírias, a vila de Alhandra e São João dos Montes. É o melhor miradouro da região, e sentimos logo a posição estratégica de toda esta serra a norte da vila. Repare no orgulho com que a estátua do herói grego Hércules, o "boneco" na gíria dos alhandrenses, desafia as alturas. Na base do monumento, vemos inscrita a frase, para memória futura: NON ULTRA. Não passaram os exércitos de Napoleão. Tem placas de homenagem aos engenheiros militares Neves Costa e Richard Fletcher e ainda ao esforço da população na construção das Linhas.

O monumento foi levantado no local onde se situava o Reduto da Boavista [N.º 3] e foi concluído em 1883. É um projeto do general Joaquim da Costa Cascais, edificado por ordem do marquês de Sá da Bandeira, primeiro-ministro e veterano da Guerra Peninsular. A estátua de Hércules, da autoria do escultor Simões de Almeida, simboliza a resistência tenaz do povo português e das Linhas face ao invasor napoleónico, segurando num grande bastão e numa pele de leão.

A defesa de Alhandra e do Tejo era uma preocupação constante do duque de Wellington, não hesitando em colocar canhões no alto da colina da igreja matriz, que dominava a estrada real à entrada da vila. Teve ainda outra ideia: colocar peças de artilharia na ilha em frente, o mouchão de Alhandra, para impedir o avanço das tropas invasoras pela margem do Tejo. Mas cedo concluiu que era mais eficaz uma defesa por baterias flutuantes: naqueles dias chuvo-

sos de outubro de 1810, defronte de Alhandra, uma flotilha de corvetas da *Royal Navy* e lanchas canhoneiras patrulhavam atentamente as águas em torno do mouchão, vigiando a estrada real restaurada por D. Maria I.

Experimente fazer um passeio no barco varino *Liberdade* [MARCAÇÃO PRÉVIA: 263 280 351], embarcação tradicional do Tejo que é um dos núcleos do Museu Municipal de Vila Franca de Xira, cuja sede alberga uma exposição com um módulo dedicado às Invasões Francesas. Os outros núcleos situam-se em Alverca e na antiga igreja quinhentista do Mártir Santo São Sebastião (Imóvel de Interesse Municipal), no centro de Vila Franca. O barco varino apanha-se no cais da cidade [38º57'05,752"N; 08º59'17,141"W], entre os meses de maio a outubro e faz um percurso pelos típicos mouchões do Tejo, observando a sua fauna e flora características. Nas águas do rio, compreendemos melhor a vantagem da posição de Alhandra e a vigilância que os marinheiros britânicos faziam à estrada paralela ao rio.

Uma das suas vítimas foi o general de cavalaria Sainte-Croix, principal defensor, com Junot, de um ataque direto às Linhas. Durante um reconhecimento, perto de Vila Franca, foi morto pelo tiro fortuito de uma lancha canhoneira, uma perda muito sentida pelo marechal Massena, que lhe conhecia o grande valor. Tinha 28 anos.

Duas obras militares perfeitamente implantadas na serra aguardam ainda pela sua visita. Num percurso pedestre que não leva mais de quinze minutos a percorrer, siga o caminho que sobe à direita do Motoclube de Alhandra, por entre frondosos pinheiros. Chegado ao cimo, siga um trilho estreito à esquerda que vai dar a um caminho maior, ficando a fábrica da CIMPOR à sua frente. Aqui o mouchão de Alhandra é bem visível, cabe todo num olhar. Vire à direita e suba até a uma estrada larga de pedra e terra batida, que pode igualmente percorrer de carro. É esta via que nos deve nortear neste percurso.

Siga por esta estrada ladeada de pinheiros e eucaliptos, sempre animada pelo suave chilrear de pássaros, até chegar a um largo com um moinho antigo à direita e uma estação da EPAL à esquerda. Já falta pouco: repare que ao longe, perto de



Museu Municipal de Vila Franca de Xira – Núcleo Barco Varino *Liberdade*. Foto: CMVFX

uma torre de alta tensão, já se vê um pano de muralha do primeiro Forte da Subserra [N.º 114]. Continue o percurso subindo um pouco e a cerca de duzentos metros alcança a sua entrada.

Aprecie a vista deslumbrante que a fortificação lança para o vale de São João dos Montes e vila de Alhandra, à beira de um grande lençol de rio. Durante os preparativos para a defesa, na serra do Formoso e Subserra, uma contínua cumeada natural, foi escarpada em cerca de três quilómetros para travar o ímpeto dos soldados atacantes. Em julho de 1810, já com os exércitos de Napoleão progredindo em território nacional, Wellington ordenou a construção de uma nova série de redutos, para reforçar esta posição.

O Primeiro Forte de Subserra [N.º 114] foi construído em escassas semanas. Tinha capacidade para 100 homens e possuía três peças de artilharia. Controlando as alturas de Subserra, impedia uma progressão do inimigo pela estrada de Arruda a Alhandra, que vemos em baixo, assim como o torneamento da serra pela nossa esquerda, penetrando pelo vale de Calhandriz.

Há ainda mais para descobrir. Retome o caminho principal e cedo chegará a uma bifurcação. Siga o caminho da esquerda e subindo um pouco chegamos ao local dos dois moinhos do Forte de Subserra. Um deles é dos raros exemplares ainda em funcionamento no município de Vila Franca de Xira. Aprecie uma vez mais a soberba vista e a posição estratégica do forte, visto do alto. As forças defensivas aproveitaram a abundância de moinhos de vento na região e alguns foram convertidos em verdadeiros postos de tiro (*blockhouses*). Na região desprotegida de Vila Franca, o exército Anglo-Luso destruiu todos os moinhos que pôde, para não servirem o invasor.

Deixando os moinhos para trás, retome uma vez mais o caminho principal. Em poucos metros encontra dois trilhos que entram por uma mata de pinheiros e conduzem o visitante, daí a cerca de 50 metros, à Bateria Nova de Subserra [N.º 114A]. Cruzando fogo com o forte vizinho, este posto de tiro tinha objetivos militares semelhantes, sobretudo impedir uma incursão dos soldados franceses pela serra e bater com o seu fogo a estrada real que ia de Arruda a Alhandra.

Nas imediações destas obras militares, encontra-se a Quinta Municipal de Subserra, que vale muito a sua visita [38º55’40,830”N; 09º01’40,960”W]. É uma


Quinta Municipal de Subserra. Foto: CMVFX

propriedade rural da época das Invasões Francesas. Após a revolução de 1820, foi residência do militar liberal Manuel Inácio Martins Pamplona Corte Real (1760-1832), 1º conde de Subserra. Durante a defesa das Linhas o general Pamplona estava do outro lado da barricada, comandante da Legião Portuguesa ao serviço de Napoleão, invadindo o país integrado no estado-maior de Massena. Só pôde regressar ao país e ser perdoado com o triunfo da revolução liberal de 1820.

O centro da localidade de Subserra fica na encosta que fortes e moinhos vigiam do cimo da serra. Se lhe restarem energias e quiser ir a pé, é um passeio agradável, mas tem uma subida íngreme na volta. Regresse pelo mesmo caminho e passe os dois moinhos, chegando à bifurcação que já conhecemos. Aí, desça o caminho à esquerda, passando o muro das traseiras da quinta, pela rua do Marquês de Subserra. Chegados à localidade, e descendo sempre, há-de encontrar o portão da quinta defronte do Clube Recreativo de Subserra. Se preferir, regresse ao carro estacionado junto ao monumento e apanhe de novo a EN10 em direção a Alhandra, seguindo até alcançar o viaduto da A1. À esquerda, tem uma estrada com a indicação Subserra, pela qual se acede à localidade.

Passado o portão da quinta, aprecie as vinhas que se estendem pela encosta: ainda hoje a Câmara Municipal mantém a tradicional produção vinícola e de uva de mesa. Os condes de Subserra reedificaram a capela e o palácio seiscentistas, arruinados desde o terramoto de 1755. Aproveite para desfrutar dos jardins de traçado geométrico, por onde passeou o general Pamplona e espreitar a casa de fresco e a fonte em estilo rococó.

Depois, deixe-se encantar pelo amplo edifício solarengo e a capela de São José, que possui no interior azulejos seiscentistas e um valioso retábulo no altar-mor, do célebre pintor Bento Coelho da Silveira. Nos seus passeios a cavalo pela Subserra, o general deve ter apreciado algumas obras militares como as que visitámos, que em 1810 venceram o exército invasor e assegura-

ram a independência nacional. Que terá ele pensado, olhando para este soberbo vale, das voltas que a História dá?

É hora, talvez, de regressar ao carro e beneficiar de um almoço ou de um lanche retemperador. Em Alhandra e Vila Franca não faltam locais de boa mesa. Aproveite para almoçar nos restaurantes junto ao cais de Alhandra, onde a vista se perde no rio e no horizonte das lezírias, ou, se preferir, deixe-se ficar pelo centro de Vila Franca de Xira, que tem oferta variada. Em março e em novembro os principais restaurantes do município aderem às campanhas gastronómicas, oferecendo pratos típicos. Na primavera prove a célebre Açorda de Sável, com o saboroso sável frito, pescado nas águas do rio Tejo.

Recuperadas as energias, complete a sua visita ao município com uma ida ao Centro Interpretativo das Linhas de Torres, no Forte da Casa. Apanhe de novo a EN10 em direção a Lisboa, passando pela cidade de Alverca. Mantenha-se atento, pois à saída vemos os Padrões do Termo de Lisboa (Imóvel de Interesse Público), dois elegantes obeliscos em pedra datados de 1782, um de cada lado da estrada, que assinalam a renovação do itinerário Lisboa – Santarém pela rainha D. Maria I [38º53'02,896"N; 09º02'58,884"W]. Estamos a passar pela antiga Estrada Real das Vilas, hoje Estrada Nacional, que o exército de Massena queria percorrer até Lisboa e que Junot utilizara três anos antes.

Na rotunda, siga a indicação da Rota Histórica das Linhas de Torres e vire à direita, vencendo uma subida íngreme. A partir daí, siga as placas que indicam o Centro Interpretativo, até ao interior da vila. Reparou decerto nas ruas acidentadas desta freguesia: está situada na antiga serra da Albueira, no arranque da Segunda Linha iniciada junto às salinas do rio Tejo. O contraste é grande com a paisagem calma e bucólica de Subserra.

A vila foi crescendo em torno do forte, que se distingue no centro da localidade, e dele tomou o nome. O reduto do Forte da Casa [N.º 38] integrava um conjunto de obras militares levantadas em pontos estratégicos da serra, hoje fortemente urbanizada. Percorra o interior das estruturas originais da fortificação e conheça a implantação regional dos fortes das Linhas de Torres. Conheça também a história conturbada das Invasões Francesas e o seu impacto em Vila Franca de Xira. No final, verá que a sua visita tem ainda mais proveito. [cs]

OBSERVATÓRIO DE PAISAGEM MONUMENTO ÀS LINHAS DE TORRES VEDRAS

MUNICÍPIO: Vila Franca de Xira
GPS: 38°55'28,362"N; 09°00'58,380"W

Situado perto da vila de Alhandra, o monumento foi concluído em 1883 por ordem do marquês Sá da Bandeira, veterano da guerra e concebido pelo general Joaquim da Costa Cascais. A estátua de Hércules, no cimo de uma coluna, é da autoria de José Simões de Almeida Junior. Foi construído no local onde se situava o reduto da Boavista [N.º 3], no arranque da 1ª Linha defensiva da capital. É acessível por caminho pedonal desde o centro da vila de Alhandra, ou por acesso rodoviário, estando dotado de um parque de estacionamento. O visitante pode percorrer alguns caminhos pedestres, e desfrutar de uma vista privilegiada sobre as Lezírias, o rio Tejo, a vila de Alhandra ou o vale de São João dos Montes. Para descanso, existe um parque de merendas no local. A sinalética informativa permite compreender a importância das fortificações erigidas no concelho e a história do próprio monumento, documentados em textos e imagens.


Foto: CMVFX

PRIMEIRO FORTE DE SUBSERRA

NÚMERO: 114
MUNICÍPIO: Vila Franca de Xira
GPS: 38°55'29,236"N, 09°01'25,418"W
GUARNIÇÃO: 100 homens
BOCAS DE FOGO: 3 (2 de calibre* 9 e 1 de calibre 6)


Foto: Francisco de Sousa Lobo

* Peso da bala em libras, utilizado na época.

BATERIA NOVA DE SUBSERRA

NÚMERO: 114A

MUNICÍPIO: Vila Franca de Xira

GPS 38º55'32,658"N; 09º01'40,051"W

GUARNIÇÃO: 370 homens

BOCAS DE FOGO: 9

Situam-se na serra que integrava a posição defensiva de Alhandra, no arranque da 1ª Linha de Torres Vedras, junto ao rio Tejo. Tinham como objetivos impedir que o inimigo atacasse o flanco esquerdo da posição, junto à Bateria de São Fernando [N.º 4] e, cruzavam fogos para impedir o acesso ao vale da serra e dificultar a progressão do inimigo pela estrada real que ligava Alhandra a Arruda, se tentasse contornar a posição de Alhandra.
Construídos a partir de fevereiro de 1810, tinham guarnição composta por milícias, ordenanças e artilheiros portugueses, apoiados pela 2ª Divisão do tenente-general Rowland Hill e na vila por regimentos da Divisão portuguesa do major-general John Hamilton. Na serra, corpos de milícias nacionais sob comando do coronel Carlos Frederico Lecor vigiavam os movimentos do inimigo.

CENTRO INTERPRETATIVO DO FORTE DA CASA

MUNICÍPIO: Vila Franca de Xira

GPS: 38º52'24,892"N; 09º03'26,672"W

TEL.: [+351] 926 531 121 / 263 280 351

HORÁRIO: 3ª feira a domingo,
9h30 – 12h30 / 14h00 – 17h30


Foto: CMVFX

Implantado no perímetro do Forte da Casa [N.º 38], no centro da atual vila que tomou o seu nome, o equipamento informa o visitante sobre o projeto da Rota Histórica das Linhas de Torres, divulgando conteúdos como a construção das duas Linhas de Torres Vedras, o impacto das Invasões Napoleónicas no concelho de Vila Franca de Xira e a relação do forte com outras obras militares do distrito defensivo de Vialonga. Aí, o visitante pode também percorrer o interior das estruturas da fortificação, postas a descoberto por escavações arqueológicas em 2008 e 2010.
Fosso, paiol e canhoneiras são visitáveis com o auxílio de painéis com sinalética informativa, que proporcionam um enquadramento histórico e material do monumento.

FESTIVIDADES



COLETE ENCARNADO

[Vila Franca de Xira]

→ Primeiro fim de semana de julho

A festa emblemática do município, dedicada à tauromaquia e à figura do Campino, com as tradicionais largadas e esperas de toiros, a noite da sardinha assada, a festa nas tertúlias e animação em toda a cidade, e ainda as corridas na centenária praça de toiros Palha Blanco.

FEIRA ANUAL E SALÃO DE ARTESANATO

[Vila Franca de Xira]

→ Outubro

No Parque Urbano da cidade, instalam-se as diversões, tasquinhas e tendas de venda para todos os gostos e bolsas, e um vasto Salão de Artesanato. Aprecie a arte do fabrico à mão do mais variado tipo de peças, com artesãos de todas as regiões do país, que aqui dão a conhecer o seu trabalho, cuja elaboração pode ser apreciada ao vivo. A Tauromaquia, como não podia deixar de ser, é outra das vertentes da festa, com as concorridas largadas de toiros nas ruas da cidade e, ainda, as corridas na Palha Blanco.

FESTAS DE SÃO JOÃO BAPTISTA

[Alhandra]

→ Junho

No largo do coreto, junto à zona ribeirinha. Engloba espetáculos musicais, marchas populares, arraial noturno, largada de toiros noturna e procissão no rio Tejo com a imagem de São João Batista, transportada no barco varino *Liberdade*.

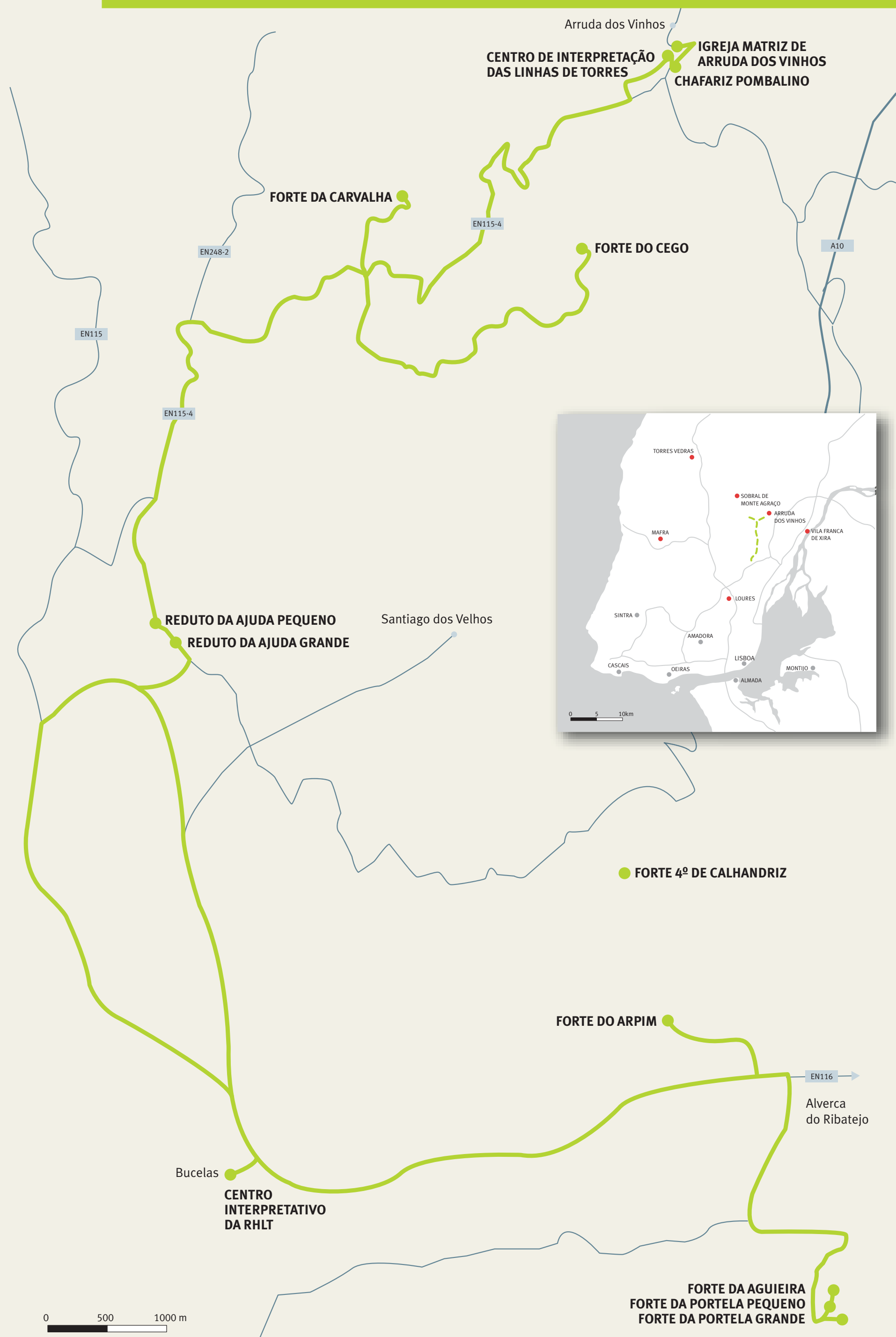
ROMARIA DO SENHOR DA BOA MORTE

[Povos]

→ Dia da Espiga (40 dias após a Páscoa)

Feriado municipal. Na quinta-feira de Ascensão, o alto do Senhor da Boa Morte é local de peregrinação, sendo este dia marcado pela apanha do ramo de espiga e a bênção dos campos.

GRANDES DESFILADEIROS



COMO CHEGAR



→ De Lisboa ou do Porto: utilize a A1 seguida da A10 com saída em Arruda dos Vinhos.
→ De Faro: utilize a Via do Infante, depois a A2 até à A13 (sentido Santarém), seguindo pela A10 até Arruda dos Vinhos.



→ Rodoviária de Lisboa e Boa Viagem.



→ Linha da Azambuja, com paragem em Vila Franca de Xira, Alhandra e Alverca.

POSTO DE TURISMO DE ARRUDA DOS VINHOS

Centro Cultural do Morgado
GPS: 38º58'60"N; 09º04'40"W
TEL.: [+351] 263 974 004
E-MAIL: pturismo@cm-arruda.pt
HORÁRIO: 3ª a 6ª feira:
9h00 – 12h30 / 14h00 – 17h30;
sábado e domingos: 10h00 – 13h00 / 14h00 – 18h00;
encerra 2ª feira e feriados

POSTO DE TURISMO DE LOURES

Pavilhão de Macau – Parque da Cidade
GPS: 38º49'36,50"N; 09º09'38,03"W
TELEFONE: [+351] 211 151 509/ 10
FAX: [+351] 211 151 793
E-MAIL: divisao_turismo@cm-loures.pt
HORÁRIO: 2ª a 6ª feira:
9h00 – 12h30 / 14h00 – 17h30;
encerra fim de semana e feriados

POSTO DE TURISMO DE VILA FRANCA DE XIRA

Praça Afonso de Albuquerque, 12
GPS: 38º57'13,055"N; 08º59'25,859"W
TELEFONE: [+351] 263 285 605
FAX: [+351] 263 271 516
E-MAIL: turismo@cm-vfxira.pt
HORÁRIO: 2ª a 6ª feira:
10h00 – 12h30 / 14h00 – 18h00;
sábado: 10h00 – 13h00;
encerra domingos e feriados

Propomos-lhe certamente um fim de semana diferente, aqui, onde os montes parecem acariciar as nuvens de algodão, que iluminam os riachos no fundo dos desfiladeiros, onde dizem… só de lá, é possível ouvir cantar as águas. Inicie este percurso no centro de Arruda dos Vinhos, a vila que o primeiro monarca português, D. Afonso Henriques (1139--1187), doou à Ordem de Santiago em 1172.

A mesma vila que tomou os vinhos por apelido, a mesma vila que esconde segredos árabes à sua espera… quer o seu nome derive do apelido germânico *Rut(h)a*, quer da planta de sabor acre *ruta* (*ar-ruta*). Em ambos os casos, a visita tudo dirá em contrário, porque aqui até o ar é doce! E do Vinho só o sabe dizer quem prova! E foram muitos os que já beberam dele… do vinho-néctar produzido das uvas colhidas nas cepas das encostas solarengas… do vinho--mel comprado nos mercados de Lisboa… do vinho-poesia, que Gil Vicente imortalizou no *Pranto de Maria Parda*.

Em Arruda dos Vinhos respira-se a ruralidade, que se alonga num horizonte de fazer perder o olhar. Não lembrasse o seu nome a arbustiva arruda que o viajante poderá encontrar no jardim oitocentista do Palácio do Morgado! É difícil encontrar o Morgado, a quem o dizem!? Mas decerto aprovaria a instalação do Centro Cultural do Morgado, porta de entrada nas Linhas de Torres Vedras, onde se encontra o Centro de Interpretação, o Posto de Turismo, a Biblioteca Municipal e a Oficina do Artesão. Impossível resistir! Bem sabemos… mas não poderá o viajante trazer todo o artesanato consigo!

Junto ao palácio, eis o chafariz do século XVIII, que hoje corre como os ponteiros do relógio, como todos os fins de semana correm e, ainda mais este, se não fosse o campo a travar as correrias da cidade! Da água da sua bica se encheram muitos cântaros. O chafariz era encimado por uma coroa régia de D. José, mas a coroa, por vontade dos populares, caiu com a monarquia.

Encontrando-se no vale de Arruda, é talvez altura de entrar na igreja matriz, templo de reconstrução quinhentista sob a invocação de Nossa Senhora da Salvação, que permaneceria em oração nos mais longos dias de 1810, entre 10 de outubro e 14 de novembro. Talvez o rei Venturoso tivesse

predestinado qualquer invasão do reino pelas tropas de Napoleão, quando, em inícios do século XVI, entre 1525 e 1531, substituiu Santa Maria de Arruda pela Senhora da Salvação. Na matriz, encontraram as tropas aliadas uma idosa morta de desgosto, a quem faltaram as forças para obedecer às ordens do visconde de Wellington, que impôs a cada habitante a retirada obrigatória de sua casa, a destruição das suas colheitas e o refúgio no interior das Linhas. Pena pesada a da *terra queimada* para quem consumiu quase todos os anos da sua vida!

Do vale é fácil erguer os olhos ao céu em direção aos montes e contemplar parte da "muralha": lá estão os Fortes do Cego [N.º 9] e da Carvalha [N.º 10] e, se o olhar o permitir, ainda se encontrará outro forte... e, depois, é perseguir a Linha, a Primeira Linha de Defesa a norte da cidade de Lisboa, que impediu a marcha do *Exército de Portugal*, sob o comando do marechal Massena, até Lisboa.

Mas estômago vazio é um destruidor de paisagens, que toma o belo por horrível! É tempo de experimentar a cozinha regional, e de procurar um restaurante... todos os viandantes conhecem os seus nomes! Depois do estômago saciado, um tempo para percorrer a vila, podendo o mais interessado recuar


Chafariz de Arruda dos Vinhos. Foto: CMAV


Igreja Matriz de Arruda dos Vinhos. Foto: CMAV

no tempo até à Baixa Idade Média ou fazer a viagem mais curta, apenas até ao século XIX. Neste tempo, no outono de 1810, a vila esteve ocupada pela Divisão Ligeira do Exército anglo-luso, comandada pelos capitães Simmons e Kincaid. Mas também aqui se cruzaram as tropas francesas, que prolongaram a sua estada na Quinta do Alcambar.

Poderá o viajante subir as encostas de urze, escalar a montanha, e caminhar por *serras de ar-ruta*, alimentando-se agora das paisagens coloridas pelos campos de searas e vinhas. Para tal, é melhor escolher outra estação e preterir o inverno, que a subida à serra exige um casaco, que também aqui o vento sopra e assobia! Terá de subir ainda mais... que o Cego e a Carvalha ficam no topo. E daqui poderá então avistar o Tejo de água salgada, que corre de mansidão no horizonte, a Ponte sobre o Tejo, inaugurada a 6 de agosto de 1966, que se ergueu numa gola do rio, o Palácio Nacional da Pena, no pico da serra de Sintra, e a serra de Montejunto. Haverá melhor quadro para deleitar o olhar!? Talvez não, mas há ainda todo o interior dos fortes construídos em 1810 para visitar: na Carvalha, as canhoneiras, para três canhões, o paiol, os traveses, o fosso... permitindo acolher 400 soldados. O Forte do Cego, para quatro canhões, permitia albergar 280 soldados.

Voltando a contemplar o vale, é tempo de libertar a imaginação! Imagine-se o vale intransponível pelas tropas de Massena. Imagine-se a vila assediada pelas tropas francesas, imagine-se ainda uma vila deserta, com escassos pedaços de gente, que alimentavam a fome de esperança, quando resignaram a qualquer fuga de suas casas. Aqui teve papel particular Craufurd, na sua defesa, a que não foi alheio o esforço das gentes que engrossaram as companhias de Ordenanças e Milícias.

Convidamo-lo agora a descer até à vila, espera-o um jantar e a noite na Quinta de Santa Maria, de onde poderá relançar um ou os mais diversos olhares em direção à montanha. Este é também um olhar do lado francês! Antes, porém, faça um novo percurso pelas ruas, em busca de histórias encantadas... quantos não conhecem a história da muralha de doze, catorze, dezasseis, dezoito, vinte e mais metros de altura, erguida pelos ingleses com a ajuda dos camponeses. Ficava a oeste da vila, dirão uns! E tinha quase cinco metros de

espessura, dirão outros! Era certamente a grande muralha, a montanha fortificada que Wellington mandou construir!


Vinhas de Arruda. Foto: CMAV

Poderá acordar cedo ou não, que os tempos não são os da guerra! Pela manhã, tomado o pequeno-almoço, poderá retomar o percurso dos desfiladeiros e ver pelos seus próprios olhos aquilo que os soldados franceses conseguiam apenas imaginar. Que privilégio! Siga em direção a Nossa Senhora da Ajuda, pela estrada nacional que liga a Arruda dos Vinhos à aldeia de Alrota e descubra os dois redutos da Segunda Linha de Torres só daí acessíveis, tomando a Estrada do Forte.

Sugerimos que siga pela estrada de terra batida até à bolsa de estacionamento e daí realize um curto percurso a pé até ao Reduto da Ajuda Grande. Este antigo caminho, permite igualmente aceder ao moinho, presentemente abandonado, testemunho de outros tempos, que também serviu, na época da Guerra Peninsular, como posto de observação.

Continuando o agradável trajeto, ladeado por vegetação arbustiva de cariz mediterrâneo, não estranhe, se for surpreendido pelo saltitar de um coelho bravo ou de uma lebre, ou até mesmo pela fuga atarantada de uma perdiz; chegará sem esforço, ao topo de um planalto, onde se localizam as duas posições militares da Ajuda.

A zona escolhida para implantação das fortificações da Serra de Alrota não poderia ter sido mais adequada: o planalto onde se encontram facilita o controlo visual de uma vastíssima área de vale. Este conjunto de obras militares controla uma importante estrada de ligação entre o Sobral, Arruda e Bucelas, comunicando visualmente com as posições de Calhandriz, Montachique, Ribas, Forte da Carvalha e Forte do Alqueidão.

Tanto o Reduto da Ajuda Grande [N.º 18], como o Reduto da Ajuda Pequeno [N.º 19] são obras militares incluídas na 2ª Linha defensiva. Funcionaram como posições avançadas desta, estabelecendo uma articulação com obras milita-


Escarpamento de Serves. Foto: Florbela Estêvão/CML

res da 1ª Linha; o seu propósito era de retardar o inimigo, na sua eventual marcha até à capital, caso este conseguisse transpor a primeira barreira.

Devido à sua posição avançada possibilitam uma excelente leitura territorial deste importante sistema defensivo. Voltando as costas para norte, terá no seu horizonte a elevação de Serves e a elevação dos Picotinhos, barreiras naturais, só transponíveis no vale do Trancão em Bucelas; ou então, contornáveis na serra da Aguieira, no sentido de Alverca. Ao longo das encostas destas duas elevações (Serves e Picotinhos), foram erguidas várias baterias, que defendiam a passagem do desfiladeiro de Bucelas. Nestas serranias, para reforçar a sua função defensiva, foram edificados escarpamentos com vários quilómetros de extensão [38º54'05,13"N; 09º08'33.14"W].

O Reduto da Ajuda Grande apresenta uma planta singular, composta por dois redutos acoplados, com três acessos ao exterior. Rodeado por um fosso (nalguns pontos escavado na rocha), possui no exterior, um través em cotovelo, que defende a entrada virada a norte. No interior do terrapleno, podemos observar um paiol, cinco canhoneiras e dois traveses; um deles, também em cotovelo, reforça a defesa das entradas. Ainda no terrapleno, a defesa dos acessos, era reforçada por paliçadas, que também guarneciam o interior do fosso.

O terraço, onde esta obra militar assenta, foi reconfigurado de modo a criar uma regularização escalonada em plataformas; aumentando o grau de dificuldade de acesso ao exército inimigo. No prolongamento do planalto da Serra da Alrota e situado mais a norte, poderá visitar o Reduto da Ajuda Pequeno, obra militar de pequena dimensão, à qual se acede por um trilho. Este reduto apresenta um fosso escavado na rocha, um través que defende a

entrada, um pequeno paiol e várias canhoneiras, direcionadas para a estrada militar que ligava Arruda dos Vinhos a Bucelas.

Para além da importância que estas obras encerram em termos históricos, quer seja na perspetiva militar, social e cultural, considera-se também ser um espaço de grande significado, no que se refere ao enquadramento geo-histórico.

Se detiver a sua atenção para os seus pés, irá identificar vários fósseis, também presentes nas pedras calcárias dos paramentos. Este tipo de afloramentos, com forte componente fossilífera, constitui uma preciosa informação, dando indicações tanto quanto ao seu enquadramento cronológico, como sobre o ambiente em que se formaram: neste caso, pode encontrar inúmeros registos fósseis de algas, esponjas, corais e conchas de bivalves.

Estas rochas sedimentares, formadas em meio marinho de águas calmas e pouco frias, passaram por vários movimentos tectónicos e de reajuste da morfologia da superfície terrestre. Ao longo da história geológica do planeta ocorreram em simultâneo fenómenos de dobramento e enrugamento dos complexos sedimentares, colocando-os a descoberto e em locais distintos da sua origem.

Concluída a visita, deverá voltar à povoação de Alrota e seguir na direção de Bucelas, cruzando sensivelmente a meio do itinerário, o portão da Quinta da Murta, produtora de vinhos e também local de turismo rural. Desta quinta poderá vislumbrar o lindo vale da ribeira do Boição e as encostas com os vinhedos, tão características desta região demarcada.

Em Bucelas, convidamo-lo a fazer uma pausa, para saborear a gastronomia local, acompanhada pelo famoso vinho Arinto, não esquecendo, para sobremesa, um doce regional: os deliciosos Arrepiados de amêndoa. Após



Reduto da Ajuda Grande. Canhoneira. Foto: CML



Panorama da serra de Serves e vale de Bucelas. Foto: Fernando Zarcos/CML

esta revigorada pausa, sugerimos um passeio pelas ruas e largos da vila de Bucelas, destacando o Largo do Coreto, com o seu lindo chafariz oitocentista que conserva a pedra de armas do Termo da Cidade de Lisboa; a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Purificação com o seu núcleo de Arte Sacra; as inscrições romanas do adro da igreja; o artesanato local e o Centro Interpretativo da Rota Histórica das Linhas de Torres.

Fontes escritas atestam que junto à Igreja Matriz [38º54'01,93"N; 09º07'08,56"W], esteve acampado debaixo de um pomar de cerejeiras um corpo do exército Anglo-Luso, local actualmente ocupado por casario. Na altura, Wellington usou o atual edifício onde funciona o Centro de Dia como seu quartel-general.

O Centro Interpretativo da RHLT em Bucelas promove de modo interativo o conhecimento sobre a História da Guerra Peninsular e o esforço da população civil na construção do sistema defensivo. Convidamos a descobrir quais os impactos das Invasões Francesas nas comunidades locais a partir do centro interpretativo. Contextualizando a falta de recursos derivados deste período conturbado da história nacional, irá encontrar ao seu dispor informação sobre o que visitar, onde comer e dormir.

Continuando a jornada, depois de fruir desta simpática vila, aconselhamos que siga em direção a Vila de Rei, pela EN116, até ao entroncamento do Mato da Cruz. Ao longo deste trajeto, terá à sua direita a imponente elevação



de Serves, muito declivosa, que desempenha um papel fundamental na individualização da região de Bucelas e na vigência de condições microclimáticas particulares. São estas características, associadas ao tipo de solos, que fazem de Bucelas o núcleo central de uma antiga região vinícola, atividade que marca de modo indiscutível a paisagem desta região.

No cruzamento de Mato da Cruz, siga na direção desta povoação, pela Estrada Municipal 1250-4 onde irá encontrar a indicação de Casal do Forte, estrada que o levará até ao Forte do Arpim [N.º 125].

Esta obra militar de planta poligonal rodeada por um fosso, conserva um través exterior, que protege o seu acesso. Embora seja uma construção em terra, o acesso foi reforçado por estruturas em alvenaria e as escavações arqueológicas confirmaram a existência de estruturas em madeira, nomeadamente dois postes, associados a um portão de entrada.

No interior do forte, existem várias canhoneiras construídas em terra (a maioria direcionadas para Calhandriz e outras para a serra da Aguieira), com vestígios de madeira que correspondem às plataformas sobre as quais se manobravam as peças de artilharia. Por oposição, o paiol, construído em alvenaria, é uma peça única devido ao seu excelente estado de conservação.

O Forte do Arpim [N.º 125] situa-se numa zona estratégica, com uma forte concentração de obras militares. No verão de 1810, Wellington apercebe-se



Percurso na serra da Aguieira. Foto: Carlos Silveira

que Alhandra podia ser contornada pelo desfiladeiro de Matos e pelo vale de Calhandriz, atingindo Alverca. E a partir de setembro 1500 homens constroem à esquerda da posição, ainda na 1ª linha, os quatro fortes de Calhandriz [N.os 121 A 124] que defendiam a única zona onde a artilharia podia contornar a posição de Alhandra.

Tal como o engenheiro militar John Thomas Jones escreveu no *Memorando* de 1829, os fortes das Linhas eram regra geral independentes uns dos outros: Calhandriz foi a única situação em que três fortes foram levantados para cruzarem fogo entre si e mutuamente defenderem um quarto forte avançado [N.º 121]. O Forte do Arpim, na retaguarda destes, fazia a ligação da posição de Calhandriz com as três obras da serra da Aguieira entretanto concluídas mais a sul [N.os 40, 41 E 42], já na 2ª Linha defensiva. Na frente dos fortes, o cume foi escarpado tornando-o inacessível ao inimigo, à semelhança de Alhandra, como Jones escreveu. Assim, fechava-se um arco defensivo que ia desde Calhandriz até Forte da Casa, junto ao Tejo, ligando as duas Linhas de Torres Vedras.

Para terminar o percurso dos Grandes Desfiladeiros, visite estes três fortes no topo da serra da Aguieira, que dominam com altivez toda a região. Não

se vai arrepender. Retome a EN116 até encontrar de novo o cruzamento de Mato da Cruz e siga em direção a Alverca. Escassos metros depois irá encontrar à direita o Morgado Lusitano, na quinta da Portela, topónimo comum aos fortes [38°54'15,748"N; 09°04'16,141"W]. Num edifício que remonta ao século XVIII, é um espaço de lazer que combina um centro de equitação, gastronomia e turismo rural. Estacione por aí e suba por um caminho que o leva aos fortes da Aguieira.

Subindo a estrada rural, junto à quinta, chegamos ao topo da serra. Imagine o esforço de centenas de camponeses e milicianos na construção destas obras, guiando com perseverança também os carros de bois que puxavam as peças de artilharia encosta acima, por caminhos que ninguém antes tinha transitado.

São três fortes que funcionavam em conjunto, constituindo-se quase como uma praça militar isolada no cimo da serra. Fechavam o flanco esquerdo do Distrito Militar nº 5, com quartel-general em Bucelas, dos sete definidos por Wellington à entrada das tropas nas Linhas.



Vista da Serra da Aguieira sobre Alverca e o rio Tejo. Foto: MMVFX

Visite primeiro o Forte da Aguieira [N.º 40]. Foi construído a partir de fevereiro de 1810 sob a direção do tenente Stanway, tal como os dois fortes vizinhos. Quando o exército napoleónico chega às Linhas, a 9 de outubro desse ano, as fortalezas nesta área da 2.ª Linha eram defendidas por corpos de milícias, ordenanças e artilheiros portugueses, apoiados na retaguarda pela 2ª Divisão do general Rowland Hill. Oito batalhões ingleses estavam prontos a socorrer a defesa de Alhandra, ou o corpo defensor principal no Sobral, em caso de revés. Marcavam também a sua presença cinco Regimentos de Milícias nacionais, sob o comando do coronel Carlos Frederico Lecor.

Daqui podemos ver os outros dois Fortes, virados espetacularmente para o rio Tejo e as suas lezírias. Defendiam penetrantes que o exército napoleónico podia atingir se rompesse a primeira Linha na zona de Calhandriz: uma progressão pelo desfiladeiro de Bucelas, seguindo o vale do rio Trancão, ou pelas estradas que conduziam a Alverca, ultrapassando assim a posição de Alhandra.

Todo este conjunto é um miradouro com vistas privilegiadas: a norte domina-se só com um olhar todo o vale de Bucelas, avistando-se ao longe a vila. A sul, vemos a cidade de Alverca, os mouchões do Tejo e a lezíria, com os montes de Calhandriz à nossa esquerda. Seguindo o rio com o olhar, depois de Alverca vê-se a cumeada da serra do Formoso e a vila de Alhandra, no arranque da primeira Linha de Torres Vedras. Esta é a zona das Linhas em que as duas estão mais próximas uma da outra. Aqui compreendemos com que vantagem as obras militares se implantaram na topografia acidentada desta região a norte da capital, e puderam defendê-la do exército enviado pelo poderoso Napoleão.

Aqui perto, não deixe de fazer uma visita ao Centro Interpretativo do Forte da Casa, instalado na esplanada interior de um forte da época [N.º 38]. É hoje o centro desta vila, acessível pela EN10, passando Alverca [VER PERCURSO *A DEFESA DO TEJO*]. Aqui próximo tinha início a segunda Linha de Torres Vedras, que subindo as encostas desde o rio Tejo atravessava os Grandes Desfiladeiros. [CGS, AC, PF, FE, CS]

FORTE DO CEGO
NÚMERO: 9
MUNICÍPIO: Arruda dos Vinhos
GPS: 38º58'08"N; 09º05'09"W
GUARNIÇÃO: 280 homens
BOCAS DE FOGO: 4 (1 de calibre* 12 e 3 de calibre 9)

FORTE DA CARVALHA
NÚMERO: 10
MUNICÍPIO: Arruda dos Vinhos
GPS: 38º58'22"N; 09º06'13"W
GUARNIÇÃO: 400 homens
BOCAS DE FOGO: 4 (2 de calibre 12 e 2 de calibre 9)

Localizado à direita do desfiladeiro de Matos, o Forte do Cego foi também designado por Forte de São Sebastião, mas tomou o topónimo do vizinho Casal do Cego. Possuía um elaborado sistema de drenagem composto por uma conduta de escoamento de águas pluviais de modo a evitar acumulação de água no seu interior.


Forte do Cego. Foto: CMAV

Por seu lado, o Forte da Carvalha constitui o ponto mais alto de todo o concelho, conservando-se as várias canhoneiras que albergavam pesadas peças de artilharia.
A missão de ambos era defender o vale de Arruda, cruzando fogos contra o invasor.


Forte da Carvalha. Foto: CMAV

* Peso da bala em libras, utilizado na época.

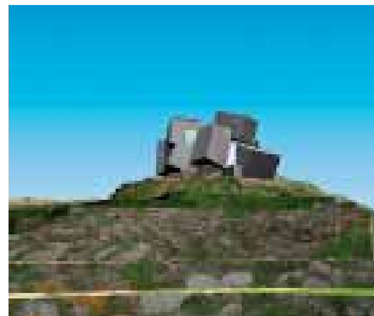


Foto: Florbela Estêvão/CML

REDUTO DA AJUDA GRANDE

NÚMERO: 18
MUNICÍPIO: Loures
GPS: 38°56'17,07"N; 09°07'43,56"W
GUARNIÇÃO: 300 homens
BOCAS DE FOGO: 4 (calibre 12)

Pertencia à Segunda Linha defensiva, inserido no 5º Distrito compreendido entre o rio Tejo, junto a Forte da Casa, e o desfiladeiro de Bucelas.
Localiza-se numa plataforma elevada a 311 m de altitude, designada na altura como serra de Santa Ajuda, hoje denominada como serra de Alrota.
A sua missão era bater na direita a estrada militar que vinha de Arruda dos Vinhos e permitia o acesso a Bucelas.
Em conjunto com o Reduto da Ajuda Pequeno [N.º 19], localizado na mesma plataforma mais a norte, tentava garantir o controlo de toda uma vasta área entre estas posições e o Forte da Carvalha, em Arruda, assim como as posições no vale de Calhandriz. Tem assim a particularidade de ser uma posição de retardamento da ação inimiga em caso de retirada da Linha Avançada.
É um local com um amplo campo visual, podendo o visitante avistar um grande número de outras obras militares, como o Forte da Carvalha, o Forte 4º de Calhandriz, o Forte do Arpim, os três Fortes da serra da Aguieira, e outros da Segunda Linha, localizados na serra dos Picotinhos, serra de Ribas ou nas cumeadas da Achada.



Escavações arqueológicas no Reduto da Ajuda Grande (2009). Foto: Florbela Estêvão/CML

REDUTO DA AJUDA PEQUENO

NÚMERO: 19
MUNICÍPIO: Loures
GPS: 38º56’24,22”N; 09º07’51,39”W
GUARNIÇÃO: 200 homens
BOCAS DE FOGO: 3 (calibre 9)

Conjugava a sua ação diretamente com o Reduto da Ajuda Grande (N.º 18), funcionado ambos como uma unidade que, localizada numa plataforma, dominava a estrada militar e um vasto campo visual de planícies, entre esta posição e o Forte da Carvalha [N.º 10].
Localiza-se na extremidade norte da serra de Nossa Senhora da Ajuda, atualmente serra de Alrota, a 305 m de altitude e tinha como missão bater com artilharia a estrada na sua direita.
Deste ponto são visíveis as povoações vizinhas: Nossa Senhora da Ajuda, Santiago dos Velhos e Bucelas, com a sua passagem no desfiladeiro do rio Trancão, e as principais estradas de acesso, que desta zona, permitiam a chegada a Lisboa.
É um local com um amplo campo visual, podendo o visitante estabelecer um contacto visual com um número vasto de outras obras militares, facilitando a interpretação da estratégia que precedeu à edificação deste sistema defensivo.
As duas obras militares da Ajuda representam sem dúvida uma posição avançada da Segunda Linha, fazendo no terreno e em profundidade a ligação entre as duas Linhas defensivas.



Foto: Florbela Estêvão/CML

FORTE DO ARPIM
NÚMERO: 125
MUNICÍPIO: Loures
GPS: 38°54’43,63”N; 09°04’56,18”W
GUARNIÇÃO: 250 homens
BOCAS DE FOGO: 4 (calibre 12)

Localizado no cimo de um pequeno outeiro, a 227 metros de altitude, foi construído com o objetivo de ligar as posições da Primeira Linha defensiva, no vale de Calhandriz, à Linha da retaguarda que se iniciava em Forte da Casa. Uma vez mais, estamos perante uma articulação não linear, que funciona mais em profundidade. Articulava a sua ação com o Forte 4º de Calhandriz [N.º 124], batendo a fogo cruzado toda a zona de vale que separa as duas posições e as principais vias de acesso. Para a defesa da estrada que permitia o acesso a Bucelas e a Alverca, esta posição articulava-se com os três Fortes construídos no cimo da serra da Aguieira [N.os 40, 41 E 42]. Desfruta-se de um amplo campo visual, podendo o visitante avistar outras obras militares na serra de Alrota, na serra de Serves, dos Picotinhos e de Ribas, incluindo o Cabeço de Montachique. Descubra o paiol com paredes em alvenaria, uma peça única devido ao excelente estado de conservação.



Paiol. Foto: Florbela Estêvão/CML

FORTE DA AGUIEIRA
NÚMERO: 40
MUNICÍPIO: Vila Franca de Xira
GPS: 38°54’01,472”N; 09°04’20,531”W
GUARNIÇÃO: 150 homens
BOCAS DE FOGO: não era munido com bocas de fogo, situação rara nos fortes das Linhas

Pertencia à Segunda Linha de Torres Vedras, fechando o flanco esquerdo da posição defensiva de Vialonga, que se ligava ao início da Linha junto ao rio Tejo, em Forte da Casa [N.º 38]. Está localizado no topo da serra da Aguieira, que controla os acessos à Portela. Destinado para tiro de fusil, tinha como objetivo cobrir os Fortes da Portela Pequeno [N.º 42] e Portela Grande [N.º 41] e para bater pelo fogo a frente da serra, por onde seguem as estradas de São Tiago dos Velhos e de Alverca para o Casal da Portela.



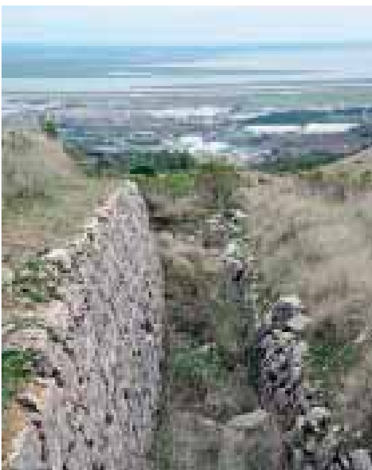

Forte da Aguieira. Parapeito e aspecto da abóbada original do paiol.
Fotos: CMVFX

FORTE DA PORTELA GRANDE

NÚMERO: 41
MUNICÍPIO: Vila Franca de Xira
GPS: 38º53'52,799"N; 09º04'17,320"W
GUARNIÇÃO: 240 homens
BOCAS DE FOGO: 5 (calibre 12)

FORTE DA PORTELA PEQUENO

NÚMERO: 42
MUNICÍPIO: Vila Franca de Xira
GPS: 38º53'56,920"N; 09º04'21,771"W
GUARNIÇÃO: 350 homens
BOCAS DE FOGO: 6 (calibre 12)



Foram construídos no topo da serra da Aguieira, uma elevação que domina o desfiladeiro de Bucelas, de onde se tem uma vista soberba sobre o rio Tejo e suas lezírias. Tinham como objetivo bater pelo fogo as frentes este e oeste dos terrenos da serra, mas sobretudo impedir a progressão inimiga pelas estradas que vinham de Alverca e de São Tiago dos Velhos e passavam pelo Casal da Portela. O forte nº 42, mais a norte, vigiava a estrada que, vinda do desfiladeiro de Bucelas, se dirigia para Alverca. Conjugava a sua defesa com o Forte do Arpim [N.º 125] construído posteriormente. Os fortes da Portela têm uma particularidade única nas Linhas de Torres: o paiol é coberto por uma abóbada em pedra, ainda hoje bem conservada, os restantes tinham, regra geral, cobertura de madeira.

Forte da Portela Grande. Foto: CMVFX

CENTRO DE INTERPRETAÇÃO DAS LINHAS DE TORRES

MUNICÍPIO: Arruda dos Vinhos
GPS: 38º59'03"N; 09º04'41"W

Localizado no *foyer* do Auditório Municipal, apresenta de forma multifuncional e interativa o contexto da Guerra Peninsular e as diversas fortificações militares do município, estimulando o visitante a conhecer e interpretar por si o riquíssimo legado de um território com história. Sob o mote *Arruda na Rota das Linhas de Torres* é ainda abordado o papel da vila e os episódios no contexto da 3ª Invasão Napoleónica.



Foto: CMAV

CENTRO INTERPRETATIVO DA ROTA HISTÓRICA DAS LINHAS DE TORRES

MUNICÍPIO: Loures
GPS: 38º54'10,14"N; 09º07'16,29"W
Rua D. Afonso Henriques, 2-4
2670 – 637 Bucelas
TEL.: [+351] 211 150 660
FAX: [+351] 211 151 702
E-MAIL: dc@cm-loures.pt
WEBSITE: www.cm-loures.pt
HORÁRIO: 2ª feira a sábado:
10h00 – 13h00 / 14h00 – 18h00


Foto: Florbela Estêvão/CML

Localizado no centro histórico de Bucelas, aqui o visitante é desafiado a entrar nas histórias de vida das pessoas comuns, propondo-se uma experiência de fruição de um território e das vivências das pessoas que o habitam. Inclui uma abordagem ao esforço da população civil da região na edificação deste importante conjunto patrimonial da arquitetura militar. Também se pode recolher informação sobre a oferta que constitui a Rota Histórica das Linhas de Torres, num incentivo à aventura, à caminhada, à descoberta do património e da natureza, em circuitos do município de Loures e do GR30 intermunicipal. Está instalado num edifício associado à história da atividade vinícola, o Museu do Vinho, que caracteriza toda a região demarcada de Bucelas.

CENTRO INTERPRETATIVO DO FORTE DA CASA

MUNICÍPIO: Vila Franca de Xira
GPS: 38º52'24,892"N; 09º03'26,672"W
TEL.: [+351] 926 531 121 / 263 280 351
HORÁRIO: 3ª feira a domingo,
9h30 – 12h30 / 14h00 – 17h30

Implantado no perímetro do Forte da Casa [N.º 38], no centro da atual vila que tomou o seu nome, o equipamento informa o visitante sobre o projeto da Rota Histórica das Linhas de Torres, divulgando conteúdos como a construção das duas Linhas de Torres Vedras, o impacto das Invasões Napoleónicas no concelho de Vila Franca de Xira e a relação do Forte da Casa com outras obras militares do Distrito Militar de Vialonga. Aí, o visitante pode também percorrer o interior das estruturas da fortificação, postas a descoberto por escavações arqueológicas em 2008 e 2010. Fosso, paiol e canhoneiras são visitáveis com o auxílio de painéis com sinalética informativa, que proporcionam um enquadramento histórico e material do monumento.



Foto: CMVFX

FESTIVIDADES



FESTEJOS DE NOSSA SENHORA DA SALVAÇÃO

[Arruda dos Vinhos]

→ 6 a 18 de agosto

Procissões, espectáculos musicais, festivais de folclore, mostras de artesanato, exposições, recriações históricas, corridas de toiros e largadas nas ruas da vila.

FESTA DA VINHA E DO VINHO

[Arruda dos Vinhos]

→ Início de novembro

Certame de gastronomia e vinhos, artesanato, espectáculos musicais.

CONCURSO DE GASTRONOMIA

[Arruda dos Vinhos]

→ Maio

Evento que promove novas receitas gastronómicas que, de forma inovadora, reforçam os sabores de Arruda.

FESTEJOS DE SANTO ANTÓNIO

[Arruda dos Vinhos]

→ 8 a 13 de junho

Arraiais populares, folclore, artesanato, corridas de toiros e largadas nas ruas da vila.

FESTIVAL DO CARACOL

[Arruda dos Vinhos]

→ Primeiro fim de semana de julho

Certame gastronómico dedicado ao caracol dinamizado pelas diversas associações do município.

FESTAS DO MUNICÍPIO DE LOURES

→ 26 de julho, feriado municipal

FEIRA MEDIEVAL

[Sacavém]

→ Setembro (sábado)

Animada por malabaristas, saltimbancos, música, gaiteiros e folguedos, o visitante pode comparecer trajado à época, seja com uma túnica árabe seja com um fato medieval, e tomar parte nas várias atuações e treinos dos homens d'armas, nas danças e jogos medievais ou iluminuras. Ponto alto da feira é a recriação da importante batalha entre o rei D. Afonso Henriques e o alcaide mouro de Sacavém, ocorrida no século XII junto a uma antiga ponte romana. E para que fique até ao final da noite e não perca o magnifico fogo de artifício piro-musical, refresque-se e experimente as saborosas iguarias medievais.

FEIRA SETECENTISTA

[Santo Antão do Tojal]

→ 27 de setembro, dia Mundial do Turismo

Durante um dia de festa a freguesia recua ao século XVIII e recebe dignamente el-rei D João V e a sua comitiva. Num festim que se inicia de manhã com uma feira de produtos da época, com apreciadas doçarias e enchidos, canta-se e dança-se. À tarde, após a chegada de el--rei, D. António de Almeida, primeiro patriarca de Lisboa, benze os sinos que depois seguem caminho para Mafra. O dia termina com um magnífico espetáculo de fogo preso.

FESTA DO VINHO E DAS VINDIMAS

[Bucelas]

→ Segundo fim de semana de outubro

Realizada desde 1988, é o grande evento popular da vila de Bucelas, visitado por milhares de pessoas, que descobrem a tradição da vindima bem ao jeito saloio. A música popular, o folclore, o artesanato e as várias exposições completam o cardápio que tem o seu ponto alto no desfile etnográfico realizado, sempre, no domingo. Está presente nos vinte e sete carros o ciclo ancestral da cultura do vinho, desde a “surriba”, altura em que a terra é cavada a um metro de profundidade para receber a vinha nova, até à taberna, onde se comercializa o produto final, passando pelo trabalho da videira sob o sol escaldante das encostas de Bucelas e pela confraternização proporcionada no almoço que marcava o término das vindimas.

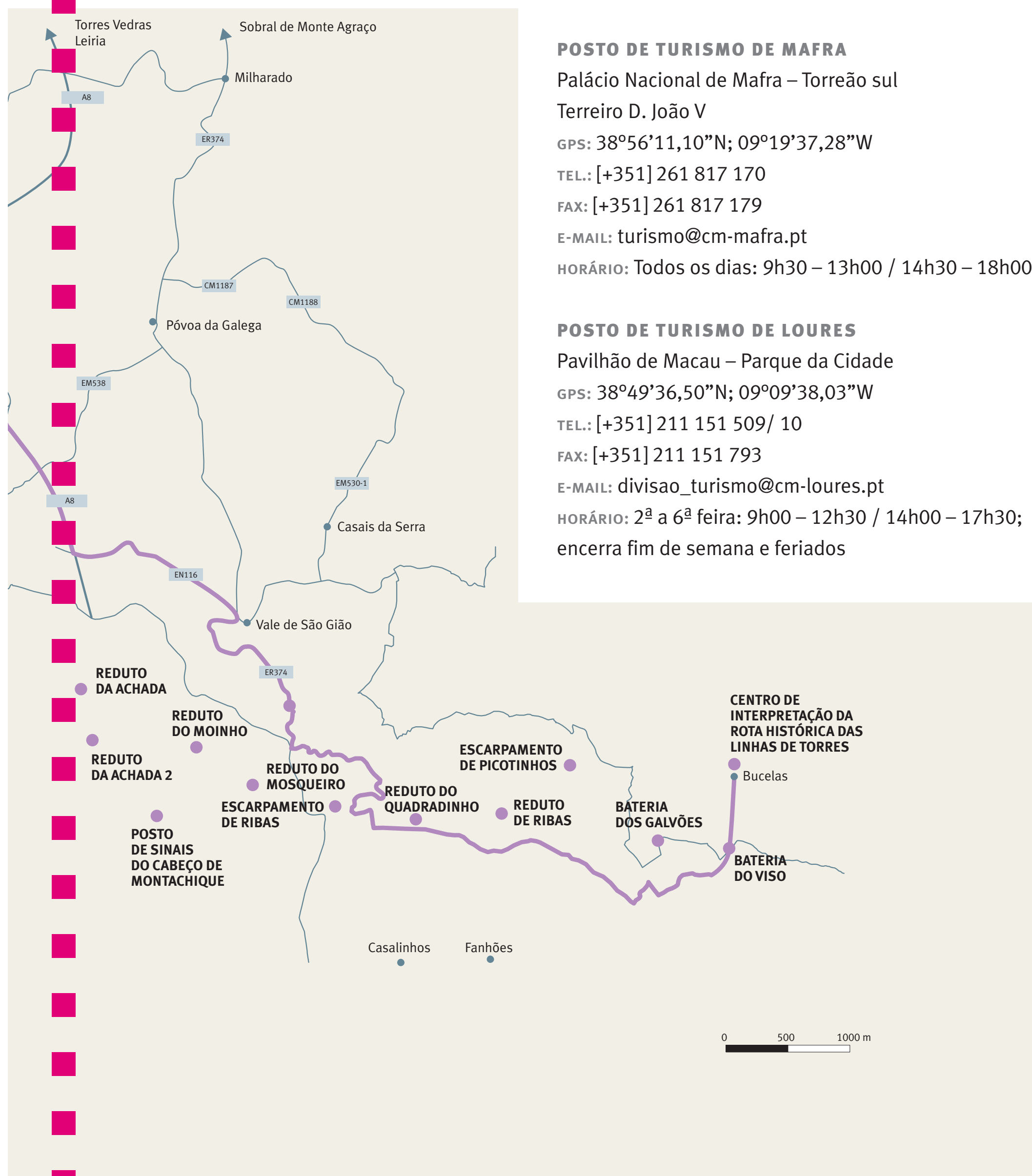
Gradil
Torres Vedras
EN8
Roussada
FORTE DE SANTA MARIA
Mafra
Ericeira
Asseiceira Grande
A21
FORTE DA FEIRA
FORTE DO MATOUTINHO
EM537
Matoutinho
EN116
Malveira
Mafra
Ericeira
Torres Vedras
Venda
do Valador
FORTE DA QUINTA
DO ESTRANGEIRO
Venda do Pinheiro
EM539-2
EN116
EM539
Casais da Serra
CM1206
Santo Estêvão
das Galés

COMO CHEGAR

→ De Lisboa ou do Porto: utilize a A8 com saída na Malveira.
→ De Faro: utilize a Via do Infante, depois a A12 até Lisboa e A8 até à Malveira.

→ Mafrense, Barraqueiro, Isidoro Duarte.

→ Linha do Oeste: paragem na Malveira.



POSTO DE TURISMO DE MAFRA

Palácio Nacional de Mafra – Torreão sul
Terreiro D. João V
GPS: 38°56’11,10”N; 09°19’37,28”W
TEL.: [+351] 261 817 170
FAX: [+351] 261 817 179
E-MAIL: turismo@cm-mafra.pt
HORÁRIO: Todos os dias: 9h30 – 13h00 / 14h30 – 18h00

POSTO DE TURISMO DE LOURES

Pavilhão de Macau – Parque da Cidade
GPS: 38°49’36,50”N; 09°09’38,03”W
TEL.: [+351] 211 151 509/ 10
FAX: [+351] 211 151 793
E-MAIL: divisao_turismo@cm-loures.pt
HORÁRIO: 2ª a 6ª feira: 9h00 – 12h30 / 14h00 – 17h30; encerra fim de semana e feriados

O conceito estratégico das Linhas de Torres Vedras assentava no controlo da rede viária de acesso a Lisboa, por onde chegaria o Exército Francês e retiraria o Exército Inglês, em direção às linhas de redutos. Os itinerários disponíveis eram principalmente a estrada real ribeirinha a partir de Alhandra e a estrada de Torres Vedras para Lisboa, com a variante por Montachique e Mafra. A zona da Malveira e Venda do Pinheiro é, assim, um verdadeiro nó das Linhas, onde se cruzam as estradas de Mafra e de Torres Vedras em direção a Lisboa. A rede de acessos e o acentuado relevo da região proporcionaram uma das maiores concentrações de fortes das Linhas de Torres.

Inicie o seu percurso na vila da Malveira. Atualmente a função de nó viário permanece em uso, entrecruzando-se aqui a A8 e a A21, estando ainda disponível um acesso ferroviário (Linha do Oeste).

Na Malveira concentram-se três fortes (Santa Maria, Feira e Malveira). Localizando-se na vila, este forte assumiu o nome da feira anual instituída por D. Maria I em 14 de dezembro de 1782 para compra e troca de gado. Face à enorme popularidade desta feira e ao desenvolvimento originado pela chegada do caminho de ferro, em 1945 decidiu-se pela realização de uma feira semanal, à quinta-feira. Hoje, o mercado da Malveira conserva uma grande popularidade na região: ali se transacionam produtos agrícolas, gado, ferramentas, vestuário, mobílias, pássaros ou velharias.



Chafariz no Largo da Feira. Ao fundo, o Forte do Matoutinho. Foto: CMM

Por altura das Invasões Francesas, o núcleo urbano da Malveira estaria restrito a uma área junto da capela de Nossa Senhora dos Remédios, mas a área anexa ao local onde se implantou o Forte era recorrentemente frequentada para a referida feira.

A partir do centro da vila (o Largo da Feira) poderá facilmente chegar à obra nº 66 situada na Rua do Forte.


Forte da Feira. Paiol após restauro. Foto: CMM

Oculto por árvores e casas, o Forte da Feira foi objeto de um prolongado processo de pesquisa arqueológica, dando a conhecer importantes estruturas e ocupações soterradas por metros cúbicos de sedimento. Na estrutura de acesso ao forte está disponível informação detalhada sobre este monumento, podendo escolher o seu percurso de visita. Sugerimos que siga a ponte de madeira e entre diretamente no interior do forte, chegando à zona de entrada, a qual estava protegida por duas estruturas de terra em cotovelo, reforçadas por uma paliçada. O percurso encontra-se marcado no terreno e evidencia-se desde logo o paiol posicionado em frente à entrada, com a proteção de um través.

A estrutura do paiol encontrava-se completamente coberta de terra antes da intervenção arqueológica mas é agora possível efetuar uma reconstituição integral desta estrutura a qual combinava terra compactada, muros em pedra, argamassa e madeira. A estrutura semienterrada era encimada por uma estrutura pétrea que suportava um telhado em madeira, encaixando em construção pétrea revestida a argamassa. O acesso ao paiol era efetuado através de uma rampa de madeira e o interior dispunha de um estrado de madeira para proteger a pólvora da humidade.

Rodeando o paiol, encontram-se posicionados vários traveses de protecção e, em direção à estrada Malveira-Lisboa, localizam-se as seis bocas de fogo. Foi selecionada para escavação e restauro uma das canhoneiras, a qual evidenciava um sistema construtivo com paramentos de pedra laterais e reparo pétreo para apoio de um estrado, parcialmente identificado.

Após percorrer todo o forte, poderá entrar no fosso, escavado na rocha, e ter uma perspetiva diferente deste tipo de estrutura.

Para concluir a visita, e apesar do Forte estar rodeado por árvores, convidamo-lo a posicionar-se em pontos de observação selecionados (marcados no terreno) e observar os fortes que tinham ligação visual: a este o Forte do Matoutinho [N.º 68] e a norte o Forte de Santa Maria [N.º 67].

Com efeito, na estrada entre a Malveira e Montachique praticamente todas as colinas foram selecionadas para o sistema defensivo da 2ª Linha.

A partir da Malveira, dirija-se então ao núcleo de Montachique, podendo previamente usufruir da gastronomia local. Deve seguir as indicações da autoestrada e entrar na A8 rumo a Lisboa. Outra alternativa será continuar pela EN8 em direção a Lousa, a partir da qual deverá dirigir-se à povoação de Cabeço de Montachique, pela EN374-2 e desta povoação, tomar o rumo de Lisboa.

Na povoação de Lousa, destacamos a Igreja Paroquial de São Pedro [38º53' 22,34"N; 09º12'23,35"W], que assume uma presença notória pela sua localização, à qual se acede por uma escadaria. De linhas simples, de uma só nave e com uma torre sineira, ligeiramente recuada, em relação ao plano da fachada principal, apresenta um portal lateral manuelino, datado de 1546.

Na povoação de Cabeço de Montachique, existiu um armazém, que assegurou parte do abastecimento do exército Anglo-Luso, durante a Guerra Peninsular. Localizado na povoação, o Reduto do Moinho [N.º 54], parcialmente destruído, garantia a defesa deste eixo viário, juntamente com os Redutos da Achada [N.os 60 E 61] e articulava diretamente com os redutos de Montachique [N.º 55] e do Mosqueiro [N.º 57], estes últimos inseridos em circuitos de visita.

Atravessando o núcleo urbano de Cabeço de Montachique, deverá prosseguir rumo a Loures, até ao Casal do Andrade, cruzamento que faculta o acesso a vários locais de interesse relacionados com a Rota Histórica das Linhas de Torres: o Observatório de Paisagem de Montachique, o Reduto de Montachique [N.º 55] e o Circuito de Ribas, que engloba o Reduto do Mosqueiro [N.º 57], o Reduto de Ribas [N.º 51], a estrada militar e o escarpamento de Ribas.

No Casal do Andrade, existem várias opções; poderá virar à sua direita e subir ao Alto do Mosqueiro, o ponto mais elevado do município de Loures, excelente observatório de paisagem, onde existiu um poste de sinais à semelhança

da réplica do semáforo da Serra do Socorro (Mafra); ou seguindo na direção de Casaínhos e conhecer as obras militares edificadas na serra de Ribas; ou ainda, escolher a direção do Freixial e visitar o Reduto de Montachique [N.º 55].


Estrada e escarpamento de Ribas. Foto: Florbela Estêvão/CML

O Alto do Mosqueiro é uma colina de basalto, testemunho de uma antiga chaminé vulcânica, constituindo um marco na paisagem. Neste lugar poderá observar para norte diversas povoações, o mosaico da paisagem e outras posições militares da 2ª Linha; para oeste, ao fundo na linha do horizonte, a magnífica Serra de Sintra; para sul e Leste, várias povoações como Caneças, Loures, Lisboa, o rio Tejo e a imponente Serra da Arrábida.

O Reduto do Mosqueiro [N.º 57] é a obra militar mais próxima deste observatório de paisagem, situada a escassos metros do cruzamento do Alto do Andrade, mais propriamente no início da denominada Estrada do Forte, via que estabelece a ligação entre esta posição militar e o Reduto de Ribas, localizado na extremidade desta cumeada.

À semelhança dos outros locais escolhidos para a edificação destas estruturas militares, o Reduto do Mosqueiro é mais um exemplo de um ponto privilegiado em termos de visualização para outras fortificações; simultaneamente de difícil acesso, com uma vertente bastante íngreme e que em articulação com outras posições próximas, possibilitava o controlo dos desfiladeiros de Montachique, Ribas e de São Gião.

O Reduto do Mosqueiro está implantando numa zona composta por formações margosas e calcárias, datadas do Período Cretácico, que são cortadas por uma intrusão de massa basáltica. Esta característica geológica está evidenciada nos paramentos da escarpa, que utilizam pedra calcária ou basál-

tica, conforme os materiais provenientes da abertura do fosso, que circunda a obra militar. Se observar com atenção, alguns calcários são detentores de registos fósseis, nomeadamente de conchas de bivalves.

O visitante poderá percorrer o fosso, que ainda conserva parte dos paramentos da escarpa, bem como da contraescarpa. Ao longo deste percurso irá verificar acentuadas diferenças do coberto vegetal, que circunda a obra militar: uma vegetação rasteira e de cariz mediterrânico, por oposição, a um coberto vegetal de maior porte, característico de zonas mais húmidas, semelhante à serra de Sintra.

No interior do reduto, destacam-se o través (que protege a entrada), o paiol e várias canhoneiras. No interior da praça militar, o visitante consegue visualizar os obstáculos naturais que, a norte, dificultam o acesso à capital, identificando várias obras militares na 2ª Linha defensiva, por exemplo o Reduto de Montachique, o Forte do Permouro e as posições da Achada; mas também algumas da 1ª Linha, como as posições de Calhandriz. Outra característica desta obra militar é a sua estreita articulação com o escarpamento de Ribas [38°53'48,52"N; 09°10'19,64"W] que reforça a linha defensiva de toda a cumeada, ligando esta posição militar com o Reduto de Ribas [N.º 51].

De seguida, sugerimos um pequeno percurso até ao Reduto de Ribas, prosseguindo ao longo da cumeada e palmilhando uma antiga estrada militar, ladeada pelo escarpamento de Ribas. Ao longo deste aprazível trajeto, a paisagem que se vislumbra caracteriza a zona rural do município de Loures; o predomínio de uma cobertura herbácea nas terras altas, contrastando com um mosaico de diferentes usos do solo, nas áreas de menor altitude. Outra característica desta região rural é o conjunto de sebes de vegetação, idêntico ao que se pode observar nos municípios vizinhos de Sintra, Mafra e Arruda dos Vinhos. Curiosamente, remetem para certas paisagens açoreanas ou britânicas. Na área envolvente do Reduto de Ribas subsiste uma vasta zona de orquídeas selvagens.

O Reduto de Ribas [N.º 51] é uma obra notável e possui uma vista magnífica. É possível, a partir deste local, estabelecer contacto visual com várias fortificações, como sejam as mais próximas de Montachique e da serra dos

Picotinhos, ou até as mais distantes, como as da serra de Alrota ou de Calhandriz. Aproveita parte do declive, como fosso; as escarpas são revestidas com paramentos de pedra calcária, assim como a zona da contraescarpa junto ao acesso da obra militar. No interior, os reparos são também em alvenaria e atingem uma altura média de 50 cm. Esta posição militar, tinha como principal objetivo proteger o flanco esquerdo do desfiladeiro do Freixial, em articulação com o Reduto do Quadradinho [N.º 50], localizado no flanco oposto.

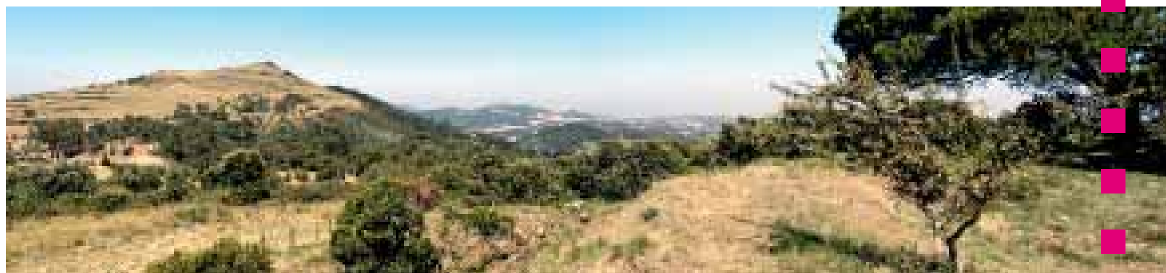
A partir deste local, poderá seguir a estrada militar descendo a encosta, até esta entroncar com a estrada municipal, que virando à direita, se dirige a Fanhões, ou que virando à esquerda, dá acesso às povoações de Ribas de Baixo, Freixial e Bucelas. Para completar a visita ao Nó das Linhas, sugerimos que rume em direção a Ribas de Baixo, subindo até Ribas de Cima e, desta povoação, até ao Parque Municipal de Montachique, onde se localiza o Reduto com a mesma designação. À entrada do Parque Municipal [38°54'06,88"N; 09°11'09,15"W], o visitante encontrará informação sobre o GR30, o troço deste percurso pedestre, correspondente ao território do município de Loures.

Este equipamento municipal oferece ao visitante um conjunto de atividades ao ar livre e serviços de apoio, sendo um excelente lugar para uma pausa repousante. O Parque Municipal de Montachique é essencialmente constituído por uma formação arbórea, onde se misturam pinheiros, eucaliptos, freixos, sobreiros e carvalhos-cerquinho. Da flora arbustiva podemos destacar o tojo-arnal, a urze-das-vassoras e o medronheiro. Neste contexto marcadamente florestal, podemos observar avifauna, como o pisco-de-peito-ruivo, o chapim, a carriça, ou o pica-pau-malhado-grande.

Localizado no interior do perímetro do Parque, o Reduto de Mon-



Percurso pedestre, desfiladeiro de Ribas. Foto: Florbela Estêvão/CML



Panorama do Reduto do Mosqueiro e Cabeço de Montachique. Foto: Fernando Zarcos/CML

tachique [N.º 55] apresenta um fosso escavado na rocha, que poderá percorrer durante a visita, e no seu interior, um pequeno paiol, um través e várias canhoneiras, direcionadas para o desfiladeiro de São Gião, defendendo assim, este eixo viário.

Concluído o percurso do Nó das Linhas, uma vez mais tem ao seu dispor duas opções: regressar a Lisboa, utilizando a EN8, ou mesmo a A8, ou descer até ao verdejante vale da povoação do Freixial, onde poderá conhecer a igreja de Nossa Senhora da Conceição, o seu jardim com um coreto e um magnífico chafariz oitocentista e rumar na direção da vila de Bucelas, rica em gastronomia e famosa pelo seu vinho.

Bucelas, capital do vinho Arinto, está inserida na "Rota dos Vinhos, Bucelas, Carcavelos e Colares". A fama do seu vinho é bastante antiga, mas durante a Guerra Peninsular ganhou renome internacional. Wellington ofereceu ao rei Jorge III de Inglaterra, vinho desta região, que foi muito apreciado, tornando-se o seu consumo um hábito da coroa inglesa.

O Centro de Interpretação das Linhas de Torres fica localizado no núcleo antigo da povoação de Bucelas (VER PERCURSO *GRANDES DESFILADEIROS*). Fornece ao visitante um conjunto de informação sobre as obras militares deste sistema defensivo construído no município de Loures; bem como dos circuitos de Alrota/Arpim, Ribas, Picotinhos e Serves, e do GR30; inclui também uma abordagem ao esforço da população na edificação deste importante conjunto patrimonial da arquitetura militar. [ACS, FE]


Paiol. Foto: CMM

FORTE DA FEIRA

NÚMERO: 66
MUNICÍPIO: Mafra
GPS: 38°56'08,78"N; 09°15'18,31"W
GUARNIÇÃO: 350 homens
BOCAS DE FOGO: 4 (calibre* 12)

Localiza-se no centro de um complexo conjunto de 19 redutos que controlavam as estradas e outros acessos a Lisboa, constituindo uma das maiores concentrações de redutos em toda a região das Linhas de Torres. Integrado na 2ª Linha, este eixo controlava a estrada real Torres Vedras – Lisboa e os itinerários para Mafra. A missão do Forte da Feira inseria-se no 6º Distrito Militar, com superintendência de Mafra ao Oceano Atlântico e com quartel-general em Mafra. A defesa do 6º Distrito era comandada pelo capitão Ross e o tenente Hulme.

REDUTO DE RIBAS

NÚMERO: 51
MUNICÍPIO: Loures
GPS: 38°53'43,54"N; 09°09'43,47"W
GUARNIÇÃO: 270 homens
BOCAS DE FOGO: 3 (calibre 12)

Localizado em Ribas de Baixo, freguesia de Fanhões, integra a 2ª Linha defensiva e ao conjunto de fortificações de campo que compunham o 6º Distrito, com quartel-general em Mafra. Está localizado no topo de uma plataforma calcária, a 300 metros de altitude, plataforma que foi reconfigurada e reforçada com a edificação de um escarpamento que acompanha toda a cumeada, ladeando igualmente uma estrada militar, que em alguns troços conserva o pavimento. Defendia o desfiladeiro do Freixial, o seu flanco esquerdo, articulando diretamente com outras obras militares, que permitiam a defesa do vale da ribeira de Ribas e do possível acesso a Fanhões ou, em alternativa, o acesso pelo desfiladeiro do Freixial e sua ligação a Bucelas, ao vale do rio Trancão. A par da defesa das principais estradas provenientes de Mafra e de Torres Vedras, este local permitia um controle muito eficaz dos desfiladeiros mencionados e de toda a plataforma de acesso fácil a Fanhões. Neste ponto, é fácil ao visitante interpretar o conceito defensivo de todo este Distrito, compreender a articulação das duas Linhas defensivas e fruir de uma magnífica paisagem marcadamente rural.


Escarpa e fosso. Foto: Florbela Estêvão/CML

* Peso da bala em libras, utilizado na época.

REDUTO DE MONTACHIQUE
NÚMERO: 55
MUNICÍPIO: Loures
GPS: 38º54’20,02”N; 09º11’7,71”W
GUARNIÇÃO: 250 homens
BOCAS DE FOGO: 2 (calibre 12)

Localizado no interior do Parque Municipal de Montachique, no topo de um outeiro rochoso a 273 m de altitude, insere-se no conjunto de fortificações de campanha que defendiam o 6º Distrito Militar, na Segunda Linha defensiva. Defendia o vale do Perneiro, a estrada de São Gião e, principalmente, a estrada de Mafra-Torres Vedras, pela qual se tinha acesso ao desfiladeiro de Montachique. Esta obra militar articulava-se com outras fortificações, tais como os Redutos do Mosqueiro e Moinho, bem como os da Achada.

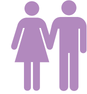

Canhoneira. Foto: Florbela Estêvão/CML

REDUTO DO MOSQUEIRO
NÚMERO: 57
MUNICÍPIO: Loures
GPS: 38º53’55,85”N; 09º10’57,49”W
GUARNIÇÃO: 270 homens
BOCAS DE FOGO: 3 (calibre 12)

Localizado no Casal do Andrade, freguesia de Fanhões, está inserido na 2ª Linha defensiva, fazendo parte do conjunto de fortificações de campanha que defendiam o 6º Distrito. Construído no topo de uma elevação rochosa, a 337 m de altitude, defende o desfiladeiro de Montachique, cobrindo o flanco direito do respetivo vale. Em articulação com as fortificações de Ribas, Montachique e Achada domina a principal via de acesso Mafra-Loures, ou mesmo Mafra-Montachique-Freixial, de ligação à várzea de Loures e consequentemente à cidade de Lisboa.
Próximo do Cabeço de Montachique, onde se localizava um poste de sinais, possui uma servidão de vistas excecional, abarcando no campo visual um vasto conjunto de fortificações da Primeira e Segunda Linhas defensivas, tendo o visitante como referência espacial mais longínqua a Serra do Socorro, onde estava outro poste de sinais.


Paiol. Foto: Florbela Estêvão/CML

LAZER



FEIRA DA MALVEIRA

[Mafra]

⟶ Feira semanal à 5ª feira

Herdeira da feira anual instituída em finais do século XVIII para comércio de gado bovino, o mercado que se realiza semanalmente no Largo da Feira tem hoje uma grande popularidade na região. Ao som dos pregões dos vendedores ali se transaciona tudo o que possa imaginar, desde os produtos hortofrutícolas da região saloia até ao vestuário, mobílias, artesanato e antiguidades.

PARQUE MUNICIPAL CABEÇO DE MONTACHIQUE

[Loures]

Cabeço de Montachique – Fanhões

2670-000 Lousa LRS

TEL.: [+351] 211 151 531

FAX: [+351] 211 151 774

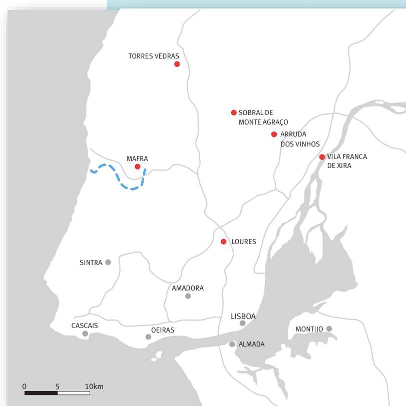
E-MAIL: parque_montachique@cm-loures.pt

WEBSITE: www.cm-loures.pt

GPS: 38º54’06,88”N; 09º11’09,15”W

São 32 hectares de floresta com características mediterrânicas. Equipado com polidesportivo, dois campos pelados de futebol e quatro campos de ténis. Dispõe também de sala para ténis de mesa, balneários, espaço para jogos tradicionais, circuito de manutenção, percursos na natureza e orientação, parque de merendas e café-restaurante. Aproveite para visitar as minas de águas férreas.

Torres
Vedras
Ribamar
Ericeira
EN116
A21
Fonte Boa da Brincosa
PONTE E ERMIDA
DA SENHORA DO Ó
FORTE DO
ZAMBUJAL
EM549
Zambujal
ER247
Carvoeira
Foz do Lisandro
FORTE DE
SÃO JULIÃO
EM546
Rio Lisandro
ER247
Sintra
0 500 1000 m



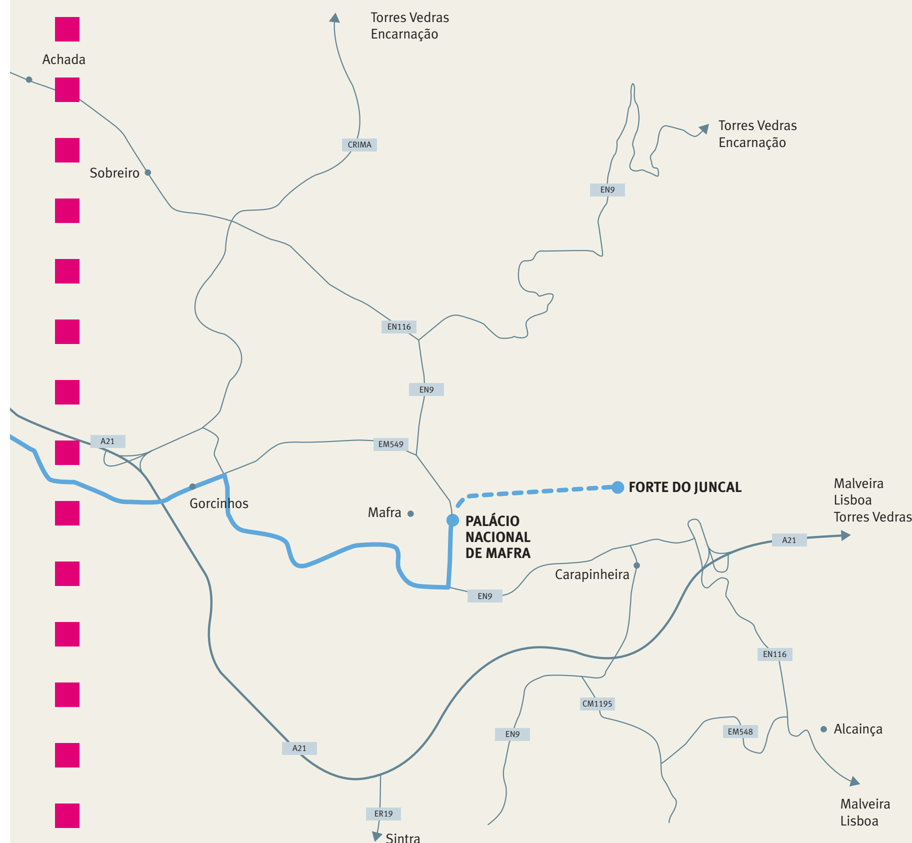
COMO CHEGAR



→ De Lisboa ou do Porto: utilize a A8 e a A21 com saída em Mafra este.
→ De Faro: utilize a Via do Infante, depois a A12 até Lisboa, depois a A21 com saída em Mafra este.



→ Mafrense.



POSTO DE TURISMO DE MAFRA

Palácio Nacional de Mafra – Torreão sul
Terreiro D. João V
GPS: 38°56'11,10"N; 09°19'37,28"W
TEL.: [+351] 261 817 170
FAX: [+351] 261 817 179
E-MAIL: turismo@cm-mafra.pt
HORÁRIO: Todos os dias: 9h30 – 13h00 / 14h30 – 18h00

POSTO DE TURISMO DA ERICEIRA

Rua Dr. Eduardo Burnay, 46
GPS: 38°57'46,50"N; 09°25'01,00"W
TEL.: [+351] 261 863 122
FAX: [+351] 261 864 136
E-MAIL: turismo@cm-mafra.pt
HORÁRIO: Todos os dias: 10h00 – 18h00

O Palácio Nacional de Mafra é, naturalmente, um local privilegiado para iniciar uma visita à Rota Histórica das Linhas de Torres, partindo da vila em direção ao mar. Este edifício constitui um dos principais cenários da História da Guerra Peninsular, tendo-se aqui sucedido alguns dos factos mais relevantes das Invasões Napoleónicas a Portugal.

Desde o princípio de 1805, o Real Paço de Mafra converteu-se na residência oficial do príncipe regente D. João, que aqui se refugiou dos problemas familiares e, sobretudo, da intensa pressão política exercida por França e Inglaterra sobre os domínios ultramarinos detidos por Portugal. Do período em que D. João residiu em Mafra, restam muitos testemunhos e histórias, destacando-se os seis órgãos da basílica, encomendados a Machado de Cerveira e Peres Fontana, inaugurados em outubro de 1807. Com as Invasões Francesas, iniciou-se um conturbado processo que levou ao desmantelamento dos órgãos, particularmente o de São Pedro de Alcântara, hoje restaurados após um longo processo de reabilitação, podendo ser vistos e regularmente ouvidos em concertos.

Foi no Real Paço de Mafra que se tomou a decisão da partida para o Brasil. A conceção e preparação da viagem tiveram lugar em Mafra, desde o verão de 1807, com a realização de vários Conselhos de Estado. Esgotadas todas as alternativas, a partida da Família Real para o Brasil constituiu, assim, a única solução perante o avanço dos exércitos napoleónicos, impedindo que o príncipe regente fosse deposto.

Durante a 1ª Invasão Francesa, Mafra converteu-se em quartel-general, inaugurando uma utilização militar do edifício que se mantém até à atualidade. A 8 de dezembro de 1807, instalou-se no palácio uma divisão do exército francês sob o comando do temido general Loison, conhecido entre a população como "o Maneta". A presença do exército francês em Mafra terá tido um grande impacto sobre a população, sujeita a constantes requisições de bens, à ocupação de casas e a alguns conflitos. Um memorialista local, Eusébio Gomes, relata alguns dos episódios da ocupação francesa, o mais marcante dos quais foi a execução de Jacinto Correia, um habitante mafrense que se revoltou contra as

usurpações dos soldados franceses. No Jardim da Alameda, situado na área sul anexa ao Palácio de Mafra, próximo do local onde Jacinto Correia terá sido executado a 25 de janeiro de 1808, foi colocada uma placa evocativa que transcreve as suas últimas palavras: *Se todos fossem como eu não sobrava um francês vivo*.



Palácio Nacional de Mafra. Foto: CMM

O final da primeira invasão foi igualmente registado em Mafra. Em 2 de setembro de 1808, o exército inglês entrou em Mafra, recebido com toques de sinos e carrilhões, tendo ficado acantonados na vila uma brigada de infantaria e um destacamento de cavalaria.

A partir de 1809, Mafra continuou a exercer um importante papel nas invasões francesas, particularmente na construção das obras defensivas. O tenente-coronel Richard Fletcher, comandante do Corpo de Engenheiros de Sua Majestade Britânica para as Linhas de Torres, possuía dois ajudantes – o capitão engenheiro William Ross, responsável pela principal linha de fortificação (instalado em Mafra), que veio a ser a segunda, e o tenente engenheiro Rice Jones, estabelecido na vila da Ericeira. Na construção dos fortes, colaborava o Regimento de Milícias da Figueira da Foz (com mais de 700 homens), acantonado na vila de Mafra, que tinha como propósito trabalhar nos redutos da Linha de Defesa.

Em vésperas da terceira invasão, em outubro de 1810, o Palácio de Mafra converteu-se também em Hospital Militar, instalado na enfermaria do Convento de Mafra. A Tapada de Mafra foi amplamente utilizada para obtenção de madeira e aí foram instalados armazéns de víveres, nomeadamente o gado necessário para o provimento do exército britânico.



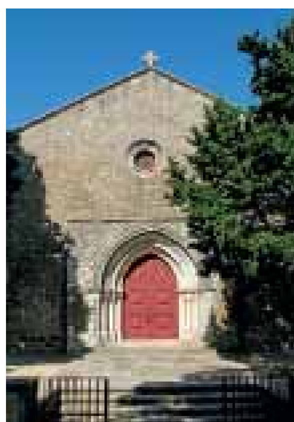
Inscrição do soldado E. Ryan do
XXIII Regimento dos Royal Welsh Fusilier.
Escola Prática de Infantaria. Foto: CMM

Com o final da terceira invasão, o marechal Beresford solicitou ao secretário de

Estado D. Miguel Pereira Forjaz, em maio de 1811, que instalasse o Depósito de Recrutas em Mafra, no "Convento e Paço Real da mesma Vila", provavelmente em funcionamento desde 1809, mantendo-se essa função de formação e treino até aos dias de hoje, com a Escola Prática de Infantaria, criada em 1887.

Para conhecer o cenário onde se desenrolaram estes acontecimentos, deverá dirigir-se ao Palácio de Mafra. No claustro sul, poderá visitar o Centro Interpretativo de Mafra, instalado no átrio, em área anexa ao Posto de Turismo. Aí poderá conhecer melhor a história das Invasões Francesas no município através de um filme e dos vários conteúdos disponibilizados no Centro Interpretativo. A visita poderá ser complementada no Palácio Nacional de Mafra, onde se conservam importantes marcas da presença da corte do príncipe D. João, nomeadamente os tetos pintados por Cirilo Volkmar Machado ou a Sala das Invasões, onde está reunido um conjunto de pinturas relacionado com esta temática. Mediante marcação prévia, poderá ainda visitar o Museu da Escola Prática de Infantaria, com temática militar, e visitar o Forte do Juncal [MEDIANTE MARCAÇÃO PRÉVIA PARA GRUPOS DE 10 PESSOAS], situado na Tapada de Mafra, o único forte das Linhas de Torres que manteve, até à atualidade, a sua utilização por unidades militares.

Partindo do Convento até às Linhas, poderá conhecer em Mafra uma parte considerável da 2ª Linha defensiva, a qual se encontrava implantada neste município, cruzando o território desde a faixa atlântica até às alturas da Tapada de Mafra. A importância desta área levou à construção de um grande conjunto de redutos, constituindo inicialmente a esquerda da Linha defensiva. Os trabalhos em Mafra desenvolveram-se entre fevereiro e outubro de 1810, estando todos os fortes edificados aquando da 3ª Invasão Francesa, contrariamente ao que sucedeu em outros Distritos.


Igreja de Santo André, antiga paroquial de Mafra, perto de Gorcinhos. Foto: CMM

Deste conjunto, podemos visitar troços selecionados da segunda linha, destacando-se o Circuito da Carvoeira junto ao Atlântico. A partir do Convento de Mafra, deverá seguir em frente, pela rua José Elias Garcia, pas-

sando pelo Largo do Pelourinho, até chegar à Vila Velha. Aí encontrará a igreja de Santo André, antiga paroquial de Mafra, mandada construir por D. Diogo de Sousa e sua mulher D. Violante Lopes Pacheco. É um templo gótico do início do século XIV. Seguindo em frente, contorne o cemitério e, após duas rotundas, sai de Mafra em direção à Carvoeira, pela EM549 passando em Gorcinhos (onde Jacinto Correia enfrentou os franceses em 1808) até chegar à localidade de Zambujal. Aí está assinalada a aproximação ao Forte do Zambujal. Pode chegar de carro, em caminho assinalado no interior do lugar do Zambujal ou optar pelo acesso pedestre, estacionando a sua viatura no vale do Lisandro em parque de estacionamento devidamente assinalado e aventurando-se a subir a íngreme encosta da Serra Gorda defendida pelo forte.



Vista do vale do Lisandro a partir do Forte do Zambujal. Foto: CMM

O Forte do Zambujal [N.º 95] apresenta uma traça única em todas as Linhas, com planta composta, constituída por reduto central e bateria avançada. Estas estruturas encontravam-se rodeadas por fosso de protecção e ligadas por túnel e acesso amuralhado. Este reduto foi alvo de uma extensa campanha de escavações e restauro em 2009, encontrando-se devidamente assinaladas, através de sinalética, tanto a explicação dos principais elementos do forte, como a apresentação dos resultados dos trabalhos arqueológicos, nomeadamente a presença de uma paliçada e de uma plataforma de madeira para artilharia.

O conjunto dos Fortes de São Julião [N.º 97], Carvoeira [N.º 96] e Zambujal [N.º 95] constitui o chamado núcleo da Carvoeira, conjunto autónomo a sul da segunda linha que tinha como objetivos a defesa das praias do Lisandro e de São Julião, apoiando a frota inglesa e o controlo da estrada entre Ericeira e Sintra.

O Forte do Zambujal defendia o desfiladeiro de Fonte Boa da Brincosa, o vale da Senhora do Porto (ou Senhora do Ó) e a estrada da Carvoeira.


Forte do Zambujal: túnel. Foto: CMM


Forte do Zambujal: recriação histórica (2010). Foto: CMM


Capela de São Julião, perto do forte com o mesmo nome. Foto: CMM

A partir do Forte poderá desfrutar da paisagem do vale do Lisandro na sua área vestibular, com os campos cultivados e os inúmeros elementos de interesse histórico e patrimonial.

Destacamos a ponte medieval da Senhora do Ó, construída presumivelmente no século XIV, destinada a ligar as duas margens do rio Lisandro. Implantada junto à ponte medieval, a Igreja de Nossa Senhora da Expetação do Porto da Carvoeira (conhecida como Senhora do Ó) deve ter também origem medieval, apesar de o atual conjunto ser o resultado de uma grande reforma, verificada nos séculos XVII e XVIII.

Conhecido como ribeira de Cheleiros ou rio Lisandro, este curso fluvial dispunha de um cais perto da atual capela de Nossa Senhora do Ó, onde se pensa que eram carregadas as embarcações de carvão rumo à capital. Terra de lendários eremitas, que procuraram o isolamento nas inóspitas falésias de São Julião, conta-se que uma das atribuições dos seus habitantes era a de montar sentinela a um facho de sinalização, que a tradição coloca na Idade Média e justificável ante o perigo muçulmano, mas que deve antes estar relacionado com a navegação marítima. Foi justamente um dos ermitões de São Julião que ocasionou a criação da lenda da existência de um "D. Sebastião" em finais do século XVI (Mateus Álvares), tendo poste-

riormente a revolta sido reprimida pelo exército filipino no vale da Senhora do Ó, com a execução do "falso D. Sebastião".

Para terminar o percurso, pode rumar ao Atlântico até à extremidade mais meridional da Segunda Linha. Deve retomar a EM549 em direção à Carvoeira e chegando à localidade, no cruzamento com a EN247, deve virar à esquerda em direção a Sintra. Subindo a estrada chegará a um cruzamento para São Julião/Valbom. Quando chegar a Valbom deve cruzar toda a localidade e próximo de um marco geodésico encontra-se o Forte de São Julião.

Localizado a sul da Ericeira, na elevação de Valbom, entre a praia de São Julião e a praia do Lisandro, o Forte de São Julião estava claramente em ligação com a armada inglesa que "fechava" a defesa das Linhas no Atlântico. Aqui se situava um telégrafo que comunicava com os navios e com terra, ligando-se a norte ao posto telegráfico sito no Forte da Lagoa [N.º 90] e a este no Forte do Sonível [N.º 75]. [ACS]



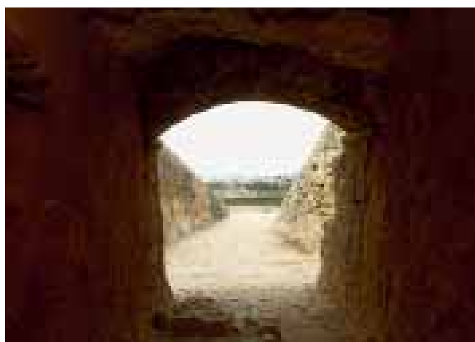
Foz do rio Lisandro, avistando-se o Forte de São Julião. Foto: CMM

FORTE DO ZAMBUJAL

NÚMERO: 95
MUNICÍPIO: Mafra
GPS: 38°56’57,74”N; 09°23’21,98”W
GUARNIÇÃO: 250 homens
BOCAS DE FOGO: 2 (calibre* 12)

Este forte defendia o desfiladeiro de Fonte Boa da Brincosa, o vale da Senhora do Porto (ou Senhora do Ó) e a estrada da Carvoeira. Apresenta uma planta composta, constituída por reduto central e bateria avançada, correspondendo a uma das mais elaboradas construções da 2ª Linha. A ligação à zona da bateria é efetuada por um túnel escavado na rocha. Conservam-se ainda parte dos degraus originais, estando a área preparada para visita. Esta estrutura é única no conjunto das Linhas de Torres, bem como o acesso revestido a pedra pelo qual se acede à bateria. Combina escavação da rocha com camisa em pedra, constituindo um dos elementos mais marcantes desta obra. Direcionada aos pontos de controlo e defesa do Forte do Zambujal, encontrava-se a bateria, onde se colocavam as duas peças de artilharia que estariam atribuídas ao Forte. Esta estrutura encontrava-se também rodeada por fosso e estava ligada ao acesso por uma paliçada, detetada nas escavações arqueológicas. A plataforma onde se colocavam as peças de artilharia estava guarnecida com quatro canhoneiras rasgadas no parapeito e uma plataforma em madeira também detetada nas intervenções arqueológicas.





Estrutura de acesso ao Forte do Zambujal. Projeto João Seabra Gomes; Saída do túnel e acesso muralhado. Fotos: CMM

* Peso da bala em libras, utilizado na época.

FORTE DE SÃO JULIÃO

NÚMERO: 97
MUNICÍPIO: Mafra
GPS: 38°56’13,55”N; 09°24’47,81”W
GUARNIÇÃO: 350 homens
BOCAS DE FOGO: 2 (calibre 12)

O Forte de São Julião apresenta planta em estrela, com estrutura em terra. Estão documentadas quatro canhoneiras, uma das quais posicionada na entrada. Apresentava ainda um mastro de sinais inserido no sistema de comunicações das Linhas de Torres, sendo provável que a verga fosse rotativa para comunicar para norte [LAGOA, N.º 80], para este [SONÍVEL, N.º 77] e possivelmente para oeste, comunicando com a esquadra inglesa que poderia fundear no Atlântico, junto à praia de São Julião.



Planta de Lourenço Homem (c. 1820). Col. GEA/DIE

O Forte de São Julião, em articulação com os restantes redutos da Carvoeira, tinha como objetivo cobrir a retirada pela foz do rio Lisandro e a estrada da Carvoeira. [VER N.º 95]

CENTRO INTERPRETATIVO DE MAFRA

Situa-se no Palácio Nacional de Mafra (junto ao Posto de Turismo Municipal), um importante cenário durante a Guerra Peninsular.
Em 1807, aquando da primeira invasão de Junot, o Palácio de Mafra constituía o Paço onde residia a Família Real portuguesa e, mais tarde, foi ocupado pelos exércitos francês, espanhol, britânico e português. Entre dezembro de 1807 e setembro de 1808, o Palácio e Convento de Mafra foi quartel-general da divisão francesa dirigida pelo general Loison. A partir de 1809, Mafra continuou



Centro Interpretativo de Mafra. Foto: CMM

a exercer um importante papel nas Invasões Francesas, particularmente na construção das obras defensivas,



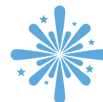


Centro Interpretativo de Mafra. Fotos: CMM

e em outubro de 1810 foi aqui instalado o Hospital Militar. Com o final da terceira invasão, o marechal Beresford, em maio de 1811, solicitou a D. Miguel Pereira Forjaz que instalasse o Depósito de Recrutas em Mafra, mantendo-se essa função de formação e treino até aos dias de hoje, com a Escola Prática de Infantaria, criada em 1887.
A temática do Centro Interpretativo será assim centrada nas várias forças militares presentes em Mafra durante a Guerra Peninsular e nos impactos locais.
O Centro Interpretativo está dividido em dois núcleos. Na área da Guerra Peninsular, poderá visionar um filme evocativo dos principais episódios que marcaram Mafra durante as Invasões Napoleónicas.
Na área das Linhas de Torres, poderá conhecer com pormenor a História e o Património e selecionar os seus percursos de visita.

CENTRO INTERPRETATIVO DE MAFRA
POSTO DE TURISMO DE MAFRA
Terreiro D. João V
2640 – 492 Mafra
TEL.: [+351] 261 817 170 / 261 819 711
GPS: 38°56’11,10”N; 09°19’37,28”W
HORÁRIO: Todos os dias: 9h30 – 13h00 / 14h30 – 18h00
Encerra na véspera e dia de Natal, dia de Ano Novo, domingo de Páscoa, 1º de maio, Feriado Municipal
E-MAIL: arqueologia@cm-mafra.pt
WEBSITE: www.cm-mafra.pt

FESTIVIDADES



CÍRIO DA SENHORA DA NAZARÉ
OU CÍRIO DA PRATA GRANDE

[Mafra e Nazaré]

→ Terceiro sábado de setembro

Principal festividade religiosa do Município, o círio realiza-se desde o século XVIII e envolve diversas comunidades municipais que recebem a imagem da Senhora de 17 em 17 anos para a levar em círio à Nazaré. A passagem da imagem à freguesia seguinte realiza-se nesse dia. Uma das características mais emblemáticas desta festividade são, a par da berlinda e cortejo equestre, as récitas das Loas do Círio da Senhora da Nazaré, uma manifestação de caráter performativo e vocal religioso.

QUINTA-FEIRA DA ESPIGA
OU QUINTA-FEIRA DA ASCENSÃO

[Mafra]

→ 40 dias depois da Páscoa

Solenidade da Ascensão de Cristo, esta festa é associada à benção dos campos (rogações), à renovação da vida, ao desabrochar da primavera e ao redobrar da energia da Natureza. O dia, feriado municipal, é assinalado por um passeio ao campo e pelo apanhar do ramo da "espiga", símbolo da felicidade e da abundância no lar.

SOLENIDADES DA QUARESMA

[Mafra]

Entre as quatro grandes procissões quaresmais de Mafra, ressaltam pelo seu valor patrimonial e artístico a dos Terceiros e a das Dores de Nossa Senhora, vulgo Burrinha. A primeira, instituída por D. João V, em 1740, e da autoria do escultor Manuel Dias – o Pai dos Cristos – constitui a maior manifestação actual de esplendor joanino e realiza-se no quarto domingo da Quaresma. A segunda, instituída em 1786, é a última obra da Escola de Escultura de Mafra e atrai pela variedade de cenas nos seus andores de grandes dimensões, realizando-se no Domingo de Ramos.



Retrato do duque de Wellington. Óleo sobre tela de Francisdo Goya (1812-14). National Gallery, Londres

ARTHUR WELLESLEY
1º DUQUE DE WELLINGTON
(1769–1852)

Foi um dos mais célebres chefes militares do século XIX, vencedor de Napoleão na Guerra Peninsular e na batalha final de Waterloo, em 1815. Ficou conhecido como o "Duque de Ferro" (Iron Duke) e tornou-se uma referência na História de Portugal, derrotando Napoleão por três vezes. Mereceu da coroa portuguesa os títulos de conde do Vimeiro, marquês de Torres Vedras e de duque da Vitória, único título de duque concedido a um estrangeiro. Enviado a Portugal em 1808, derrotou em agosto as tropas de Napoleão nas batalhas da Roliça e Vimeiro, e no ano seguinte na batalha do Douro, libertando o norte do país. Ficou ligado à construção das Linhas de Torres Vedras e, neste capítulo, é-lhe reconhecida a qualidade de grande estratega. Na 3ª Invasão Francesa, enquanto o inimigo se aproximava das Linhas, estabeleceu o seu quartel-general em Pero Negro, entre o Forte de Alqueidão, seu posto de comando e o Monte do Socorro, onde se situava a estação central de comunicações telegráficas. A inteligência do seu pensamento militar garantiu o desgaste sistemático das tropas francesas e a imponência do sistema defensivo erguido a norte de Lisboa contribuiu para a retirada do último exército enviado pelo Imperador dos Franceses, comandado pelo marechal André Massena.

WILLIAM CARR BERESFORD
(1768–1854)

Comandante-em-chefe do Exército Português de março de 1809 até à revolução liberal de 1820, Beresford gozou de poderes de governação na ausência da Corte portuguesa, refugiada no Brasil (1807-1821). Nomeado marechal do Exército em março de 1809, pelo Conselho de Regência, veio da Grã-Bretanha para reorganizar o exército português, após a primeira invasão francesa, preparando-o para resistir às tropas napoleónicas. O príncipe regente D. João concedeu-lhe os títulos de 1º conde de Trancoso (1811) e 1º marquês de Campo Maior (1812). Enérgico administrador, Arthur Wellesley sempre o preferiu como seu lugar-tenente. Em plena 3ª Invasão Francesa



William Carr Beresford, conde de Trancoso. Gravura de Bartolozzi, 1812. Col. Biblioteca Nacional de Portugal



Retrato do marquês de La Romana. Óleo sobre tela de Vicente Lopez y Portaña (c. 1800-10). In Magnus Mörner – *El marqués de la Romana y el Mariscal Bernardotte*. Villa y Corte: Centro de Estudos Políticos e Constitucionais, 2005

estabeleceu o seu quartel-general em Casal Cochim (Sapataria), a pouca distância do aquartelamento do Comandante Supremo das Forças Anglo-Lusas.

PEDRO CARO Y SUREDA MARQUÊS DE LA ROMANA (1761-1811)

O 3º marquês de La Romana era um homem ilustrado, recebendo formação nos mais distintos colégios e academias militares espanholas, indo das humanidades às línguas e à matemática.
Fez carreira na Marinha ingressando, posteriormente, no Exército, alcançado a patente de general.
Em julho de 1810, já ao comando do *Ejército de la Izquierda*, firmou um pacto de mútuo auxílio com o duque de Wellington. No decurso da 3ª Invasão Napoleónica esteve ao lado do Exército Anglo-Luso, nas Linhas de Torres, tomando posição entre a 1ª e a 2ª Linhas de defesa ao comando de duas divisões espanholas, perto de 8000 homens, que se instalaram em Enxara dos Cavaleiros e de seguida no Cartaxo. Faleceu nesta vila, a 23 de janeiro, antes do término da 3ª Invasão Francesa a Portugal. Wellington escreveu: “Perdi um colega, um amigo e um conselheiro, com quem mantive a mais feliz relação de amizade, intimidade e confiança”.

JEAN-ANDOCHE JUNOT
(1771–1813)

Embaixador de França em Portugal (1805), o general conhecia bem o território, a classe política e os costumes portugueses. Quando Napoleão lhe confia a missão de invadir Portugal, na sequência do desrespeito pelo Bloqueio Continental, Junot comanda o 1º Corpo de Observação da Gironda, um exército de cerca de 28 mil homens que atravessa Espanha e entra em território português a 19 de novembro de 1807.



Jean-Andoche Junot. Gravura francesa, século XIX.

No dia 30 chega a Lisboa, não conseguindo aprisionar a Família Real portuguesa que se transferira para o Brasil e ocupa como vencedor um país órfão. Napoleão fá-lo duque de Abrantes. As derrotas militares na Roliça e no Vimeiro, em agosto de 1808, obrigam à saída das tropas francesas de Portugal, ao abrigo da Convenção de Sintra.
Na invasão de 1810, Junot entra de novo no país à frente do 8º Corpo de Exército de *l'Armée du Portugal*, comandado pelo marechal Massena. Frente às Linhas de Torres Vedras, a sua guarda avançada ataca os postos de Spencer em Sobral de Monte Agraço, conseguindo, com êxito, ocupar a vila. Dois dias depois, Junot tenta romper os postos periféricos aliados junto a Seramena, na estrada de Sobral para Bucelas. A ofensiva não teve sucesso e resultou na perda de mais de uma centena de homens. Permanece frente às Linhas até 14 de novembro, data em que as tropas invasoras iniciam a retirada. A 17 de janeiro de 1811 é ferido com gravidade, por uma bala no rosto, durante a ocupação de Rio Maior pelas suas tropas.

ANDRÉ MASSENA
(1758–1817)

André Massena, príncipe de Essling, duque de Rivoli, foi um dos 18 marechais do Império, ambicioso e brilhante na tática militar. Napoleão chamava-o *Filho Querido da Vitória*. Ao comando da terceira invasão de Portugal em 1810, aventurou-se num país do qual nada sabia e teve uma relação conflituosa com os generais seus subordinados, sobretudo Junot e o marechal Ney. Comandante-chefe do exército mais numeroso das três invasões napoleónicas (cerca de 57 mil homens) tomou a praça de Almeida a 28 de agosto de 1810, após um cerco de curta duração. Foi derrotado por Wellington a 27 de setembro na batalha do Buçaco,



André Massena. Gravura francesa, século XIX.

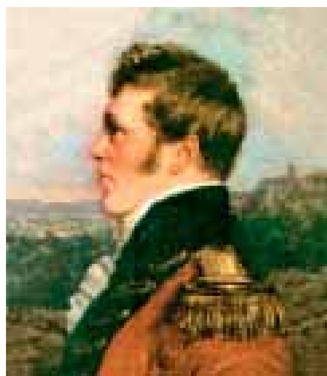
mas conseguiu tornear a serra e atingir Coimbra. A impotência do “Exército de Portugal” nas Linhas de Torres confirmou-lhe a impossibilidade de cumprir a missão que Napoleão lhe confiara, situação agravada pela política de terra queimada planeada pelo general inglês, e inicia a retirada definitiva do país em março de 1811. O malogro da 3ª Invasão Francesa a Portugal ditou praticamente o fim da sua carreira, recheada de triunfos noutros cantos da Europa.

JOSÉ MARIA DAS NEVES COSTA
(1774-1841)

Oficial do Real Corpo de Engenheiros, hábil desenhador e especialista em cartografia militar, foi o principal responsável pela carta militar da região de Lisboa, que levantou em apenas três meses (final de 1808 e início de 1809), a qual, acompanhada da sua *Memória militar sobre as posições defensivas do terreno vizinho e do Norte de Lisboa* (maio 1809), esteve na base do plano de Wellington e da construção das Linhas de Torres Vedras.

RICHARD FLETCHER
(1768-1813)

Engenheiro militar e tenente-coronel do exército inglês, em Portugal assumiu o comando do Corpo de Engenheiros de Sua Majestade Britânica. Em 1809, por despacho de Wellington, foi encarregado da direção das obras de fortificação das Linhas de Torres Vedras, tendo como adjunto o capitão John Thomas Jones, que o substituiu no verão de 1810, quando Wellington chamou Fletcher para junto de si. Na fase final da Guerra Peninsular dirigiu os cercos das cidades de Pamplona e de San Sebastián, local onde morreu em ação.



Tenente-coronel Richard Fletcher. Pintura inglesa, século XIX. Col. Royal Engineers Museum, Kent

		PORTUGAL NA GUERRA PENINSULAR	A GÉNESE DAS LINHAS DE TORRES
	1806	**21 DE NOVEMBRO:** Napoleão decreta o Bloqueio Continental.	
1ª INVASÃO	1807	**27 DE OUTUBRO:** Tratado de Fontainebleau, assinado entre França e Espanha, estabelece a divisão do território português em três partes.	
		17 DE NOVEMBRO: Entrada do exército francês em Portugal, pela Beira Baixa, sob comando do general Junot.	
		29 DE NOVEMBRO: Partida da Família Real do cais de Belém para o Rio de Janeiro.	
		30 DE NOVEMBRO: Chegada dos postos avançados do exército francês a Lisboa.	
	1808	**2 DE MAIO:** Levantamento do povo espanhol, em Madrid, contra o invasor napoleónico.	Estudo de terreno pelo Chefe da Engenharia Francesa, coronel Vincent, sob comando de Junot.
		9 DE MAIO: D. João, Príncipe Regente, declara formalmente guerra à França e reconhece a amizade do seu antigo e fiel aliado, a Grã-Bretanha.	
		17 DE AGOSTO: Batalha da Roliça: Perante um exército Anglo-Luso com cerca de 14 000 homens, em inferioridade numérica, os franceses retiram sob comando do general Laborde.	
		21 DE AGOSTO: Batalha do Vimeiro: Retirada do exército francês comandado pelo general Junot.	
		30 DE AGOSTO: Convenção definitiva para a evacuação de Portugal. Negociação para a saída do exército francês, sendo-lhe permitido levar todos os despojos e bens.	
		15 DE SETEMBRO: Embarque das tropas napoleónicas sob comando de Junot.	
2ª INVASÃO	1809	**6 DE MARÇO:** O exército francês, sob comando do marechal Soult, entra em Portugal por Chaves.	Morais Antas Machado, após a 1ª Invasão Francesa, apresenta uma memória para fortificação de Lisboa.
		29 DE MARÇO: Aquando do ataque à cidade do Porto ocorre o desastre da Ponte das Barcas.	
		18 DE ABRIL A 2 DE MAIO: As forças portuguesas do general Silveira defendem a ponte de Amarante.	**10 DE ABRIL:** Início da construção de fortificações em Torres Vedras, que integrarão a 1ª Linha.
		18 DE MAIO: O exército francês de Soult abandona Portugal por Montalegre.	**24 DE MAIO:** Neves Costa apresenta memorando com planos da Defesa de Lisboa.
			6 DE JUNHO: Entrega do memorando por Neves Costa ao Secretário da Regência na Repartição da Guerra.
			20 DE OUTUBRO: Memorando de Wellesley ao tenente-coronel Fletcher para o estudo e construção do sistema defensivo.
			3 A 8 DE NOVEMBRO: Início dos trabalhos nas grandes obras de fortificação: Fortes de São Julião da Barra, Alqueidão e São Vicente.
	1810		**5 A 10 DE FEVEREIRO:** Visita de Wellesley e Fletcher às Linhas de Torres e intensificação dos trabalhos de construção.
			17 DE FEVEREIRO: Arranque das obras de Mafra, Ericeira, Montachique, Bucelas, Vialonga, Alhandra, Ponte do Rol e São Pedro da Cadeira.

		PORTUGAL NA GUERRA PENINSULAR	A GÉNESE DAS LINHAS DE TORRES
3ª INVASÃO	1810	**17 de abril:** Napoleão cria, por decreto, *l'Armée de Portugal* (Exército de Portugal).	
		25 de abril: Início do cerco a Cidade Rodrigo.	
		29 de abril: André Massena é nomeado comandante-em-chefe de *l'Armée de Portugal*.	
		10 de maio: Massena chega a Valhadolide, onde encontra as tropas que integram *l'Armée de Portugal*.	
		10 de julho: Queda de Cidade Rodrigo.	**6 de julho:** O capitão John Jones substitui o tenente-coronel Richard Fletcher no comando do Royal Engineers. Reforço da 1ª linha de defesa e realização de obras complementares.
		24 de julho: Batalha do Rio Côa. Entrada do exército francês sob comando do marechal Massena. Primeira participação do exército português comandado por Beresford.	
		15 de agosto: Início do cerco a Almeida.	
		28 de agosto: Rendição de Almeida.	
		27 de setembro: Batalha do Buçaco: Vitória do exército Anglo-Luso comandado por Arthur Wellesley e consequente retirada das tropas aliadas para as Linhas de Torres Vedras.	**agosto-outubro:** Sob direção de Wellesley, reforçam-se as posições de Torres Vedras e Sobral de Monte Agraço.
		7 de outubro: Entrada dos corpos avançados dos exércitos aliados nas Linhas.	
		7-9 de outubro: Chegada dos corpos avançados das tropas napoleónicas defronte da 1ª Linha.	Aquando da chegada do exército francês estavam construídas 126 obras de fortificação, tendo prosseguido os trabalhos de construção até 1812, atingindo um total de 152 fortificações.
		10 de outubro: Combate de Alenquer. O exército francês chega às Linhas de Torres Vedras, dois dias após a chegada do exército aliado.	
		12 de outubro: Combate do Sobral de Monte Agraço, seguido de escaramuças nos dois dias seguintes. Confrontos no interior da povoação com vantagem para os franceses. Chegada do quartel-general de *l'Armée de Portugal* às Linhas de Torres Vedras.	
		13 de outubro: Combate de Dois Portos (Torres Vedras). Batalhão aliado ataca Divisão francesa.	
		14 de outubro: Combate de Seramena (Sobral de Monte Agraço). Ataque da artilharia francesa a barricadas anglo-lusas.	
		14 a 16 de outubro: Combates de Alhandra. Os ataques franceses sobre a vila são repelidos pelo Regimento de Infantaria 12.	
		28 de outubro: Combate do Bulhaco.	
		1 de novembro: Combate de Runa.	
		14 de novembro: Início da retirada do exército de Massena, prolongando-se até 19.	
	1811	**4 de março:** Início da retirada de *l'Armée de Portugal* do território português.	
		4-8 de abril: Massena atravessa a fronteira de Portugal por Aldeia do Bispo.	
		10 de maio: Evacuação da guarnição francesa de Almeida sob o comando do general Brenier. Saída definitiva de Portugal das tropas napoleónicas.	
		17 de dezembro: Arthur Wellesley, duque de Wellington, é agraciado com o título de marquês de Torres Vedras.	







Ilustrações: Pedro Ramos/CMM

1. FOSSO
O fosso é um obstáculo que se constrói pela escavação do terreno à frente do parapeito, com o intuito de dificultar a aproximação do atacante; podendo apresentar paliçadas.

2. ESCARPA/CONTRA-ESCARPA
Taludes laterais do fosso.

3. PARAPEITO OU REPARO
Maciço de terra compactada levantado em torno da fortificação (na magistral), usando a terra que resulta da escavação do fosso. Serve para encobrir ao inimigo a manobra das peças e para proteger das balas.

4. BANQUETA
Pequena plataforma ou degrau, localizado na parte interna do parapeito, permitindo aos soldados fazer fogo sobre o parapeito.

5. PRAÇA DE ARMAS
Esplanada localizada no interior da obra militar.

6. TRAVÉS
Construção de terra compactada para proteção do fogo inimigo.

7. CANHONEIRA
Abertura onde eram colocadas as bocas de fogo

8. PLATAFORMA
Estrutura de madeira para base da bateria de tiro.

A. ATIRADOR

B. ARMAS DE FOGO
Os atiradores dispunham de carabinas *Baker* e de mosquete *Brown Bess*.

C. ARTILHARIA

